

CAMILA DA COSTA OLMOS BUENO

**GRUPO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA
JOVENS: UMA PROPOSTA FENOMENOLÓGICA**

PUC- CAMPINAS

2009

CAMILA DA COSTA OLMOS BUENO

**GRUPO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA
JOVENS: UMA PROPOSTA FENOMENOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência. Orientador: Prof. Dr. Mauro Martins AmatuZZi

PUC- CAMPINAS

2009

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t158.6
B928g Bueno, Camila da Costa Olmos.
Grupo de orientação profissional para jovens: uma proposta
fenomenológica / Camila da Costa Olmos Bueno. - Campinas: PUC-
Campinas, 2009.
167p.

Orientador: Mauro Martins AmatuZZi.
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas,
Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui anexos e bibliografia.

1. Interesse profissional. 2. Orientação profissional. 3. Qualificações
profissionais. 4. Escolha (Psicologia). 5. Profissões - Desenvolvimento.
I. AmatuZZi, Mauro Martins. II. Pontifícia Universidade Católica de
Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia.
III. Título.

22.ed.CDD - t158.6

CAMILA DA COSTA OLMOS BUENO

**GRUPO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA
JOVENS: UMA PROPOSTA FENOMENOLÓGICA**

BANCA EXAMINADORA



Presidente Prof. Dr. Mauro Martins Amatzuzi



Prof^a. Dr^a. Lucy Leal Melo-Silva



Prof^a. Dr^a. Maria Adelina Biondi Guanais

PUC-CAMPINAS

2009

“(...) tudo pode ser tomado de um homem, menos uma coisa: a última das liberdades humanas - a de escolher a sua própria atitude, sob qualquer das circunstâncias dadas, a de escolher o seu próprio caminho”.

(Viktor Frankl).

Dedico esse trabalho ao meu filho Henrique, que nasceu em meu ventre junto ao início do curso de Mestrado e desde que era uma sementinha me acompanhou em todas as etapas vividas nesse CAMINHAR.

Agradecimentos

Ao meu marido e companheiro Gustavo, que ao longo de nossos catorze anos de união, me mostrou o verdadeiro sentido da palavra COMPARTILHAR.

Ao meu filho Henrique, que nasceu em meu ventre juntamente com esse trabalho e que me ensina a cada dia a ser mais e mais.

Aos meus pais Alfredo e Marisa, por terem me convidado a fazer parte do palco da vida e por todos os ensinamentos.

À minha irmã Patrícia, que se fez imensamente presente na vida de meu filho durante este trabalho.

Aos meus avós Milton e Lourdes (in memorian) que sempre acreditaram em meus recursos e potenciais.

Ao Mauro Amatuzzi, meu orientador do coração que demonstra que sua baixa estatura é o menos importante face à grandeza do HUMANO que existe atrás dela. Agradeço também pela orientação dedicada e afetuosa e pela força nos momentos de inseguranças.

À Vera Cury, que no papel de supervisora clínica no estágio do quinto ano, me deu a oportunidade de trabalhar com um grupo de crianças, me mergulhando assim no universo do “facilitar”. Agradeço também por suas imensas contribuições no exame de qualificação.

À Gilcinéia Almeida, que me ensinou seu modo de trabalhar com Orientação Profissional.

À Adelina Guanais, por ter, no exame de qualificação, apontado questões fundamentais.

À Érica, por ter me ajudado como co-facilitadora do grupo deste estudo.

À Thaís, amiga do coração, por sempre ter demonstrado pleno incentivo a esse importante passo da minha vida “Amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito”!

Aos amigos de Mestrado Helen, Maria Amélia, Paulinha e Pedro: por todos os momentos de troca e presença.

À Maria Eufrásia pelas caronas para a faculdade.

Às amigas Vásti, Marília, Priscila e Mariana que sempre manifestaram força e apoio a esse trabalho. Embora distantes, nos fazemos presentes em nossas preciosas e significativas lembranças.

Aos professores e funcionários do programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas, pela oportunidade de aprendizado e de convivência.

Às adolescentes que participaram deste estudo pela valiosa experiência de aprendizado e troca mútua. Aprendi muito com vocês...

A CAPES, que viabilizou financeiramente a realização deste trabalho.

A Deus, por todas as bênçãos derramadas em minha vida!

Bueno, C. C. O (2009). "Grupo de Orientação Profissional para jovens: uma proposta fenomenológica". 167 pp. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia. PUC-Campinas.

RESUMO

Este trabalho pretendeu fazer um estudo exploratório do potencial do grupo fenomenológico em relação à escolha profissional, descrevendo e compreendendo como se apresenta a experiência e os sentimentos de adolescentes frente à etapa de vida em que se espera que escolham uma faculdade. Especificamente a prática aqui apresentada se estrutura através de um trabalho não-diretivo de orientação profissional por não partir de um programa de pré-estabelecido. Os encontros foram construídos na relação entre a pesquisadora e os participantes. Foram realizadas cinco sessões de noventa minutos com o grupo, uma vez por semana. O grupo foi facilitado pela psicóloga-pesquisadora, auxiliada por outra psicóloga. Os registros para a análise foram as Versões de Sentido escritas pelas integrantes do grupo e os relatos das ocorrências de cada encontro escritos pela pesquisadora. Conclui-se que o processo de orientação profissional não- diretivo é uma prática que permite a ampliação do autoconhecimento, aumentando o potencial de escolhas pessoais.

Palavras-chave: *orientação profissional; grupo não-diretivo; estudo fenomenológico.*

Bueno, C.C. O (2009). "Career consulting for teenagers: a phenomenological proposal". 167 pp. Master's Degree Dissertation. Postgraduate program in Psychology. PUC-Campinas.

ABSTRACT

The intent of this paper was to study in an explicatory way the phenomenological group potential related to career choices, describing and comprehending teenagers as they present their experiences and feelings when choosing a career and university/college. The practice here presented is specifically structured through a non-directive work of career consulting as it is not a part of a pre-established program. The data meetings were built through the relationship between researcher and participants. The meetings were settled once a week, for ninety minutes each, totalizing five meetings. The group was facilitated by the researcher-psychologist, with another psychologist as co-facilitator. The data acquired in this study for analyzes were the felt sense reports written by the participants and the narratives of experiences written by the researcher in each meeting. In conclusion, the non-directive career consulting is a practice that allows the increase of self-knowledge, extending the potential of personal choices in this matter.

Key words: *career consulting; non-directive group; phenomenological study*

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	iv
AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
I. APRESENTAÇÃO.	11
II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1. Contextualização da Orientação Profissional	15
2.1.1. História da Orientação Profissional	15
2.1.2. O que é Orientação Profissional	25
2.1.3. O Contexto Atual da Orientação Profissional e das profissões	28
2.2. Questões Implicadas na Orientação Profissional	33
2.2.1. O adolescente no processo de escolha: Identidade, Liberdade e Responsabilidade	33
2.2.2. Influências Sociais	37
2.3. A Abordagem Proposta para Orientação Profissional	41
2.3.1. O grupo	41
2.3.2. O orientador	43
2.3.3. O processo não-diretivo	44
2.4. Objetivos	46
2.4.1. Geral	46
2.4.2. Específicos	46

III - MÉTODO	47
3.1. Colaboradores	48
3.2. Procedimentos	50
3.3. Formas de Registro	51
3.4 Sobre a análise	53
IV - SÍNTESE DE RESULTADOS	54
4.1. Fluxo Vivencial dos encontros	54
4.2. Fluxo Vivencial de cada participante	60
4.3. Etapas percorridas pelo grupo	68
V - DISCUSSÃO	80
VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
6.1 Conclusões	96
6.2 Sugestões	97
VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
VII - ANEXOS	105
Anexo 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	106
Anexo 2- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Responsáveis	108
Anexo 3- Narrativas	110
Anexo 4- Versões de Sentido de cada encontro	143
Anexo 5- Versões de Sentido reescritas para análise	156
Anexo 6- Mensagens do grupo eletrônico	160

APRESENTAÇÃO

Essa é uma história que teve início há dez anos atrás. Nesse tempo, eu era ainda uma adolescente na eminência do vestibular. Carregava no coração uma escolha profissional: Psicologia. A curiosidade e o fascínio pela carreira se confrontavam com as pressões familiares que sofria. Cedi. Mesmo já tendo sido aprovada em Psicologia, iniciei um outro curso que eu não gostava.

Passados seis meses, já estava fazendo curso pré-vestibular e lutando novamente pelo meu sonho. Nessa época, o curso preparatório para vestibular oferecia orientação profissional em grupo. Resolvi viver o processo, a fim de confirmar minha opção.

Posso dizer que vivi ali um encontro maravilhoso comigo mesma e com os outros participantes do grupo. Pude perceber que eu não era a única que vivenciava aqueles problemas. As questões eram semelhantes, mas o dinamismo de cada um para lidar com elas era diferente. Quanta troca e aprendizado!

Aquele universo grupal me mostrou a importância e a força do coletivo e como já não fosse o bastante, me identifiquei com o trabalho da orientadora profissional. Após essa experiência, percebi que eu não precisava me sentir culpada por ter perdido tempo da minha vida com os meus erros. Hoje, olhando para trás e vendo minha jornada, percebo que tudo estava no lugar certo e na hora certa.

Depois de estar formada, mais precisamente em 2006 iniciei um trabalho voluntário enquanto psicóloga em uma instituição religiosa que tinha o objetivo

de auxiliar jovens na escolha profissional. Realizei tanto atendimentos individuais como trabalhos em grupo. No início dessa experiência colocava em prática a maneira como havia aprendido a trabalhar na área de orientação profissional durante a graduação, a qual utilizava algumas técnicas e instrumentos. Essa experiência foi me mostrando que os jovens acreditavam que eu era detentora da verdade, esperando que eu lhes desse a direção total do seu destino.

Com o passar do tempo fui percebendo que uma prática que visa apenas sínteses entre habilidades individuais, aptidões e características de profissões trabalha em favor da conformação do sujeito e não de sua liberdade e autonomia, tendo então, uma visão reducionista e pessimista deste. Isso gerou em mim grande desconforto interno e uma reflexão crítica sobre minha prática profissional, pois eu estava fazendo algo que não condizia com minha visão de homem, enquanto ser livre e singular. Comecei, então, a desenvolver uma maneira própria de trabalhar, valorizando no jovem sua capacidade de reflexão, de liberdade de escolha e conseqüentemente, de responsabilidade pela mesma.

Considero que a experiência como orientadora profissional nessa instituição religiosa foi fundamental para a idéia desse estudo. Quando decidi participar do Mestrado em Psicologia na PUC-Campinas, tinha como objetivo elaborar um projeto de dissertação de cunho fenomenológico que envolvesse uma prática de orientação profissional não-diretiva, num processo de valor terapêutico para os participantes.

No entanto, quando comecei a fazer parte deste programa de Mestrado em 2007, várias reflexões e discussões surgiram junto ao meu orientador e a meu

grupo de pesquisa, as quais me permitiram amadurecer o tema do projeto de dissertação. O objetivo dessa pesquisa consistiu em fazer um estudo exploratório do potencial do grupo fenomenológico em relação à escolha profissional. Dessa forma, não pretendi montar um programa com procedimentos e sim descrever a possível fecundidade do atendimento não-diretivo em orientação profissional. Vale ressaltar que este estudo também se preocupa em compreender as experiências e os sentimentos de adolescentes frente ao momento de decisão profissional. Isso foi feito numa experiência grupal com adolescentes interessados em conversar sobre suas vivências relacionadas à decisão profissional.

Minha experiência como orientadora profissional mostrou ainda que o jovem sofre inúmeras influências e pressões durante o processo de formação do seu projeto de vida: família, amigos, escola, vestibular. Estes, por sua vez, pressionam o jovem a ser aprovado, o que me permite dizer que o vestibular exerce pressão social sobre o indivíduo, já que não adianta somente ter uma escolha profissional formada; é preciso ser aprovado para ingressar em uma instituição de ensino superior de qualidade.

Percebo que diante de tantas pressões, os jovens que estão frente à escolha profissional têm pouco ou nenhum espaço que lhes permita expressar e compreender suas experiências e sentimentos envolvidos nessa fase de suas vidas. Por isso, o grupo proposto nesse estudo propiciou encontros para conversarmos juntos sobre escolha profissional baseando-se na experiência dos participantes.

Acredito que o ser humano é um ser de relações, ele existe e torna-se pessoa, na medida em que se relaciona consigo mesmo, com os outros e com

o mundo. Analisando os atendimentos individuais e grupais que já realizei, pude perceber que no contexto grupal, a descoberta do outro atua também como mediação para a descoberta de si próprio e do mundo. Pude perceber também que o trabalho em grupo permite que os indivíduos experimentem uma sensação de pertença e de convicção de que naquele espaço seus sentimentos, idéias e valores são acolhidos e respeitados. Por isso, acredito no desenvolvimento desse projeto em grupo.

II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2. 1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

2.1.1. História da Orientação Profissional

Neste item, apresentaremos uma recapitulação histórica do desenvolvimento da Orientação Profissional.

Segundo Bock (2001), historicamente, a escolha profissional nem sempre foi uma preocupação universal do homem. Os povos ancestrais viviam para sobreviver, sendo que seu trabalho era organizado como atividade de coleta e caça e não havia muita diferenciação de funções, com exceção daquelas determinadas pelo sexo. A comunidade tribal primitiva não pressupõe atividades distintas entre seus membros, apresentando uma hierarquia apenas no que se refere a assuntos de guerra e cuidados com a saúde, que eram desenvolvidas por questão de idade avançada e/ ou bravura. A caça é função dos homens devido ao vigor físico e agilidade que possuem e às mulheres são atribuídas funções de agricultura e cuidados com os filhos.

Na Antiguidade Clássica, o trabalho era função dos escravos, sendo que os cidadãos livres valorizavam o ócio, as atividades contemplativas e políticas. Durante a Idade Média, especificamente no Feudalismo, a sociedade estava estruturada em camadas sociais-nobres, clérigos, senhores e servos, sendo que uns deviam obrigações aos outros. Nesse contexto, o trabalho era função dos servos, que sustentavam os senhores feudais, donos de terra e do poder. Até esse momento histórico, o trabalho era realizado em casa e os filhos

aprendiam seus futuros ofícios com pais ou vizinhos. Até o fim Idade Média, o trabalho era visto como castigo ou determinação divina e a profissionalização era transmitida familiarmente (Bock, 2001; Lassance & Sparta, 2003).

De acordo com Lassance & Sparta (2003), a escolha profissional assume relativa importância na passagem do feudalismo para o capitalismo. A sociedade capitalista nasceu na Europa do final do século XVIII centrada na produção manufatureira em larga escala. A partir desse momento, o trabalho foi mecanizado e o trabalhador passa a ser livre, tendo direitos iguais para vender sua capacidade de trabalhar em troca de salários.

As práticas de orientação profissional nasceram no contexto da Terceira Revolução Industrial, uma vez que nesse período passa a prevalecer a idéia de trabalhadores específicos para funções específicas, visando o aumento da produtividade industrial. Nesse cenário, o objetivo da Orientação Profissional era o de detectar trabalhadores inaptos para a realização de tarefas determinadas, evitando assim acidentes de trabalho (Lassance & Sparta, 2003; Sparta, 2003b).

No entanto, Sparta (2003b) destaca que o início oficial da Orientação Profissional ocorre entre os anos de 1907 e 1909, com a criação do primeiro Centro de Orientação Profissional norte-americano, o *Vocational Bureau of Boston*, e a publicação do livro *Choosing a Vocation*, ambos de responsabilidade de Frank Parsons, o que fez com que ele fosse considerado o pioneiro nas áreas da Psicologia Vocacional e da Orientação Profissional.

Carvalho (1995) relata que Parsons não criou uma teoria de escolha profissional, mas acrescentou idéias da Psicologia e da Pedagogia à Orientação Profissional e em seu livro, introduziu uma primeira estrutura

conceitual. Nesta obra, ele propôs três fases fundamentais para a escolha de uma profissão: analisar as particularidades do indivíduo, analisar as características das ocupações e relacionar essas informações coletadas.

Durante as Primeira e Segunda Guerras Mundiais devido ao crescente processo de industrialização e ao surgimento de novas áreas profissionais, houve uma maior utilização de testes, a fim de uma melhor adaptação do homem às tarefas. Nas décadas de 1920 e 1930, a Psicometria e a Psicologia Diferencial passaram a influenciar a prática da Orientação Profissional, já que os testes foram utilizados em larga escala. Dessa forma, a orientação profissional passou a ser um processo extremamente diretivo, no qual o orientador objetivava fazer prognósticos e diagnósticos do orientando e, baseando-se nesses instrumentos, indicar as profissões apropriadas. Nasce assim, a primeira tendência teórica no campo da psicologia vocacional, chamada de Teoria do Traço e Fator, que buscava a adequação do indivíduo à ocupação. A orientação profissional estava voltada para o incremento da produção industrial (Carvalho, 1995; Sparta, 2003a).

A partir de 1940, importantes mudanças começaram a ocorrer no cenário da Orientação Profissional, com a influência de Carl Rogers que pregava a terapia não-diretiva. Esta terapia conhecida como “centrada no cliente”, trouxe uma nova concepção de atuação que não mais se preocupava com diagnósticos. Nesta abordagem, o jovem é levado a uma melhor compreensão de si, ou seja, ao autoconhecimento e a uma tomada de escolha consciente. Dessa forma, o foco da Orientação Profissional transferiu-se da produção para o sujeito de escolha, sendo a eficiência e a produtividade tomadas como

conseqüências naturais de uma escolha adequada, centrada nos sentimentos de satisfação do indivíduo (Carvalho, 1995; Lassance & Sparta, 2003).

Carvalho (1995) aponta que paralelamente à orientação profissional ligada à psicologia escolar e à do trabalho, seguidores de Parsons deram início a um movimento considerando as tarefas do orientador profissional como uma área particular e independente das demais. Essa nova perspectiva psicológica da orientação profissional tem como objetivo ajudar o homem a encontrar uma profissão adequada. As teorias rogeriana, comportamental e freudiana também influíram neste desenvolvimento.

De acordo com Sparta (2003b), na década de 1950, Ginzberg, Ginsburg, Axelrad e Herma apresentaram a Teoria do Desenvolvimento Vocacional que pressupõe que a escolha profissional é um processo evolutivo que ocorre continuamente ao longo da vida.

Em 1953, foi publicada a Teoria do Desenvolvimento Vocacional de Donald Super, que define a escolha como um processo que ocorre ao longo da vida, da infância à maturidade, através de diferentes estágios do desenvolvimento vocacional e da realização de tarefas evolutivas (Sparta, 2003 b).

A Teoria Tipológica de Holland foi publicada em 1959 e enfatizava que o indivíduo que faz uma escolha profissional procura o ambiente que melhor convenha àquilo que Holland denomina “orientação pessoal”. Sendo assim, seu comportamento pode ser explicado pela interação entre sua orientação pessoal e o ambiente. Holland elaborou uma tipologia que compreende seis tipos de orientação pessoal: o intelectual, o realista, o social, o convencional, o empreendedor e o estético. Essa teoria acredita que a escolha profissional é uma expressão da personalidade do indivíduo e membros de uma mesma

ocupação possuem personalidades semelhantes (Oliveira 2001; Magalhães, 2006).

Sparta (2003b) acrescenta que nas décadas de 1950 e 1960 foram publicadas Teorias Psicodinâmicas da escolha profissional, baseadas em três outras teorias, conhecidas como Teoria de Satisfação das Necessidades, Teoria Psicanalítica, e Teorias de Tomada de Decisão, mais preocupadas com o momento da escolha do que com o processo em si. As teorias de Super e Holland estão entre as mais utilizadas e pesquisadas em processo de intervenção na atualidade internacional.

No Brasil, o desenvolvimento da Orientação Profissional se inicia na década de 1920, estando ligada ao desenvolvimento do ensino profissional no país. Em 1924, o engenheiro suíço Roberto Mange introduziu a seleção e a orientação profissional para os alunos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (Carvalho, 1995).

A partir dessa experiência muitas outras se seguiram como a criação de um serviço de seleção, formação e orientação de aprendizes em 1930 na Estrada de Ferro de Sorocabana. A partir de então, a aplicação da Psicologia ao trabalho teve acelerado desenvolvimento, expandindo-se para várias empresas (Abade, 2005, Carvalho, 1995).

Em 1931, Lourenço Filho criou em São Paulo o primeiro serviço público estadual de Orientação Profissional (Carvalho, 1995, citado por Melo-Silva, Lassance & Soares, 2004).

O Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) foi criado em 1947 junto à Fundação Getúlio Vargas na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de contribuir para o ideal de organização e racionalização do trabalho

da época, visando a maior produtividade, orientada segundo o pensamento do homem certo no lugar certo. Nessa época, os testes vocacionais orientavam profissionalmente os jovens para uma escolha coerente com suas aptidões, sem considerar a história de vida de cada indivíduo. Além disso, nos primeiros dez anos de funcionamento, esse instituto desenvolveu um trabalho destinado principalmente à implantação de técnicas de orientação e seleção profissional, atendendo à classe média alta, numa tentativa de orientação da futura elite dirigente. O ISOP também foi responsável pela formação dos primeiros especialistas na área da Psicologia, muitos deles formados pelo curso ministrado por Emílio Mira y López, que foi o seu primeiro diretor (Abade, 2005; Sparta, 2003b).

Melo-Silva, Lassance & Soares (2004), destacam que historicamente a Orientação Profissional esteve vinculada inicialmente à área da Educação, como atividade no campo da Orientação Educacional, conforme a Constituição Federal de 1937 e Leis Orgânicas instituídas em 1942, 1943 e 1946, sendo destinada a classes menos favorecidas que freqüentavam as escolas profissionais. No domínio da Psicologia, desenvolveu-se em três âmbitos: da Psicologia do Trabalho, vinculada à Seleção de Pessoal, cujas intervenções pautaram-se na modalidade estatística; da Psicologia Educacional, focalizando-se na passagem de um ciclo educativo a outro; e do Aconselhamento, centrando determinadas crises evolutivas no Ciclo Vital.

Analisando as origens da Orientação Profissional no Brasil, notamos que se constitui no início do século XX como uma modalidade estritamente psicométrica. Até então, a formação de psicólogos se fazia nos cursos de Pedagogia, Filosofia e Ciências Sociais, sendo que os concluintes estagiavam

em instituições especializadas, habilitando-se deste modo, ao exercício profissional. O desenvolvimento da Psicologia como ciência independente e a área de atuação profissional se deu com a promulgação da Lei 4.119 de 27 de agosto de 1962 que criou os cursos de Psicologia e regulamentou a profissão de psicólogo no país. Esse contexto exerceu importante influência nos rumos da Orientação Profissional no Brasil, ao vincular esta atividade à Psicologia Clínica e ao transferir o processo de intervenção para consultórios particulares (Abade, 2005; Sparta, 2003b).

Segundo Abade (2005), no início da década de 60, a metodologia de diagnosticar e aconselhar utilizando como instrumentos os testes psicológicos foi sendo substituída pela focalização dos aspectos inconscientes, influência de Freud na Europa e pelo auxílio ao autoconhecimento, influência de Carl Rogers nos Estados Unidos. Esta proposta se opôs ao modelo psicométrico de intervenção em orientação, caracterizando uma abordagem mais dinâmica e compreensiva da escolha. Ruth Scheffer Simões, professora do ISOP ministrou aulas nesse instituto sobre a teoria não-diretiva de Rogers.

Na década de 70, o número de publicações sobre Orientação Profissional diminuiu consideravelmente, porém houve produções bastante significativas para a área. O psicólogo argentino Rodolfo Bohoslavsky publicou em 1971 um livro que apresenta uma nova proposta em orientação profissional, numa conceituação que ele denomina de “estratégia clínica”. Segundo o autor, nas formas que ele reúne sob a denominação de “modalidade estatística”, o jovem é assistido por um psicólogo que por meio de testes, conhece suas aptidões e interesses e busca encontrar entre as oportunidades existentes àquelas que mais se ajustam às possibilidades e interesses do futuro

profissional. Bohoslavsky prega uma estratégia clínica em orientação profissional que consiste num conjunto de operações, por meio das quais o psicólogo ascende à compreensão da conduta do orientando e facilita a este último, o acesso à sua própria compreensão numa forma de elaboração não-diretiva, que leve o indivíduo a uma decisão autônoma. Bohoslavsky considera a entrevista o instrumento principal para ajudar o jovem a chegar a uma escolha autônoma. Desde então, passou a exercer grande influência nos trabalhos desenvolvidos por brasileiros, além de se tornar o autor mais citado pelos pesquisadores brasileiros até os dias de hoje (Abade, 2005; Carvalho, 1995).

Ainda segundo Carvalho (1995), a psicóloga Maria Margarida Carvalho (1995/2001), foi a responsável pela difusão das idéias de Bohoslavsky (1971) em nosso meio. Ela foi a primeira professora da disciplina de Seleção e Orientação Profissional do curso de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) e destacou-se também na Orientação Profissional Brasileira por ter idealizado e avaliado o processo de intervenção em grupo. Seus estudos apontam que o processo grupal é uma mostra do processo social: a visão do outro auxilia na própria visão de si, as aspirações e limitações são dosadas porque o grupo facilita a percepção das influências familiares, sociais e econômicas. Carvalho acredita que esse modelo de atendimento teve grande valor terapêutico para os participantes e foi uma importante contribuição para a área, sendo constantemente utilizados pelos profissionais na atualidade.

A estratégia clínica de Bohoslavsky (1977) e o processo de intervenção grupal desenvolvido por Carvalho deram origem a um modelo brasileiro de Orientação Profissional, que supera a modalidade estritamente estatística e se

constitui num processo de valor terapêutico para os orientandos, modelo esse que vem sendo freqüentemente utilizado até os dias de hoje por psicólogos da área. A estratégia proposta por Bohoslavsky (1977), foi desenvolvida como alternativa ao modelo da Teoria de Traço e Fator, chamado por ele de Estratégia Estatística. Ele aceita a realização de testes para a realização do diagnóstico, supondo que sejam utilizados apenas em seu caráter instrumental, mas acredita que o principal instrumento durante o processo de orientação é a entrevista clínica (Sparta, 2003 b).

O primeiro artigo sobre Orientação Profissional em grupo foi publicado pelos psicólogos Aguiar, Müller, Filho, Fontes e Vaz (1978) formados pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com o título Orientação clínico-vocacional. Eles buscavam uma maneira não-diretiva de orientar que se fundamentava pela fenomenologia e pela estratégia clínica proposta por Bohoslavsky (1977) (Abade, 2005).

Segundo Melo-Silva & Jacquemin (2001), a Orientação Profissional, na década de 80, foi discutida enquanto processo no qual a escolha é multideterminada, a profissão e o indivíduo têm caráter dinâmico e o orientador profissional o papel de informar e compreender a realidade psíquica dos indivíduos. Nota-se que os eixos centrais de pesquisas são: dilema da escolha profissional e identidade profissional. Os autores mais citados em publicações brasileiras são: Super, Pelletier e Bohoslavsky.

Em 1990, o ISOP foi extinto e, a partir de então a produção científica deixou de estar concentrada em sua revista conhecida como Arquivos Brasileiros de Psicologia. No início da década de 90, as publicações sobre Orientação Profissional que haviam diminuído consideravelmente nos anos 70

e 80, voltam a aparecer nos seguintes periódicos: *Psicologia Argumento (Paraná)*, *Cadernos de Psicologia (Belo Horizonte)*, *Estudos de Psicologia (Natal)*, *Estudos de Psicologia (Campinas)*. No ano de 1993, foi fundada a Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP) durante o I Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional Ocupacional, em Porto Alegre. A ABOP foi criada com os objetivos de desenvolvimento e unificação da Orientação Profissional no Brasil, podendo-se dizer que ela é o novo centro promotor e organizador da Orientação Profissional no país. Tais ações se configuram como espaço apropriado, reunindo orientadores profissionais de diferentes regiões do país interessados no debate plural e interdisciplinar sobre os serviços, métodos e demais problemas recorrentes da área. Em 1997, foi publicada a primeira revista científica no domínio da Orientação Profissional, denominada Revista da ABOP, atualmente denominada Revista Brasileira de Orientação Profissional que até hoje vem contribuindo para que a produção de novos trabalhos em Orientação Profissional torne-se novamente expressiva (Abade, 2005; Melo-Silva, Lassance & Soares, 2004; Sparta, 2003b).

Em síntese, Lehman (1988), citado por Noronha & Ambiel (2006), considera que a Orientação Profissional brasileira passou por momentos históricos em termos de estágios que foram: informativo, psicométrico, clínico e político social. O objetivo do informativo era instruir sobre as profissões e suas perspectivas de atuação, enquanto o psicométrico visava a avaliação das aptidões e características individuais. O estágio clínico enfatizava o papel ativo do adolescente no que se refere à decisão sobre o futuro profissional e o político social se preocupou com a relação do contexto sócio político e o

momento da escolha, e a convergência das complexas configurações sociais, presentes, passadas e futuras.

A proposta deste estudo se identifica com a de Bohoslavky (1998), no que se refere ao comum desejo de superar a modalidade estritamente estatística em orientação profissional e na tentativa de devolver ao jovem sua capacidade ativa de decisão autônoma.

2.1.2. O que é Orientação Profissional

De acordo com Andrade, Meira & Vasconcelos (2002), a orientação profissional é um processo que visa auxiliar o indivíduo a encontrar uma identidade profissional, ajudar na estruturação de sua identidade pessoal, favorecendo assim na elaboração de um projeto de vida. O processo não deve apenas ser informativo no que se refere às profissões, mas também deve trabalhar a questão da escolha e a promoção do autoconhecimento considerando os indivíduos como inseridos em um contexto social, econômico e cultural. As autoras acrescentam que através do processo de orientação profissional, os indivíduos se conhecem melhor como sujeitos reais, percebendo suas identificações, singularidades, características, ampliando e transformando sua consciência a fim de terem melhores condições de fazer sua escolha profissional.

Bock & Aguiar (1995) afirmam que

“(...) a orientação vocacional, a nosso ver, constitui-se em algo mais do que um momento para a ‘descoberta’ da profissão a seguir. É um processo onde emergem conflitos, esteriótipos e preconceitos que devem ser

trabalhados para sua superação; onde a desinformação é enfrentada e possíveis caminhos são traçados; onde o autoconhecimento adquire status de algo que se constrói na relação com o outro, e não como algo que se dá a partir de uma reflexão isolada, descolada da realidade social, ou que se conquista através de um esforço pessoal” (Bock & Aguiar, 1995, p.17).

Na visão de Neiva (2007), a Orientação Profissional não se caracteriza como uma decisão isolada e sim, configura-se como um processo contínuo, composto de várias decisões tomadas ao longo da vida.

Melo-Silva, Lassance & Soares (2004) ressaltam que a Orientação Profissional deve ser inserida num contexto mais abrangente, como um cenário de atividades que, além de auxiliar pessoas a tomar decisões no âmbito do trabalho, pode contribuir ainda com a Educação Profissional e a transição da escola para o mundo do trabalho de maneira mais fluente.

Em termos de referencial teórico, a abordagem clínica é a que trabalha o processo de escolha de maneira mais ampla, investigando possíveis problemáticas do indivíduo e estimulando-o a ampliar o conhecimento de sua identidade profissional. Além disso, a modalidade clínica possibilita ao orientando pensar nos aspectos particulares de sua vida, suas inseguranças, fantasias e expectativas. Nessa abordagem muitas vezes são utilizados instrumentos que incluem: testes projetivos, testes psicométricos, questionários, entrevistas, dramatizações, jogos, técnicas plásticas (desenho, pintura, colagem), entre outros (Müller, 1988, citado por Andrade, Meira & Vasconcelos, 2002).

À respeito dos instrumentos de avaliação, Noronha & Ambiel (2006), apontam que eles são utilizados desde as primeiras experiências de

Orientação Profissional relatadas no Brasil. Os autores consideram que os instrumentos de avaliação de interesses profissionais embora constituam parte importante do processo, não devem ser tomados como um fim.

Oliveira (1999) reflete que muitas vezes técnicas de Orientação Profissional (OP) são aplicadas sem a devida reflexão causando dificuldades no desenvolvimento do processo. Outro dado relevante é apontado por Noronha & Ambiel (2006) que afirmam que a qualidade dos instrumentos de avaliação de interesses não é satisfatória em vários aspectos, desde a falta de estudos científicos até a má qualidade dos manuais técnicos, que deixavam de apresentar informações importantes sobre as características e normas de aplicação e correção, fatos esses que comprovam a necessidade de mais estudos que possibilitem o uso desses instrumentos nos processos de orientação profissional.

A modalidade de orientação profissional proposta por Bohoslavsky (1998) objetiva ajudar o adolescente a elaborar sua identidade-vocacional-ocupacional e mobilizar sua capacidade de decisão pessoal.

A pesquisadora desse estudo acredita num processo de orientação profissional onde o adolescente é ativo e possui autonomia para escolher. Para que isso ocorra, entende que o papel do orientador é o de facilitar o processo de reflexão e autoconhecimento do indivíduo para que ele próprio possa elaborar seu projeto vocacional. Vislumbra ainda que a orientação profissional em grupo permite que os participantes experimentem uma sensação de pertença ao se identificarem com outros membros e considera que o indivíduo necessita não apenas de uma orientação de carreira, como também de um

espaço em que possa expressar livremente seus sentimentos, idéias e valores.

2. 1.3. O Contexto Atual da Orientação Profissional e das profissões

Oliveira & Coelho (2002) citados por Noronha & Ambiel (2006) enfatizam que a orientação profissional e vocacional (OP/OV) no Brasil encontra-se em um momento de eminente desenvolvimento, já que está havendo a organização de eventos científicos para discussão de temas relativos à área, a criação de uma associação científica, a publicação de um periódico especializado na área e também o aumento de publicações de pesquisas sobre técnicas e instrumentos de coleta de dados.

Apesar da prevalência da Abordagem Clínica de Orientação Profissional proposta por Bohoslavsky, outros modelos teóricos vêm contribuindo para a Orientação Profissional brasileira. Maria Célia Lassance da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) vem desenvolvendo a Abordagem Integrada em Orientação Profissional com base nas idéias de Super (1957) e no Modelo de Ativação do Desenvolvimento de Pelletier e colaboradores (1974/1985). Já Maria da Glória Hissa e Marita Pinheiro desenvolveram a Metodologia de Ativação da Aprendizagem, baseada nos mesmos autores e em Bohoslavsky, Pichon-Rivière, Perls, Piaget e Paulo Freire. Ambas as autoras possuem um caráter psicopedagógico e têm por objetivo central a aprendizagem da escolha (Sparta, 2003b).

Ainda de acordo com Sparta (2003b), a partir da década de 1980, alguns autores no âmbito da Educação começaram a teorizar sobre os processos de

escolha e Orientação Profissional. Entre eles merecem destaque Celso Ferretti (1980; 1988) e Selma Garrido Pimenta (1981) que passaram a traçar uma série de críticas às teorias psicológicas de escolha profissional com base no agrupamento de tais teorias feito por Jonh Crities (1969/1974). Ferretti (1980; 1988) apontou a função ideológica de manutenção da sociedade de classes capitalista subjacente às teorias psicológicas da escolha profissional e propôs um novo modelo de Orientação Profissional dentro do processo ensino-aprendizagem, capaz de suplantando tal ideologia, cujo objetivo é a reflexão sobre o próprio processo de escolha profissional e sobre o trabalho. O método de trabalho proposto é o Modelo de Ativação do Desenvolvimento de Pelletier e seus colaboradores (1974/1985). Este modelo de intervenção é uma operacionalização do modelo teórico de Super.

Pimenta (1981) discutiu a insuficiência das teorias psicológicas da escolha profissional para a compreensão da decisão vocacional e propôs a fenomenologia existencial para esta compreensão.

Recentemente, Silvio Duarte Bock (2002) propôs uma nova abordagem de Orientação Profissional baseada na Psicologia Social, mais especificamente na Abordagem Sócio-histórica. Bock baseia-se nas idéias de Vygotsky de que o indivíduo se desenvolve através de uma relação dialética com o ambiente sócio-cultural em que vive e faz sérias críticas quanto à Orientação Profissional baseada na concepção de vocação, que esconde que a realidade é socialmente injusta por colocar no indivíduo toda a culpa por seu insucesso profissional (Abade, 2005; Bock, 2002).

No Brasil, a Orientação Profissional pode ser realizada por psicólogos e pedagogos, sendo que nas últimas décadas é o psicólogo quem está mais

atuando na área, mas a formação de orientadores profissionais brasileiros ainda não possui regulamentação ou lei que determine conteúdos a serem ministrados. O psicólogo raramente é contratado para atuar em escolas públicas, o que dificulta ainda mais a implementação da Orientação Vocacional e Profissional na rede educacional pública. E quando a contratação acontece, a comunidade escolar cria expectativas de uma atuação no modelo clínico que abarcará a resolução de problemas emergenciais relativos a dificuldades de aprendizagem, problemas comportamentais e até questões de ordem socioeconômica e sexual. Isso denuncia ausência de uma equipe multidisciplinar que dê conta de solucionar problemas escolares de múltiplas naturezas, fazendo com que a Orientação Profissional fique num plano secundário. Já existem Prefeituras Municipais que estão admitindo psicólogos para intervir em orientação profissional, sexual e escolar, através de Programas específicos ou em Secretarias da Educação. A inserção do profissional, especialista em Orientação Profissional no sistema de educação, poderá ser através da FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), com profissionais de outras áreas, cada qual atuando em suas competências como membros de equipes multidisciplinares e interdisciplinares (Melo-Silva, Lassance & Soares 2004; Sparta, 2003b).

Soares (1993b) aponta que a preocupação da escola é preparar para o trabalho, dando condições para que o aluno ingresse no mundo do trabalho ao encerrar seus estudos, sem propiciar a ele a oportunidade de desenvolver suas potencialidades pelo oferecimento de condições apropriadas ao crescimento psicológico e social. Sendo assim, considera falta de atividades que permitam

que o jovem fale das suas preocupações, como por exemplo, o conhecimento de si mesmo, a vontade de autodefinir-se, compreender quem é e quem gostaria de ser.

Melo-Silva & Jacquemim (2002), citados por Melo-Silva, Lassance & Soares (2004) analisaram treze serviços de Orientação Profissional e constataram que oito deles são oferecidos em clínicas-escolas de universidades de Psicologia e os demais são oferecidos em escolas e consultórios privados sendo destinados principalmente para alunos de escolas particulares e, em menor número para alunos vindos de escolas públicas.

A intervenção desses serviços baseia-se nos referenciais teóricos psicanalítico, psicodrama, evolutivo-cognitivista, psicopedagógico, sócio-histórico e nas teorias desenvolvimentistas de Pelletier e Super. Independentemente do referencial teórico-metodológico utilizado em clínicas ou escolas, os eixos temáticos abordados nos atendimentos em Orientação Profissional são similares: autoconhecimento e conhecimento das profissões. Em média, o número de encontros é oito, sendo que a média do processo completo é de quinze horas, podendo variar entre nove e trinta horas. Os atendimentos podem ser individuais ou grupais (Abade, 2005; Melo-Silva, Lassance & Soares 2004).

Com relação às profissões, Soares (1993a), afirma que a cada dia que passa, os jovens têm maior dificuldade para fazer suas escolhas profissionais devido ao aumento gradativo de novos cursos e especializações. A tecnologia está presente em todas as áreas e surge no jovem o fascínio por conhecer coisas novas.

Atualmente o desenvolvimento da ciência e da tecnologia operacionaliza mudanças cada vez mais acentuadas no mercado de trabalho. Verifica-se a necessidade do domínio de técnicas para apresentar soluções com a eficiência exigida pela sociedade e a demanda pela automação dos serviços e até das relações humanas com a finalidade de obter resultados mais rápidos. A economia atual exige especialistas que tenham conhecimento aprofundado e preciso em áreas que não existiam anteriormente. Com isso, o mercado de trabalho oferece maiores oportunidades para novas especialidades e também causa desemprego para mão de obra não especializada (Andrade, Meira & Vasconcelos, 2002).

O grupo proposto nessa pesquisa objetiva construir um modo não diretivo de fazer orientação profissional que respeite a autonomia e a liberdade dos participantes, acreditando no potencial de cada um deles de conduzir suas decisões e se responsabilizar por elas. Esse estudo se inspira em Rogers que propôs um modelo embasado no autoconhecimento se opondo ao modelo psicométrico de intervenção em orientação, caracterizando uma abordagem mais dinâmica e compreensiva da escolha.

2.2: QUESTÕES IMPLICADAS NA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Ao falar em escolha, é impossível não tocar em valores tais como individualidade, liberdade e identidade. Por isso, esse capítulo abordará tais questões.

2.2.1. O adolescente no processo de escolha: Identidade, Liberdade e Responsabilidade

A adolescência é um período de transição em que há desprendimento da infância e a entrada progressiva no mundo e no papel adulto, no qual ocorrem crises e transformações biológicas, cognitivas e psicológicas. Nas sociedades capitalistas ocidentais, um novo papel a ser assumido é o de trabalhador, fazendo com que a adolescência seja um período de suma importância para o processo de escolha profissional (Muller, 1988).

Soares (1993 a) considera ser na fase da adolescência em que o jovem está se descobrindo novamente: é o nascimento existencial, segundo o Existencialismo. Erikson (1987), citado por Magalhães e Souza (2008) complementa que é na adolescência que ocorre o desenvolvimento da identidade, quando o indivíduo estrutura sua personalidade e seu autoconceito.

Coelho (2004) citado por Magalhães e Souza (2008) acrescenta que:

“(...) o autoconceito consiste nas percepções que o indivíduo tem de si próprio, de suas qualidades e características. Por sua vez, a auto-estima é a avaliação, positiva ou negativa, que o indivíduo faz acerca de si às suas diferentes qualidades e características, da qual resultam sentimentos de satisfação ou insatisfação consigo” (p. 33).

À respeito disso, Magalhães e Souza (2008) relatam que Rogers (1966) acredita que o autoconceito é um fator primordial na formação da personalidade e exerce papel determinante no comportamento humano. Dessa forma, o eu é um conceito fenomenológico que parte da percepção experienciada e consciente da pessoa. A percepção do mundo exterior é essencial para o desenvolvimento do autoconceito. Rogers (1966) considera ainda que o eu é composto por todos os valores, percepções e idéias que caracterizam o *I* e o *Me*. O *I* representa o eu pessoal abarcando os sentimentos e percepções individuais. O *Me* representa o eu social, como o indivíduo é visto pelos outros.

Sartre (1987) citado por Marques (1998) afirma que o indivíduo escolhe o que deseja ser, usando sua liberdade e seus valores serão criados através da escolha feita. Assim, ao escolher, o homem exercita seu poder de liberdade. Sartre (1987) acrescenta:

“A escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher” (Sartre, 1987, p. 17).

Pacheco (2000) acrescenta que Sartre (1965) manifesta que o pressuposto básico do pensamento existencialista é a afirmação “a existência precede a essência”, que significa dizer justamente que o homem existe, se descobre, aparece no mundo e somente depois ele se define. O indivíduo necessita escolher a cada momento o que será no momento seguinte e é a existência que permite ao homem a gradual construção de sua essência.

Na visão sartreana (Sartre, 1987), o conceito de liberdade está incorporado à responsabilidade. Assim, o homem não é somente livre, mas é responsável pelo resultado de suas ações (Marques, 1998).

Ainda segundo Sartre (1948) citado por Erthal (1988), o homem é aquilo que faz de si próprio. Escolher isso ou aquilo envolve uma valoração pessoal, que faz da consciência reflexiva uma consciência moral, pois para valorar é preciso refletir e julgar. Por isso, o valor, é expressão da liberdade. Mesmo a recusa de escolher, já é uma escolha.

Rogers (1971) acredita que a responsabilidade e o comprometimento para com seus atos são mais do que uma decisão; é a atuação de um indivíduo em busca das direções que emergem de dentro de si próprio.

Frankl (1959) acredita que tudo pode ser tomado do homem, menos uma coisa: a liberdade de escolher a sua própria atitude, seu próprio caminho (Frankl 1959, citado por Rogers, 1971).

Nas palavras de Rogers (1964) citado por Bocklage (1989), liberdade é:

“Reconhecer que ‘ posso viver, aqui e agora, por minha própria escolha’. É a espécie e coragem que permite à pessoa introduzir-se dentro da incerteza e do desconhecido quando escolher ser ela mesma. É a descoberta do significado dentro de cada um, significado que procede da escuta sensível e aberta das complexidades daquilo que se está experienciando. É o peso da responsabilidade do “self” que se quer escolher ser. É reconhecer que se é um processo emergente, e não um final e produto estático”.

(Rogers, 1964, p.39).

Rogers (1971) aponta que o homem livre movimenta-se voluntariamente e responsavelmente, para representar papel significativo no mundo cujos acontecimentos determinados se verificam por meio dele e por meio da sua espontânea vontade e escolha.

Buber (1979) afirma que a liberdade nasce da existência de uma identidade, de um “eu” e se realiza na relação “Eu-Tu”, ou seja, na relação com outras identidades (Buber, 1979, citado por Bocklage, 1989).

Erikson (1976) considera que a escolha profissional é a tarefa mais significativa a ser realizada durante o período da adolescência. Para o autor, a incapacidade do adolescente de alcançar uma identidade ocupacional através da escolha, gera um grande obstáculo para aquisição da identidade individual.

O indivíduo que escolhe é um ser singular e único, que experiencia as coisas de maneira própria e singular e em tempo próprio. Para que o indivíduo faça uma escolha consciente e autônoma, precisa refletir a respeito de sua identidade se questionando: “Quem sou eu?” A capacidade de conscientização de si mesmo é que favorece a escolha futura. Somente através de uma consciência cada vez maior sobre si mesmo, é que o indivíduo pode escolher seu caminho e participar ativamente de seu crescimento. Em suma, a autoconsciência aumenta a liberdade de escolha do homem. (Erthal, 1988; Rogers & Kinget, 1975; Silva & Carneiro, 1993).

Neiva (2007) compartilha dessa idéia e acrescenta que o conhecer-se é essencial para escolher uma profissão, pois considera que é através do processo de autoconhecimento que se constrói uma auto-imagem verdadeira e isenta de distorções.

Nenhuma opção se realiza sem angústia, pois toda escolha provoca renúncia e envolve perdas e ganhos. Ao optar por algo, abandonam-se todos os outros caminhos possíveis. Esta característica da escolha pode provocar no jovem, momentos de dúvidas frente ao processo, o que é chamado de indecisão vocacional. A escolha de uma profissão é fundamental para a

constituição do indivíduo enquanto sujeito social (Bohoslavsky, 1998; Erthal, 1988; Sparta, 2003 a).

Esse estudo valoriza fortemente a liberdade, pois para escolher, o indivíduo precisa comprometer-se com a idéia de liberdade e responsabilidade de suas decisões.

2.2.2. Influências Sociais

A liberdade de escolha é condicionada pela sociedade em que vivemos. Toda sociedade tem regras às quais o homem deve se submeter para conviver ou viver em comunidade. Devido a essa submissão, em determinados momentos da vida, o homem entra em conflito com a sociedade em que vive. Além disso, ao se deixar influenciar pelas pressões que sofre, o indivíduo reduz sua possibilidade de escolha, nega sua liberdade e nega sua possibilidade de ser (Erthal, 1986; Marques 1998).

Rogers (1983) ressalta que o homem é livre e experimenta subjetivamente a realidade, mas ao mesmo tempo é determinado pelo campo existencial que o envolve. O autor não supõe um indivíduo absolutamente livre de determinantes extrínsecos, mas acredita que o homem vivencia subjetiva e organicamente, se isso lhe for possibilitado, a opção e a responsabilidade (Rogers, 1983, apud Bocklage, 1989).

Ainda refletindo sobre influências sociais, Magalhães e Souza (2008) consideram que na adolescência existem sentimentos de incerteza no indivíduo sobre quem ele é e o que a sociedade espera dele. Assim, o adolescente brasileiro se vê diante de um dilema nessa fase não apenas em encontrar um papel confortável para si, mas também coerente com as normas sociais.

A respeito disso, Pacheco (2000) acrescenta que estamos imersos em uma sociedade que muitas vezes determina nossas preferências, nossas motivações e nosso destino. Isso se deve à televisão, que diz o que queremos, o que gostamos, o que devemos fazer; à família que autoriza e dá valores.

Sparta (2003 a) reitera essa discussão ao afirmar que as mudanças nos papéis sociais e os processos de desenvolvimento vocacional e de escolha profissional ocorrem dentro do contexto sociocultural no qual o indivíduo está inserido. Na sociedade brasileira, o jovem que chega ao final do ensino médio é comumente chamado pela família, pelos amigos e pela comunidade escolar a escolher uma profissão.

Concordando com essa idéia, Neiva (2007) acrescenta que quando a família, a escola e a sociedade tendem a decidir pela criança e pelo adolescente, impedem que o indivíduo aprenda a se posicionar em situações de escolha. Dias (1995) discute ainda que a família sempre teve um importante papel por sua função socializadora. Exemplo disso é um bebê que recém-chegado já é rapidamente integrado no grupo social de referência a que pertence à família. Nesse sentido, o autor defende que esta primeira formação se adicionará no futuro à opção profissional, sendo que a forma como os pais dão significado aos elementos da vida ocupacional sempre estará presente no modo de um filho significar este universo.

Magalhães (2006) acrescenta que as percepções infantis sobre o meio social formam crenças que permanecem como referencial orientador do jovem na busca pela pertença e sucesso nas relações sociais.

Os estudos de Oliveira (2001) demonstram que os jovens acreditam que a família significa apoio e segurança para resolução de problemas. É com a

família que os jovens passam a maior parte do tempo e, portanto, ela continua como suporte na contribuição de educar para valores.

Bee e Mitchell (1984) enfatizam que a família tem suma importância no desenvolvimento do autoconceito acadêmico, social, pessoal e familiar do indivíduo. Super (1957) considera que a identificação com um dos pais ou com outro adulto pode ajudar o jovem na elaboração de seus projetos.

Bock & Aguiar (1995) relatam que nos dias atuais a família deposita grande expectativa sobre o jovem, controlando seus passos e, na medida que o jovem escolhe uma profissão que não corresponde à expectativa familiar, vários problemas podem surgir. Os colegas e grupo de pares também exercem influência no processo da escolha profissional, sendo que este se constitui em um fator de pressão que impõe valores e comportamentos de maneira mais intensa que a própria família.

Holland (1997) citado por Magalhães (2006), defende a premissa de que o ser humano busca, primariamente, a pertença social, sendo que esta busca se dá no sentido de encontrar uma ocupação na qual seus colegas compartilhem dos seus valores e crenças, aumentando suas chances de realização profissional. Reiterando essa idéia Neiva (2007) destaca que a influência do grupo de pares e de seus valores pode contribuir negativamente quando não permite que o adolescente exerça sua individualidade e desenvolva-se de forma autônoma.

Andrade, Meira & Vasconcelos (2002) complementam tal discussão de influências ao afirmar que a complexidade do mercado de trabalho e o avanço da tecnologia também pressionam e provocam incertezas nos jovens, uma vez

que esses fatores indicam novos rumos e caminhos a serem seguidos, influenciando diretamente na vida profissional.

O vestibular é outro elemento que exerce pressão sobre o adolescente. Esse exame tem sido usado como forma tradicional de acesso ao ensino superior no Brasil e desde 1960 tornou-se classificatório devido ao aumento da procura de vagas nas faculdades e universidades. Ele tem como objetivo imediato a indicação dos indivíduos mais aptos no ensino superior, o que tem causado enorme influência sobre a educação no ensino médio, já que escolas e professores têm orientado o ensino para a superação das provas (Sparta, 2003 a).

Essa pesquisa tem inspiração existencial-humanista e dessa forma, valoriza a ampliação da autoconsciência a fim de favorecer um aumento do potencial de escolha. Considera que a melhor escolha é aquela que o indivíduo realiza a partir de um maior conhecimento de si e por isso a importância de se propor um grupo de orientação profissional que permita uma viagem interior aos participantes num encontro consigo próprios: com seus desejos, suas inquietações, seus valores, suas inseguranças. Acredita que é a partir do momento que o indivíduo se conhece e se aceita que poderá fazer uma escolha autônoma e consciente.

Assim como Oliveira (2001), esse estudo valoriza a possibilidade de o indivíduo entrar em contato consigo mesmo desenvolvendo e fortalecendo sua autoconfiança, autodeterminação e identidade.

2.3. A ABORDAGEM PROPOSTA PARA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

A orientação profissional se constitui como uma prática promotora de saúde, na medida em que é estimuladora de reflexões sobre as questões próprias da adolescência – buscas, dúvidas, identificações e valores a respeito do mundo e da sociedade em que se vive (Bock & Aguiar, 1995).

2.3.1. O grupo

Pichon Rivière (1986) citado por Zimerman & Osório (1987) manifesta que o contexto grupal permite esclarecer dificuldades individuais, romper esteriótipos, possibilitar a identificação dos obstáculos que impedem o desenvolvimento do sujeito e auxiliar os indivíduos nele envolvidos a encontrar seus próprios recursos para enfrentar suas dificuldades.

Wood (1983) acrescenta que a atmosfera grupal vislumbra a possibilidade do despertar da pessoa para seu eu verdadeiro; a possibilidade da descoberta de habilidades pessoais e responsabilidades. No grupo, as necessidades, desejos, sentimentos, opiniões e pensamentos de cada indivíduo são admitidos e levados em consideração na discussão.

A respeito disso, Bock (2001) considera que a modalidade de atendimento grupal é privilegiada em relação ao trabalho individual devido à diversidade e a heterogeneidade presentes e por acreditar-se que a dinâmica estabelecida enriquece o processo, facilitando a observação dos valores, dificuldades, opiniões, interesses e projetos de vida do outro. Cada pessoa

enxerga a vida de forma diferente da outra e o ambiente grupal permite que todos aprendam com todos e percebam que não existe uma única verdade.

Soares (1993c) compartilha dessa idéia ao afirmar que a modalidade em grupo auxilia na possibilidade de identificações recíprocas entre seus membros, a partir de uma problemática em comum (a necessidade de escolher) e o enriquecimento pessoal a partir da troca de idéias e experiências. Considera ainda que a orientação profissional em grupo facilita a reflexão, a discussão e o debate entre os próprios jovens para que eles possam compreender e assimilar as influências prejudiciais que sofrem e que dificultam a escolha.

Wood (1983) acrescenta que à medida que um indivíduo do grupo expressa seus sentimentos, cada participante tem um diálogo consigo próprio de concordância ou discordância. Ainda segundo o autor:

“(...) essas partes que vejo no grupo, como fragmentos de um espelho despedaçado, são todas elas reflexos parciais de mim. São sentimentos, pensamentos, emoções que existem em mim, que me envolvem de tal forma que esforçando-me para definir o grupo, esforço-me para definir a mim... À medida que permito o acesso à minha consciência do estado de cada pessoa... raiva, tristeza, alegria, confusão, amor, sendo tão completamente quanto for possível a minha realidade “de dentro” e “de fora”, este momento...eu começo a acordar para minha natureza, a conhecer-me mais completamente. A imagem do grupo, o espelho reunificado, com todos os seus fragmentos no lugar, não me propicia palavras, mas me dá uma reflexão completa, uma imagem completa de mim” (Wood, 1983, p.40).

Soares (1993 a) considera que o convívio em grupo é próprio do adolescente e nesse contexto há a possibilidade de compartilhar sentimentos de insegurança, angústia e dúvida em relação ao futuro.

Carvalho (1995) acrescenta que outra vantagem é que o processo grupal é uma amostra do processo social já que a visão do outro auxilia na própria visão de si; as limitações e aspirações são dosadas porque o grupo facilita a percepção das influências familiares, sociais e econômicas (Carvalho, 1995; Soares, 1993 a).

Bock & Aguiar (1995) acreditam que o autoconhecimento adquire o status de algo que se dá na relação com o outro, e não como algo que ocorre a partir de uma reflexão isolada. O processo de orientação profissional em grupo está baseado na troca de experiências e de concepções entre os jovens e na reflexão conjunta sobre a escolha profissional.

2.3.2. O orientador

Nascimento & Coimbra (2005) manifestam que seria interessante avaliar a relevância de uma orientação profissional de tópicos não exclusivamente vocacionais, como também sócio-emocionais.

Erthal (1986) compreende que no contexto terapêutico o profissional se preocupa em auxiliar o indivíduo a ampliar sua autoconsciência, a fim de favorecer um aumento do potencial de escolha, o que pode ser transposto para o contexto da orientação profissional.

A modalidade clínica de orientação profissional desenvolvida por Bohoslavsky (1998) citada por Neiva (2007) compreende que o indivíduo é

ativo em seu processo de escolha, sendo que a função do orientador é acompanhar o indivíduo em seu processo de reflexão, facilitando que este gradualmente elabore sua identidade vocacional-ocupacional e chegue a uma decisão consciente, madura e autônoma.

Compartilhando dessa idéia, Soares (1993 a) descreve que o facilitador deve auxiliar o indivíduo a refletir e trabalhar as dificuldades que estão impedindo a escolha, bem como Bock (2001) que acrescenta ser necessário desmistificar a idéia de que o orientador fará um diagnóstico e um prognóstico como fórmula de decisão. O essencial é criar condições para que o próprio indivíduo reflita e decida.

2.3.3. O processo não-diretivo

Neiva (2007) acredita que a modalidade estatística em orientação profissional apresenta a séria desvantagem de não envolver o jovem no processo de tomada de decisão. A autora acrescenta que muitos indivíduos consideram conveniente depositar no orientador e/ou nos testes psicológicos a responsabilidade de sua decisão profissional.

Nascimento & Coimbra (2005) apontam que existe uma sobrevalorização no papel do psicólogo no processo de intervenção e uma excessiva confiança na eficácia da psicometria em processos de orientação profissional.

A respeito disso, Campos & Coimbra (1991) citados por Nascimento & Coimbra (2005), enfatizam que os testes psicológicos não permitem aos jovens a conscientização de que o sucesso da escolha depende de um aspecto

importante que é a própria contextualização do comportamento vocacional no conjunto de experiências que lhes permitem desenvolverem-se globalmente enquanto pessoas.

Magalhães (2006) acrescenta que interpretar os resultados de inventários de interesses como indicadores de ocupações mais apropriadas para o indivíduo é um equívoco freqüente entre os práticos em orientação profissional.

Dessa forma, Bock (2001) manifesta ser primordial considerar a liberdade e a individualidade na Orientação Profissional, uma vez que elas dão sentido ao processo. A liberdade assegura a possibilidade do indivíduo desenvolver suas potencialidades. A individualidade é entendida como um movimento interno, acreditando-se que todos nascem com atributos que se desenvolvem ao longo da vida.

Oliveira (2001) aponta que é preciso que o jovem aprenda a ser, que significa entrar em relação consigo mesmo. A autora acredita que;

“Aprender a ser supõe a preparação do indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo, frente às diferentes circunstâncias da vida” (p.56).

Voltando ao presente trabalho, reitera-se que sua proposta buscou propiciar um ambiente de orientação profissional que acolha e se preocupe com os aspectos afetivo-emocionais dos participantes, sem se ater a medidas psicométricas de avaliação.

2.4. OBJETIVOS

2.4.1. GERAL: Fazer um estudo exploratório do potencial do grupo fenomenológico em relação à escolha profissional.

2.4.2. ESPECÍFICOS:

2.4.2.a. Descrever e compreender o sentido da escolha profissional para as participantes no início do processo.

2.4.2.b. Descrever e compreender como as participantes se beneficiaram na medida em que vivenciaram o grupo.

III- MÉTODO

Segundo Amatuzzi (2003), a pesquisa fenomenológica lida com significados de experiências e trabalha com desdobramento de sentidos, buscando o significado dos fenômenos para os indivíduos com eles envolvidos. Esse tipo de pesquisa pretende dar conta do que acontece, pelo clareamento do fenômeno. Não se pretende verificar, mas construir uma compreensão de algo se baseando numa análise sistemática de registros de experiência.

Moreira (2004) compartilha dessa idéia ao afirmar que o pesquisador fenomenólogo está sempre em busca do significado da experiência. Sendo assim, a pesquisa fenomenológica valoriza a necessidade de buscar as essências e de se voltar às coisas mesmas. Ao buscar compreender os múltiplos significados da experiência vivida, o método fenomenológico inclui uma visão de ser humano em mútua relação com o mundo, com a cultura e com a história.

Uma pesquisa de cunho fenomenológico é a pesquisa do vivido. O vivido remete ao plano do significado e nada mais é do que a experiência imediata, o sentimento primeiro, que não é obrigatoriamente “sabido” de antemão. É na relação pessoal que surge a oportunidade de dizê-lo (Amatuzzi, 2001; 2003).

Neste trabalho, o vivido apareceu na relação, num contexto de comunicação facilitada pela pesquisadora. Dessa forma, o que se pretendeu estudar foi o significado do vivido que emergiu da relação entre pesquisadora e participantes. O foco de análise desta pesquisa foi a experiência, buscando-se compreender os sentidos e significados envolvidos na escolha profissional dos participantes.

É relevante destacar o papel ativo da pesquisadora, já que acompanhou e facilitou todo fluxo do grupo de orientação profissional. Dessa forma, ela não pode ser entendida apenas como agente de coleta de dados.

3.1.COLABORADORES

Amatuzzi (2003) considera que em uma pesquisa fenomenológica, não existem sujeitos passivos e sim colaboradores, que junto com o pesquisador, rão pensar sobre o assunto.

Tendo esta pesquisa um caráter fenomenológico/exploratório, adotou a perspectiva de estudo de caso. Dessa forma, ela se configurou como o estudo de um grupo de adolescentes que estivessem cursando ou que tenham cursado o 3º ano do Ensino Médio, menores de 21 anos, que pretendiam prestar vestibular e que manifestaram interesse em participar do grupo de reflexão sobre experiências de escolha profissional.

Participantes que colaboraram com esse estudo seguindo os critérios de inclusão citados (os nomes são fictícios para preservar suas identidades).

- **Isabel** de 19 anos, mora com a família do namorado, possibilidades vocacionais na área de Exatas.
- **Laura** de 18 anos, mora com a família, possibilidades vocacionais na área de Biológicas.
- **Alice** de 19 anos, mora com a família e possibilidades vocacionais na área de Exatas.

- **Polyana** de 18 anos, mora com a família, indecisa na escolha profissional, porém com maiores possibilidades vocacionais na área de Biológicas.
- **Júlia** de 17 anos, mora com a família. Indecisa na escolha profissional, porém com maiores possibilidades em optar por Economia.

Cabe considerar que se tentou formar um grupo heterogêneo, mas não foi possível. Por isso, vale ressaltar que foi solicitada a participação de integrantes do sexo masculino no grupo, porém o interesse de adolescentes meninos pelo grupo não foi tão intenso quando comparado ao interesse das adolescentes meninas no momento em que o grupo se formou. Faz-se relevante destacar ainda que quatro das cinco participantes eram colegas antes do início do grupo.

A pesquisa qualitativa de orientação fenomenológica propõe que o estudo seja realizado com poucos participantes, possibilitando uma exploração mais ampla de suas experiências.

O número inicialmente previsto para a composição do grupo foi de quatro pessoas, porém o grupo teve a participação de cinco pessoas. Cinco sujeitos constituíram número suficiente para esta pesquisa devido à possibilidade de exploração e desenvolvimento do material gerado nos encontros.

3.2. Procedimentos

Neste estudo foi realizada uma intervenção grupal que ocorreu em 2008 em uma clínica psicológica particular. A pesquisadora participou dos atendimentos como psicóloga voluntária e todos esses procedimentos ocorreram após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade.

As participantes foram indicadas por psicólogos conhecidos da pesquisadora. Elas foram convidadas por telefone pela pesquisadora a colaborarem com este estudo e, em seguida, foi agendado uma data e horário para a realização do primeiro contato do grupo. No primeiro encontro, a pesquisadora relatou como seria o funcionamento do grupo e a necessidade de assinar o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (Anexo 1). Antes da primeira sessão, a responsável pela participante menor de 18 anos já havia assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos responsáveis de participantes menores (Anexo 2).

A facilitadora do grupo foi a própria pesquisadora. Através da colaboração do orientador desta pesquisa, foi escolhida uma co-facilitadora para que houvesse a oportunidade de que uma profissional interessada neste tipo de grupo pudesse vivenciar a prática do mesmo.

O grupo teve um total de cinco encontros, com duração de noventa minutos cada um com periodicidade semanal. O grupo foi atendido numa sala própria para atendimentos grupais onde havia cadeiras que acomodaram a facilitadora, a co-facilitadora e as participantes.

O início do grupo foi marcado com um convite aberto para conversar sobre a escolha profissional com a seguinte pergunta disparadora: *“Qual a sua história com relação à escolha profissional?”*.

A partir dessa questão inicial a pesquisadora atuou como facilitadora da comunicação e do processo grupal.

3.3. Formas de Registro

Após o término de cada encontro do grupo, foi solicitado às participantes que fizessem um breve relato do sentido vivenciado na sessão que havia acabado de terminar. Esse tipo de registro se denomina Versão de Sentido.

Segundo AmatuZZi (2001) Versão de Sentido (VS) é

“um relato livre, que não tem a pretensão de ser um registro objetivo do que aconteceu, mas sim de ser uma reação viva a isso, escrito ou falado imediatamente após o ocorrido, e como uma palavra primeira. Consiste numa fala expressiva da experiência imediata de seu autor, face a um encontro recém-terminado” (p. 77).

AmatuZZi (2001) enfatiza que as versões de sentido têm o poder de evocar lembranças e desdobramentos de sentido de seu autor, passando para os ouvintes um sentido essencial. Este autor (1995) acrescenta que as versões de sentido permitem que se tenha uma visão do processo no seu todo, respeitando o essencial do que se quer considerar.

Neste estudo, as versões de sentido permitiram que as participantes relatassem de forma breve os temas e os sentidos vivenciados em cada encontro, além de permitirem que as participantes refletissem e organizassem seu pensamento sobre a experiência vivida em cada sessão.

As versões de sentido foram escritas de próprio punho e para isso, foi disponibilizado para cada participante uma caneta, meia página de papel sulfite

e uma prancheta. Ao transcrever as versões de sentido para o computador, alguns erros gramaticais foram corrigidos para que não houvesse risco de identificação das participantes deste estudo.

Além disso, após cada sessão grupal, a pesquisadora elaborou um texto expressivo do encontro adotando um estilo narrativo para preservar o contato com o vivido (Narrativa), no qual buscou relatar cada sessão vivenciada com a preocupação em manter o fluxo do grupo e os dinamismos e sentimentos expressados por cada participante. Adotou-se a primeira pessoa na redação das narrativas dos encontros, por entender que no decurso de uma pesquisa como esta, embora pesquisador e sujeitos tenham participado como parceiros, foi porém responsabilidade da autora desse estudo redigir e sistematizar as vivências do grupo de forma clara e próxima aos acontecimentos reais. Entende-se que a pesquisadora deve se deixar “tocar” pela experiência do outro, pois o acesso ao vivido não se dá a partir de uma aproximação meramente cognitiva. A aproximação participativa do vivido com a finalidade de elucidá-lo implica em uma mobilização dos participantes e da pesquisadora (Amatuzzi, 2006).

O relato das ocorrências e as versões de sentido de cada sessão estão em anexo, na íntegra (Anexo 3 e Anexo 4, respectivamente).

3.4 Sobre a Análise

Foram sistematizados cinco passos para a análise:

1. Foi lido todo o material produzido nas sessões (narrativas e versões de sentido) para se ter noção do movimento do grupo;
2. a partir das versões de sentido e das narrativas foi descrito o fluxo vivencial dos encontros;
3. as versões de sentido foram reescritas pela pesquisadora e agrupadas por participante, retirando os sentimentos e percepções predominantes em cada encontro. Isso foi feito para se ter uma visão do caminho percorrido por cada indivíduo ao longo das sessões;
4. a partir da análise feita no item 3 e das narrativas, foi descrito o fluxo vivencial de cada participante;
5. em seguida, foram descritas as etapas percorridas pelo grupo retirando as percepções das participantes no fluxo dos encontros.

IV- SÍNTESE DE RESULTADOS

4.1. Fluxo Vivencial dos encontros

O início do grupo foi marcado com abertura das participantes à possibilidade de vivenciar um processo de orientação profissional não-diretivo. Logo no primeiro encontro foi dito às participantes que não receberiam ao final do processo um relatório com profissões indicadas. Em nenhum momento, as adolescentes se manifestaram frustradas e decepcionadas por não terem um diagnóstico de opção profissional. Isso fica evidente no trecho abaixo:

“Fiquei bastante surpresa ao olhar para elas e não perceber uma reação negativa esboçada em suas faces. Com isso, me senti bastante aliviada e segura em continuar.” (1ª Narrativa).¹

No primeiro encontro do grupo, as participantes compartilharam um sentimento de conforto ao perceber que possuíam problemáticas comuns, como a dúvida profissional e a influência de familiares, como mostram as versões de sentido a seguir:

“Achei o fato de estarmos com dúvidas em comum muito legal. A troca de emoções e sentimentos é muito importante diante desse momento de escolha pelo qual passo agora”. (VS1 Isabel).²

“É muito bom saber que não sou só eu, mas também outras pessoas que sofrem pressão dentro de si e de familiares”. (VS1 Alice).

¹ O termo narrativa a partir desse momento empregado, tem o sentido geral de relato do acontecer do grupo. A facilitadora-pesquisadora escreveu as ocorrências de cada encontro baseando-se na sua experiência da relação com as participantes.

² A partir desse momento, vou me referir às versões de sentido das participantes como VS.

Alguns temas começaram a surgir espontaneamente nesse encontro, tais como: influências familiares, identificações com profissionais, disciplinas de interesse e desinteresse, profissões de identificação e mercado de trabalho. Dentre eles, o tema de identificações com profissionais foi o mais aprofundado. Isso demonstra que o próprio grupo já começou a nortear o fluxo que desejava seguir, conforme suas necessidades.

Este encontro foi marcado pela partilha de sentimentos, idéias, valores e experiências. A identificação entre membros do grupo também esteve presente:

“A Júlia, nossa nova colega, me ajudou a perceber que não sou a única que precisa mostrar as coisas para que os outros sintam orgulho de mim, me dando alívio de que não sou um ‘passarinho fora do ninho’, e que talvez nós duas possamos construir algo que nos ajude a superar esse sentimento” (VS1 Laura).

Além disso, o espaço grupal começou a propiciar sensação de pertença a algumas participantes, uma vez que se sentiram aproximadas pelo que possuem em comum e por terem percebido que dentro do grupo suas questões eram aceitas e compreendidas.

“Adorei o encontro e me senti feliz de poder compartilhar sentimentos, que nem todos compreendem e acabam interpretando mal.” (VS1 Laura).

“É impressionante ver o quanto um gesto, uma conversa de cinco minutos, pode mudar completamente uma opinião que considerávamos já formada. De certa forma, ‘tira’ o medo que

temos em nos expressar e contar fatos em nossas vidas.” (VS1 Alice).

O sentido desse encontro foi a formação do grupo e a sensação de pertença que as participantes experimentaram, já que ali estavam reunidas pessoas com problemáticas comuns, e o reconhecimento de um espaço seguro no grupo para compartilhar sentimentos sem julgamentos ou cobranças.

Na segunda reunião do grupo, o grupo discutiu aspectos relacionados à escolha profissional. As participantes do grupo construíram juntas as informações que consideram indispensáveis saber sobre uma profissão de identificação. De certa forma, acabaram construindo uma entrevista com questões que consideravam importantes saber sobre uma profissão de interesse. Discutiram também aspectos relacionados ao retorno financeiro e mercado de trabalho. Isso evidencia que nesse encontro o grupo se autoconduziu na direção das suas necessidades.

Ainda neste encontro, as orientandas começaram a reconhecer que sofrem influências e pressões de familiares e de amigos no momento da escolha profissional. A identificação também esteve presente neste encontro, pois Laura e Júlia trocaram experiências e opiniões semelhantes, que auxiliaram no autoconhecimento de ambas.

“Laura disse ainda que se identifica muito com Júlia, especificamente com sua praticidade e revelou que também se enxerga assim. Júlia disse que é recíproco, pois também se enxerga nas atitudes de Laura” (2ª Narrativa).

Uma vez estabelecida a segurança e a sensação de bem-estar no grupo, as pessoas começaram a se sentir mais à vontade para conversar sobre profissões de interesse e sobre pressões familiares.

No terceiro encontro, as participantes vivenciaram a possibilidade de entrar mais em contato consigo mesmas, aumentando o autoconhecimento. O eixo mais significativo desse encontro foi o fato de Polyana ter compartilhado com as outras participantes sua história de vida familiar, confiando na capacidade do grupo em ajudá-la. Todos os membros do grupo se envolveram com a questão de Polyana, auxiliando-a a filtrar e eliminar maneiras de ser que não estavam fazendo bem a ela, na tentativa de ajudá-la a se valorizar. Também houve uma preocupação em auxiliá-la a discriminar seus interesses profissionais. Através das discussões feitas a respeito da história de vida de Polyana, o grupo pôde discutir aspectos relacionados às escolhas pessoais de vida, tais como: renúncias e responsabilidades da escolha.

Neste encontro, o grupo esteve bastante focado em ajudar Polyana a se valorizar e a habilitá-la a entrar em contato com sua família de maneira mais real e construtiva. As reflexões feitas pelo grupo acerca da vida desta participante, parecem tê-la direcionado a se resgatar e a acreditar mais nas suas potencialidades e opiniões.

O andamento do quarto encontro do grupo foi diferenciado dos demais, pois a conversa esteve focada em aspectos pessoais sem enfatizar diretamente a escolha profissional. Foi um encontro permeado de emoções, desabafos e partilha de vivências pessoais das participantes, onde todas choraram bastante ao compartilhar e ao ouvir experiências dolorosas que tiveram ao longo de suas vidas. A reunião deste dia representou um

aprofundamento dos vínculos pessoais e da amizade entre as participantes presentes.

Foi um encontro que poderia se chamar “viagem para dentro de si”, pois as adolescentes mergulharam profundamente dentro de si ao contar questões íntimas de suas vidas. Polyana falou de seus problemas familiares que incluem a pressão dos pais no momento da escolha profissional, sobre as comparações que percebe que eles fazem entre ela e a irmã e sobre a falta de reconhecimento dos pais dos seus potenciais. Isabel contou sobre seu sofrimento em ter perdido seus pais e as dificuldades que já viveu por conta disso. Laura compartilhou sua dor em ter perdido a avó. Ficou evidente que as participantes compartilharam suas experiências a fim de se fortalecer umas com as outras e sentiram-se bem por isso, o que pode ser visto nas versões de sentido a seguir.

“Além disso, as experiências não muito boas que a Isabel teve com a morte de seus pais nos mostrou que ela ultrapassou barreiras para ser vitoriosa com si mesma. Espero que a Polyana tenha a mesma força dentro de si e construa com dedicação a confiança que ela tanto necessita.” (VS4 Laura).

“As histórias que pudemos ouvir hoje, com certeza vão nos ajudar a crescer. Há pessoas que passam por dificuldades maiores, mas que conseguem curá-las e resolvê-las, basta começar por si mesma.” (VS4 Polyana).

A partir desse momento, a confiança das participantes no grupo foi crescendo a cada semana, por terem demonstrado uma comunicação mais autêntica nesse encontro.

Além disso, com o passar dos encontros desenvolveu-se um clima psicológico seguro que auxiliou a liberdade de expressão das participantes neste dia. Outro fato que deve ser considerado é ausência de Júlia nesta sessão, que pode ter contribuído para o diálogo íntimo das outras participantes.

Na última reunião do grupo, as participantes manifestaram que estavam saindo diferentes de quando chegaram, pois aumentaram o conhecimento que tinham de si e dos outros membros do grupo. O convívio e a identificação com outras pessoas auxiliaram no autoconhecimento. Perceberam que o conhecimento pessoal é o primeiro passo para a escolha profissional. Além disso, começaram a se apropriar das suas opções de vida e das responsabilidades contidas em suas escolhas.

O clima de confiança mútua veio numa crescente e o grupo foi adquirindo capacidade terapêutica para tratar os sofrimentos e as dores dos participantes com o passar dos encontros.

Embora as participantes tenham aceitado desde o início do grupo o processo não-diretivo de orientação profissional, aos poucos foram construindo um referencial interno, capaz de ajudá-las a direcionar suas vidas. Isso fica claro nas versões de sentido a seguir:

“Às vezes, não conseguimos ‘enxergar’ nós mesmos, mas devemos batalhar e persistir no nosso ‘defeito’, no nosso maior obstáculo. Hoje percebi que, para conseguir o que mais quero, devo correr atrás até alcançar e não me importar tanto com as opiniões alheias.” (VS3 Polyana).

“As nossas conversas tem feito eu parar para pensar em coisas que eu jamais pensei antes e isso está sendo muito bom para mim.” (VS3 Júlia).

“Vou sair daqui com outra visão das pessoas e de mim, com a consciência de que é preciso saber quem você é para tomar uma decisão. Aprendi também que a responsabilidade das minhas escolhas é só minha.” (VS5 Isabel).

“Vejo que não temos a obrigação de continuar algo por simplesmente ter começado em nosso lar. Saio daqui com mais coragem.” (VS5 Alice).

“Estou muito satisfeita por ter me conhecido um pouco mais, por entender o significado da frase que muitos dizem: ‘é preciso se conhecer antes de mais nada’. Achei que iríamos sair ‘destinados, orientados’ para uma profissão, mas foi muito melhor que isso, pois ninguém pode decidir por você além de você mesma(...)” (VS5 Polyana).

4.2. Fluxo Vivencial de cada participante

Para descrever o fluxo vivido por cada participante recorreu-se às versões de sentido escritas por ela e às narrativas elaboradas pela pesquisadora.

Isabel:

Inicialmente Isabel demonstrou uma expectativa positiva quanto ao que aconteceria no grupo. Ao mesmo tempo, ela descobriu o potencial de troca que o espaço grupal tem.

Ao compartilhar as experiências, a expectativa anterior dela se confirmou, dando início a um processo de autoconhecimento. Isso fica claro na sua VS3:

“Vejo muita confusão diante das escolhas e aceitações; acho que tudo isso vem do fato de ter pouco conhecimento de si mesma. Ao longo dessas três quartas-feiras, pude parar e olhar mais para o meu eu, observar coisas que eu não conseguia”.

No quarto encontro, houve um aprofundamento da amizade e dos vínculos pessoais entre as participantes presentes no grupo.

Ao final do processo, o autoconhecimento e a noção de responsabilidade adquiridas possibilitaram a Isabel sentir-se mais segura para fazer opções.

Esse fluxo vivencial de Isabel aponta para uma elucidação dos processos pessoais que envolvem a escolha profissional. Na visão de Isabel, esses processos incluem: a noção de que o autoconhecimento é uma pré-condição da escolha satisfatória e a responsabilidade pessoal das escolhas.

Laura:

No início do processo, Laura percebeu que a descoberta de Júlia começou a auxiliá-la na descoberta de si mesma, como suas VS1 e VS2 sequencialmente mostram:

“A Júlia, nossa nova colega, me ajudou a perceber que não sou a única que precisa mostrar as coisas para que os outros sintam orgulho me dando alívio de que não sou um ‘passarinho fora do

ninho', e que talvez nós duas possamos construir algo que nos ajude a superar esse 'sentimento'."

"Mais uma vez percebi que a Júlia é muitíssimo parecida comigo, e assim me sinto bem em saber que há pessoas parecidas comigo, e que também posso mudar algo que realmente sei que não é benéfico para ninguém."

Denunciou ainda ter reconhecido no grupo um espaço seguro para compartilhar sentimentos. Isso fica claro em um trecho de sua VS1:

"Adorei o encontro e me senti feliz de poder compartilhar sentimentos, que nem todos compreendem e acabam interpretando mal..."

Manifestou que a oportunidade de compartilhar informações no grupo, auxilia no conhecimento das profissões, o que pode ser visto na sua VS2 e VS3:

"Hoje pude perceber que quando cada um conta sua experiência, faz com que você veja se algum dia você poderá trabalhar com aquilo e trazendo também conhecimento sobre áreas que apenas conhecemos por nome, e que não sabemos sobre sua rotina na realidade." (VS2)

"(...) discutimos sobre como se organizar no mercado de trabalho, entre outros... Pude perceber que consegui contribuir com algumas idéias, me sentindo útil para o conhecimento de todos e para mim também".

O fluxo vivencial de Laura demonstra que nos três primeiros encontros, ela esteve mais focada em ajudar os outros participantes a refletir sobre suas próprias vidas. Especificamente no quarto encontro, falou mais de si e compartilhou uma experiência dolorosa de sua vida, na tentativa de ajudar outras pessoas do grupo. Nesse encontro, Laura se mostrou mais emotiva.

Ao final do processo, Laura conseguiu descobrir novas potencialidades em si mesma a partir das reflexões grupais. A partir da identificação com Júlia pôde enxergar melhor a si mesma, aumentando assim seu autoconhecimento.

O grupo foi um espaço em que ela se abastecia pela troca de informações, experiências e sentimentos, dando a ela uma sensação de segurança e bem-estar. Além disso, experimentou no grupo uma escuta sem julgamentos, como sua VS 5 mostra:

“Toda vez que saio do grupo, me sinto leve e com a sensação de que nada de ruim pode me acontecer. O grupo me fez sentir bem e parecendo que todos podiam me ouvir sem me reprimir e por isso fico muito contente por tudo”.

Alice:

Alice se mostrou durante todo processo grupal, mais observadora do que preocupada em se expressar verbalmente. Embora falasse pouco, estava bastante presente no grupo, o que se manifestava na sua escuta atenta e nas versões de sentido bastante expressivas durante os encontros.

No início do processo, Alice sentiu uma sensação de pertença e identificação no grupo ao perceber que naquele espaço estavam reunidas

outras pessoas, que assim como ela, sofrem pressão interna (de si mesmo) e familiar no momento da escolha profissional. Verifica-se isso na sua VS1:

“É muito bom saber que não sou só eu, mas também outras pessoas que sofrem pressão dentro de si e de familiares (...)”

Durante todo o processo grupal Alice manifestou estar vivendo uma dúvida no momento da escolha: estaria escolhendo uma profissão por gostar dela ou para dar continuidade ao trabalho do pai? Isso fica evidente nas versões de sentido a seguir:

“É impressionante ver o quanto um gesto, uma conversa de cinco minutos, pode mudar completamente uma opinião que considerávamos já formada.” (VS1).

“Questões como a cobrança dos pais sempre surgindo nos mostra um certo ‘dever’ para com a escolha profissional. Talvez, o cansaço, o desgaste durante o trabalho, acabam fazendo com que uma pequena conversa familiar transmita certa pressão de que o melhor a fazer é garantir uma renda e não a própria felicidade. Nos sentimos abatidos, meio perdidos com essa questão diversas vezes.” (VS 2).

Na metade dos encontros, Alice começou a se questionar sobre o que é realmente necessário conhecer a respeito de uma profissão pra se “encantar” por ela.

Ao final do processo, Alice demonstrou ter conseguido se fortalecer e se encorajar através do grupo a fazer uma escolha profissional pessoal e consciente, o que fica evidente na sua VS5:

“Percebo que, o que por muito tempo achávamos que seria certo, talvez, não seja nosso propósito maior. Vejo que não temos a obrigação de continuar algo por simplesmente ter começado em nosso lar. Saio daqui com mais coragem”.

Na etapa final, Alice se conscientizou de seu poder de liberdade, tomando contato com seu potencial de escolha e responsabilidade. Alice ampliou sua consciência no decorrer do processo, posicionando-se de maneira mais firme diante da escolha profissional no último encontro.

Polyana:

Inicialmente Polyana demonstrou expectativa de que o processo poderia ajudá-la no seu autoconhecimento e na escolha profissional. Ao mesmo tempo, ela sentiu-se aliviada ao perceber que assim como ela, outras pessoas também vivem o dilema da dúvida profissional.

No segundo encontro do grupo, Polyana começou a perceber as pressões e influências que sofre de familiares e amigos no momento da escolha profissional, como se observa a seguir:

“O encontro de hoje me fez pensar em que a proximidade dos pais, dos amigos interferem muito em nossas vidas, na questão de eles poderem dizer como você é, seu jeito de ser.” (VS2)

No encontro seguinte, Polyana começou a falar mais de si e de seus problemas. Nesta etapa, se conscientizou de que é ela quem permite que familiares e amigos façam escolhas por ela. Polyana começou a reconhecer

também que necessita buscar se conhecer melhor para fazer opções de vida. Iniciou uma ampliação de sua consciência neste momento.

Nos terceiro e quarto encontros falou bastante de si e confiou na capacidade do grupo em ajudá-la.

Especificamente no quarto encontro, foi feita uma discussão em torno de Polyana e as pessoas foram falando de suas vidas, na tentativa de ajudá-la e fortalecê-la. Neste sentido, pode-se dizer que o tom desse encontro esteve pautado em discussões pessoais sem enfatizar diretamente a escolha profissional.

Ao final do processo, Polyana demonstrou reconhecer que antes de fazer escolhas de vida, é preciso se conhecer. Neste momento, mostrou começar a se apropriar de seu poder de liberdade e se conscientizou de que a escolha profissional é individual. Mostrou que a troca de conhecimentos foi importante para tomar contato com diferentes profissões, auxiliando assim na sua escolha profissional. Isso fica claro na sua VS5:

“Achei que iríamos sair ‘destinados, orientados’ para uma profissão, mas foi muito melhor que isso, pois ninguém pode decidir por você além de você mesma, simplesmente podemos trocar conhecimentos para ajudarmos uns aos outros.”

No início do processo grupal Polyana se mostrou insatisfeita consigo mesma por se considerar uma pessoa insegura e denunciou que não se valoriza como gostaria. No grupo Polyana pôde ser ela mesma, sendo aceita por todos. Nos terceiro e quarto encontros, as participantes demonstraram suas

percepções sobre Polyana e fizeram-na acreditar mais em seus potenciais e qualidades. Polyana demonstrou estar mais segura de si ao final do processo.

Júlia:

Inicialmente Júlia demonstrou uma expectativa de que a capacidade de troca de informações e sentimentos no grupo poderia ajudá-la.

Essa expectativa se confirma ao se identificar com Laura e ao se beneficiar com a troca de informações no grupo, como sua VS2 explicita:

“O encontro de hoje me fez pensar em várias coisas, como a identificação com o próximo nos ajuda a nos sentir bem. O fato de poder trocar informações com outras pessoas que não convivem comigo também é um fator muito interessante.”

Nesse mesmo encontro, Júlia manifestou ainda ter reconhecido no grupo um espaço seguro para compartilhar sentimentos sem julgamentos ou cobranças. O trecho a seguir de sua VS2 ilustra isso:

“Além da possibilidade da troca de informações, os encontros têm sido para mim a possibilidade de um refúgio, onde eu posso desabafar e expor meus sentimentos sem nenhuma cobrança. Aqui é um lugar onde eu me sinto à vontade para expor meus pensamentos.”

No decorrer dos encontros, Júlia iniciou um processo de autoconhecimento e ampliação da consciência através das discussões em grupo, como pode ser visto na sua VS3:

“As nossas conversas tem feito eu parar para pensar em coisas que eu jamais pensei antes e isso está sendo muito bom para mim.”

Júlia faltou no quarto encontro do grupo e manifestou ter se sentido mal ao perceber que foi um encontro bastante rico e que não estava presente, como pode ser observado na mensagem que enviou ao e-mail do grupo:

“Olá meninas... Tudo bem com vocês? Infelizmente não deu pra eu ir hoje... vi que perdi muita coisa...”

Ao final do processo, Júlia reconheceu que no início dos encontros, sentiu desconfiança de que a proposta poderia ser eficaz, mas ao longo do processo reconheceu o potencial de troca de experiências no grupo como algo que foi positivo para ela. Mostrou ainda ter se sentido ouvida e ajudada no grupo. Isso pode ser visto na sua VS5:

“Volto a dizer que cheguei com muito medo e desconfiança, mas com o passar dos encontros isso foi embora. Levo os nossos encontros como uma experiência de vida ótima, saio muito satisfeita com um gostinho de quero mais! Foi uma oportunidade única! Agradeço a todos por me ouvirem e por tentarem de alguma maneira me ajudar.”

4.3. Etapas percorridas pelo grupo

Analisando de maneira geral o fluxo percorrido pelo grupo, observa-se que no início do processo houve um sentimento de alívio quando as participantes reconheceram problemáticas comuns em suas vidas. Essa

identificação mútua aliada ao clima de não julgamento e aceitação, culminou no desenvolvimento de sensação de pertença no grupo. Em seguida, focalizam a questão da escolha profissional ao compartilharem informações sobre carreiras.

Na metade do processo, as participantes começam a falar mais de si e aumentando o autoconhecimento. Nesta etapa adquiriram também grande cumplicidade ao partilharem questões extremamente pessoais. Ao final do processo, algumas participantes mostram-se mais questionadoras, com pensamentos mais autônomos e críticos sobre suas vidas e começam a se apropriar de suas escolhas de vida. Todas as participantes demonstraram ter ampliado o autoconhecimento.

No decorrer do processo, as etapas do grupo foram marcadas com percepções, as quais seguem abaixo:

4.3.1. Influências familiares, de amigos e de professores

As participantes desse estudo manifestaram nas discussões grupais que no momento da escolha profissional sofrem influências da família, amigos, professores e também mostram que sofrem pressões familiares, da escola e da eminência das provas de vestibulares, como veremos a seguir.

“Seu relato (de Polyana) mostrou também que ela sente que seus pais a comparam muito com a irmã, o que a faz se sentir muito pressionada por eles.” (Narrativa 1º encontro).

“Júlia disse que este ano não prestará vestibular, mas acredita que, quando for prestar, escolherá Economia, pois sua mãe diz

que é uma profissão que tem retorno financeiro.” (Narrativa 2º encontro).

“Júlia contou também que sua mãe a aconselhou a cursar Psicologia, já que vê na filha uma boa conselheira”. (Narrativa 2º encontro).

“Questões como a cobrança dos pais sempre surgindo nos mostra um certo ‘dever’ para com a escolha profissional. Talvez o cansaço, o desgaste durante o trabalho, acabam fazendo com que uma pequena conversa familiar transmita certa pressão de que o melhor a fazer é garantir uma renda e não a própria felicidade. Nos sentimos abatidos, meio perdidos com essa questão diversas vezes.” (VS2 Alice).

“O encontro de hoje me fez pensar que a proximidade dos pais, dos amigos interfere muito em nossas vidas, na questão de eles poderem dizer como você é, seu jeito de ser.” (VS2 Polyana).

“Alice complementou que seria interessante saber como a família do profissional reagiu com a escolha dele e se houve influência da família nessa escolha ou não. Nesse momento, passou pela minha cabeça que Alice poderia estar sendo influenciada por sua família.” (Narrativa 3º encontro).

“Isabel disse que considera o depoimento de um profissional muito importante. Contou que um professor do seu cursinho disse que, para ele, a prática de dar aulas é algo apaixonante e que, depois que se inicia essa prática, não consegue mais parar. Isabel disse ainda que se imagina no futuro dando aulas. Comentei ter percebido que essa manifestação do professor de Isabel foi um

... dado que a influenciou na escolha de maneira positiva. Isabel disse que sim.” (Narrativa 3º encontro).

“Júlia perguntou para Polyana se ela tinha pressa de entrar na faculdade. Polyana respondeu que os pais não queriam mais pagar cursinho e gostariam que ela entrasse direto na faculdade. Em seguida, perguntei como Polyana se sentia com essa atitude dos pais. Ela respondeu que se sente pressionada. (...) Polyana soltou as lágrimas e começou a chorar e disse que seus pais esperam que ela seja aprovada numa faculdade pública.” (Narrativa 3º encontro).

“Alice contou que largou o cursinho e disse que, a partir de agora, vai se dedicar em ajudar o pai com projetos de elevador. Falou que não é apaixonada por esse trabalho, mas vai querer prestar Engenharia Civil para poder ajudar o pai. Em seguida, perguntei o que a levava a fazer essa opção. Alice respondeu que, se ela não trabalhar para o pai, ele terá que pagar para alguém fazer o trabalho e, já que tem conhecimento de como trabalhar na área, ela sentiu que deveria ajudá-lo.” (Narrativa 4º encontro).

Diante de influências externas (naturais e compreensíveis), as participantes demonstraram não possuir um espaço onde pudessem expressar suas vivências no momento da escolha profissional com total liberdade. Neste sentido, o grupo de orientação profissional não-diretivo representou para as participantes esse espaço para que elas pudessem expressar e compreender suas experiências e sentimentos envolvidos nessa fase de suas vidas.

4.3.2. O grupo auxiliou na ampliação do autoconhecimento e da consciência

O grupo proposto foi promotor de autoconhecimento e ampliação de consciência, visto que as participantes puderam se conhecer melhor na medida em que iam se relacionando consigo mesmas e com as outras pessoas do grupo. As pessoas envolvidas neste processo grupal puderam ter ainda expressão livre e neste sentido, experimentaram *feedbacks*³ de umas para outras, podendo aprender de que maneira são vistos uns pelos outros. Os relatos abaixo explicitam isso:

“Laura falou para Polyana pensar em Terapia Ocupacional, pois percebe que ela gosta de cuidar de pessoas e imagina que não faltaria trabalho para a colega.” (Narrativa 1º encontro).

“(...) Laura comentou que considera Polyana bastante indecisa, ao perceber que a colega pensa em várias profissões ao mesmo tempo e cada momento deseja seguir uma”.(Narrativa 2º encontro).

“(...) Isabel disse à Júlia que, ao mesmo tempo em que a percebe como uma pessoa decidida e prática, também a vê como uma pessoa muito sensível ao que os outros falam. Nesse momento, Júlia concordou com gestos, mostrando que a reflexão de Isabel fez sentido e foi importante para ela.”(Narrativa 2º encontro).

“Ao longo dessas três quartas-feiras, pude parar e olhar mais para o meu eu, observar coisas que eu não conseguia” (VS3 Isabel).

³Fornecer *feedback* é exprimir a outro a maneira como o estou percebendo e sendo afetado por ele. Rogers (2002).

“Laura disse que acredita que Polyana não respeita sua própria opinião e que acredita mais nos outros do que em si mesma.” (Narrativa 3º encontro).

“Júlia disse perceber que Polyana não consegue realizar suas coisas, pois antes mesmo de tentar algo, antecipa que não irá conseguir. Complementou que cria um pensamento negativo, que funciona como barreira para suas conquistas. Polyana parece ter acatado o comentário de Júlia, pois disse que realmente pensa que precisa mudar e acreditar mais em si mesma” (Narrativa 3º encontro).

“Júlia perguntou se Polyana tinha medo de algo e ela respondeu que, muitas vezes, tem a impressão de que não se conhece bem. Perguntei para Polyana, se em outras palavras, estava nos dizendo que é preciso se conhecer bem para fazer escolhas. Polyana disse que sim. Comentei que achava positivo ela reconhecer que está faltando autoconhecimento e disse que esse reconhecimento é o primeiro passo para a mudança” (Narrativa 3º encontro).

“Questionei se alguém do grupo gostaria de dizer algo para Polyana. Laura disse que freqüentemente fica preocupada com Polyana e pensa que seria importante que a colega falasse aos pais aquilo que a magoa.” (Narrativa 4º encontro).

“Em seguida, Laura se dirigiu a Polyana e disse com firmeza que ela deveria acreditar que seus problemas, a partir de agora, não iriam mais derrubá-la e que era preciso que ela caísse e levantasse quantas vezes fossem necessárias.” (Narrativa 4º encontro).

A seguir seguem relatos que comprovam momentos de ampliação da consciência das participantes:

“(Laura) Comentou que, toda vez que saía do grupo, se sentia mais leve e com uma consciência mais ampliada. Falou que ficava calma, sossegada e na expectativa para o próximo encontro.” (Narrativa 5º encontro).

“Vou sair daqui com outra visão das pessoas e de mim, com a consciência de que é preciso saber quem você é para tomar uma decisão.” (VS5 Isabel).

“Estou muito satisfeita por ter me conhecido um pouco mais, por entender o significado da frase que muitos dizem: ‘é preciso se conhecer antes de mais nada’ “. (VS5 Polyana).

4.3.3. O outro atuou como mediação para a descoberta de si mesmo

Em alguns momentos, a descoberta do outro atuou como mediação para a descoberta de si mesmo. Além disso, as participantes foram se descobrindo e ampliando a consciência de si na medida em que se relacionavam com os outros. Dessa forma, o grupo não-diretivo permitiu que as participantes ampliassem seu autoconceito, conforme se observa nos exemplos a seguir:

“A Júlia, nossa nova colega, me ajudou a perceber que não sou a única que precisa mostrar as coisas para que os outros sintam orgulho de mim me dando alívio de que não sou um ‘passarinho fora do ninho’, e que talvez nós duas possamos construir algo que nos ajude a superar esse ‘sentimento” (VS1 Laura).

“Laura disse ainda que se identifica muito com Júlia, especificamente com sua praticidade e revelou que também se enxerga assim. Júlia disse que é recíproco, pois também se enxerga nas atitudes de Laura. Considero que o fato de Júlia ter servido de espelho para Laura e vice-versa foi muito importante para que ambas pudessem ampliar seu autoconhecimento.”
(Narrativa 2º encontro).

“Mais uma vez percebi que a Susana é muitíssimo parecida comigo, e assim me sinto bem em saber que há pessoas parecidas comigo, e que também posso mudar algo que realmente sei que não é benéfico para ninguém”. (VS2 Laura)

“Aprendi com a Júlia que algumas atitudes que ela tem eu também tenho e que, às vezes, as pessoas comentam e recriminam. Vendo uma pessoa que tem atitudes parecidas com as minhas, pude perceber que, às vezes, as pessoas têm razão. Assim, tento, a cada dia, melhorar com esses defeitos que todas temos, tentando assim ser uma pessoa melhor.” (VS5 Laura).

4.3.4. Sensação de pertença

O grupo desse estudo permitiu que as participantes sentissem na atmosfera grupal uma sensação de pertença, pois experimentaram identificações umas com as outras. Além disso, naquele espaço puderam

compartilhar sentimentos, idéias e valores sem julgamentos, os quais foram efetivamente acolhidos e respeitados por todos os membros. Isso aumentou a sensação de pertença no grupo e favoreceu o diálogo sincero entre elas. Ao se sentirem aceitas, acolhidas e não julgadas no grupo, as participantes conseguiram entrar mais em contato consigo mesmas e, como foi dito anteriormente, o autoconhecimento aumenta a liberdade e o potencial de escolha. Essa sensação de pertença no grupo pode ser vista nos trechos a seguir:

“Adorei o encontro e me senti feliz por poder compartilhar sentimentos, que nem todos compreendem e acabam interpretando mal (...)” (VS1 Laura).

“É muito bom saber que não sou só eu, mas também outras pessoas que sofrem pressão dentro de si e de familiares (...) De certa forma, ‘tira’ o medo que temos de nos expressar e contar fatos em nossas vidas.” (VS1 Alice).

“Estou crescendo com as observações feitas nesse grupo, e a sensação de poder contar o que passa e ser ouvida é muito boa, faz com que eu me sinta mais leve.” (VS2 Isabel).

“(...) Os encontros têm sido para mim a possibilidade de um refúgio, onde eu posso desabafar e expor meus sentimentos sem nenhuma cobrança. Aqui é um lugar onde eu me sinto à vontade para expor meus pensamentos.” (VS2 Júlia).

4.3.5. Percepção da liberdade e responsabilidade das escolhas

No decorrer do processo, o grupo promoveu autonomia do eu, na medida em que auxiliou as participantes a lidarem melhor com as influências

externas de amigos e familiares. Nesse sentido, as participantes começaram a assumir sua liberdade de escolha. Ao mesmo tempo, começaram a se conscientizar de que a idéia de liberdade está atrelada ao senso de compromisso e responsabilidade pelas opções de vida que fazem o que pode ser observado a seguir:

“Aprendi também que a responsabilidade das minhas escolhas é só minha.” (VS5 Isabel).

“Achei que iríamos sair ‘destinados, orientados’ para uma profissão, mas foi muito melhor que isso, pois ninguém pode decidir por você além de você mesma” (VS5 Polyana).

4.3.6. A troca de informações aumentou o potencial de escolha

No decorrer do processo, as participantes compartilharam informações referentes a faculdades, cursos, mercado de trabalho, entre outras. A troca de informações profissionais dentro do grupo auxiliou na ampliação dos conhecimentos sobre diferentes carreiras, aumentando assim o potencial de escolha das participantes, como demonstram as versões de sentido abaixo:

“Hoje pude perceber que quando cada um conta sua experiência, faz com que você veja se algum dia você poderá trabalhar com aquilo e trazendo também conhecimento sobre áreas que apenas conhecemos por nome, e que não sabemos sobre sua rotina na realidade” (VS2 Laura).

“O fato de poder trocar informações com outras pessoas que não convivem comigo também é um fator muito interessante. “(VS2 Júlia)

4.3.7. O grupo funcionou como espaço de ajuda mútua

A orientação profissional deste grupo foi não-diretiva, pois não havia um programa pré-estabelecido. As participantes foram trazendo questões espontaneamente na medida em que sentiam necessidades, como pode ser visto no trecho da narrativa abaixo:

“O encontro de hoje me causou uma sensação de que dois temas que julgo serem extremamente importantes em discussões de orientação profissional (mercado de trabalho e pressões familiares) foram trazidos espontaneamente por elas, o que me faz crer que um grupo é capaz de se auto-sustentar.” (Narrativa 2º encontro).

À medida que as questões e problemas pessoais das participantes iam surgindo, eram explorados e resolvidos pelo próprio grupo, recorrendo à facilitadora apenas para feedbacks, o que denuncia uma capacidade do grupo de se auto-apoiar, como se observa a seguir:

“Aprendi hoje que, mesmo conhecendo as pessoas, nós não fazemos idéia de como é o relacionamento que elas possuem com os seus familiares. Não sabemos se as pessoas estão bem ou precisam de ajuda, como aconteceu com a Polyana nesse encontro, onde pudemos ouvi-la e entender a turbulência [familiar] que ela está passando.” (VS4 Laura).

Essa ajuda mútua ocorreu em vários momentos do grupo.

“Outras participantes comentaram que Júlia não deve julgar sua experiência como inválida, pois se não tivesse passado por ela

(cursar técnico em Publicidade e Propaganda), poderia estar pensando agora em prestar esse curso hoje, pois não saberia como a profissão funciona na prática. Disseram que poderia ser mais traumático para ela ter que parar um curso universitário do que um técnico. Júlia concordou e acrescentou que ela recomendaria para quem está no Ensino Fundamental que fizesse um curso técnico, para experimentar determinada área e ver se gosta ou não.” (Narrativa 2º encontro).

O quadro abaixo explicita o movimento percorrido pelo grupo:

1. As participantes expressam que receberam influências de familiares, professores e amigos;
2. O grupo funcionou como espaço para as participantes expressarem com liberdade seus sentimentos;
3. O grupo foi promotor de autoconhecimento e ampliação da consciência;
4. O outro atuou como mediação para a descoberta de si mesmo;
5. O grupo auxiliou as participantes a lidarem melhor com as influências externas;
6. A troca de informações sobre profissões auxiliou no conhecimento de diversas carreiras, aumentando o potencial de escolha;
7. O grupo funcionou como espaço de ajuda mútua;
8. Não tendo um programa pré-estabelecido, o próprio grupo norteou as informações que desejava obter conforme as necessidades das participantes.

V- DISCUSSÃO

Nesta etapa foi realizada a discussão baseando-se nos objetivos previstos na introdução deste trabalho.

5.1. Grupo não-diretivo

Essa proposta se propôs ser um trabalho não-diretivo de orientação profissional, no sentido de não partir de um programa pré-estabelecido. Além disso, não tinha uma preocupação prévia de utilizar instrumentos e de realizar diagnósticos, por acreditar-se que os instrumentos direcionam os indivíduos para diferentes profissões pelas suas capacidades desconsiderando a história de vida de cada um.

Neiva (2007) compartilha desse pensamento ao considerar que a modalidade de orientação profissional baseada em instrumentos apresenta a desvantagem de não envolver o jovem em seu próprio processo de decisão. A autora acrescenta que nesta situação, o jovem tem papel passivo ao esperar uma resposta do orientador, sem assumir a responsabilidade de seu processo de decisão.

Nesse estudo houve um desejo em superar a modalidade estatística em orientação profissional, devolvendo ao jovem sua capacidade de reflexão, de liberdade de escolha e de responsabilidade por suas opções de vida.

Desde o início, foi esclarecido ao grupo que não seria um atendimento diretivo. O que Rogers (2002) diz dos grupos de encontro se aplica neste trabalho. Ele ressalta que desde o início o facilitador esclarece que se trata de um grupo com liberdade e não um grupo em que o coordenador assume a

responsabilidade de dirigir. Os indivíduos percebem que quem estruturará os encontros serão eles mesmos.

Bowen (1987) citada por Cavalcante (2008) considera que o facilitador acredita que é a pessoa quem determina o destino e o caminho a seguir, além de confiar na capacidade do indivíduo em tornar-se uma pessoa em pleno funcionamento.

Rogers (1995) aponta que o terapeuta entra na relação não como um médico que busca o diagnóstico nem como um cientista, mas como uma pessoa que se insere numa relação pessoal. O'Hara (1983) acrescenta que ao invés de ser um "expert", o terapeuta renuncia ao poder e ao controle sobre a situação e se transforma num colaborador na exploração do mundo imediato do indivíduo. Renunciar ao controle significa aceitar que o mundo de cada um é único, o que possibilita entender que as escolhas de vida de uma pessoa são igualmente únicas e individuais. Embora esses autores não estejam se referindo explicitamente a um grupo de orientação profissional, suas afirmações se aplicam ao grupo não-diretivo que realizamos.

Vários processos de orientação profissional colocam o orientador numa posição de perito que tem o poder para ler o mundo interno do jovem como se fosse um texto para indicar-lhe opções profissionais. A pesquisadora concorda com Rogers (2002) no que se refere à idéia de não responsabilizar-se pelos membros do grupo, mas caminhar num processo junto deles.

Além disso, a prática deste estudo não antecipou conhecimentos e possíveis conclusões acerca da vida dos indivíduos. Os sentidos foram sendo captados, atribuídos e produzidos na relação dialógica entre pesquisadora-

facilitadora ¹e participantes, que compartilharam do mesmo mundo e ao mesmo tempo. À medida que as situações experienciais emergiam, a conversação grupal ia dando forma a elas.

No livro “*Grupos de Encontro*” ², Rogers demonstra não ser um terapeuta preocupado em planejar atividades, aplicações de técnicas e conhecimentos dirigidos para os grupos. Inicia nessa obra uma atividade em que o facilitador passa a se guiar pelo processo de relações entre os participantes do grupo, estando mais preocupado em garantir as possibilidades de expressão de sentimentos dos mesmos. Bock (2001) acrescenta que é preciso desmistificar o conceito de que o orientador fará um diagnóstico como fórmula de decisão. O primordial é criar condições que favoreçam a reflexão e decisão do jovem.

Rogers (1976) concorda com a idéia de não vislumbrar um diagnóstico por entender que cada indivíduo tem experiências singulares e próprias norteadoras num processo de escolha. Isso sinaliza respeito à liberdade de escolha de cada um.

A proposta deste estudo se assemelhou a de Bohoslasky (1998) no que se refere à valorização do papel ativo do adolescente no processo de orientação profissional enquanto cabe ao orientador facilitar o processo ajudando o jovem a mobilizar sua capacidade de decisão autônoma.

O grupo não-diretivo de orientação profissional considerou as experiências pessoais das participantes, o que permitiu que elas iniciassem um processo de construção de significados pessoais cada vez mais criativos, organizados e integrados. Isso fica bastante evidente principalmente nos fluxos

¹ O termo pesquisadora-facilitadora a partir desse momento empregado denuncia que a pesquisadora fez parte da experiência em grupo.

² Rogers, Carl, *Grupos de Encontro*, São Paulo, Martins Fontes, 2002, 8ª ed.

de Alice e Polyana que através das experiências nas relações consigo e com os outros, puderam criar e recriar compreensões acerca de suas realidades. No decorrer dos encontros, as discussões grupais permitiram que Alice resignificasse sua escolha profissional e acessasse a coragem para mover-se diante das influências que sofre. O fluxo vivido por Polyana denota que inicia um processo de apropriação de sua identidade, resgatando seu poder de liberdade e responsabilidade diante das suas escolhas.

A pesquisadora-facilitadora entende que coordenar não significa orientar, pois quem conhecia o melhor caminho a ser seguido eram as próprias participantes. Acredita também ainda que as respostas das dúvidas e das perguntas das participantes estavam dentro delas mesmas. A respeito disso, Rogers (1995) argumenta:

“A experiência é, para mim, a suprema autoridade. A minha própria experiência é a pedra de toque de toda a validade. Nenhuma idéia de qualquer outra pessoa, nem nenhuma das minhas próprias idéias, tem a autoridade e que se reveste minha experiência. É sempre à experiência que eu regresso, para me aproximar cada vez mais da verdade, no processo de descobri-la em mim.” (Rogers, 1995, p. 28).

O próprio grupo foi quem norteou a direção que desejava seguir, conforme suas necessidades e objetivos. Um exemplo disso se encontra no segundo encontro, onde as participantes construíram juntas as informações que consideraram relevantes saber a respeito de profissões de interesse. Além disso, exploraram temas como mercado de trabalho e pressões familiares. Sendo assim, o trabalho da pesquisadora-facilitadora esteve voltado para

facilitar o processo na medida em que as dificuldades das orientandas eram manifestadas.

Em alguns momentos do processo (primeiro e terceiro encontros) a pesquisadora-facilitadora interrompeu o fluxo vivencial do grupo ao quebrar o silêncio que estava se manifestando. Amatuzzi (2001) acredita que o silêncio não deve apenas ser entendido como ausência de ruídos, mas como algo positivo no plano das significações e acrescenta que compreender o silêncio significa ouvi-lo escondido em qualquer fala.

Bowen (2008) complementa:

“Silêncio não nasce da passividade ou da desconectividade, mas o tipo de silêncio que dá as pessoas o espaço para entrarem em contato consigo mesmas e de fazerem trabalhos interiores, sem terem que despende suas energias em respostas ou em reconhecimentos das empatias dos outros. O tipo de silêncio que torna a criatividade possível, que possibilita a incubação necessária para parir novos ‘ insights’ e novas idéias.” (Bowen, 2008, p. 49).

Fonseca (1988) descreve que uma característica fundamental dos grupos vivenciais é que o facilitador não tem nenhum programa a priori para o grupo, sendo que o essencial é centrar-se cada vez mais na vivência e expressividade presente do participante e do grupo como conjunto. Considera ainda ser importante respeitar o fluxo natural dos interesses, excitações assim como o fluxo da configuração dinâmica dos sentimentos, conhecimentos, raciocínios e intuições do grupo.

O grupo deste estudo teve uma capacidade de se autosustentar, visto que à medida que as questões e problemas iam surgindo, o próprio grupo explorava-os e resolvia-os, recorrendo à facilitadora apenas para feedbacks. O

clima de confiança veio numa crescente no grupo, o que se observa quando as participantes mostram uma capacidade natural para lidar com a dor e o sofrimento umas das outras, como ocorreu no quarto encontro.

Rogers (2002) considera que uma das evoluções mais freqüentes é o sentimento de confiança, calor humano e simpatia pelos membros do grupo. O autor acredita que o grupo manifesta alterações em seu comportamento, normalmente tendendo para serem sujeitos mais espontâneos e reais. Assim, as pessoas mostram espantosa capacidade de solicitude e ajuda um para com os outros com o passar dos encontros. Isso pôde ser visto no grupo não-diretivo de orientação profissional principalmente nos terceiro e quarto encontros.

Wood (1994) citado por Amatuzzi (1996) acredita que experiências em grupo possuem um relacionamento terapêutico que consiste em pessoas inclinadas para ajudar, ouvir com atenção as outras e participar na reorganização das percepções dos indivíduos sobre si próprios.

O quarto encontro do grupo foi bastante profundo e essencial, onde a expressão de sentimentos resultou em maior intimidade entre as participantes. Nesta sessão, ao ouvir o relato de Isabel a respeito da morte de sua mãe, a pesquisadora-facilitadora sentiu uma imensa vontade de chorar, mas se contive. Percebeu que se tivesse chorado, não estaria sendo menos profissional, mas permitiria mostrar ao grupo toda grande empatia para com ele. A respeito disso, Rogers (2002) manifesta que ao ser empático com as tensões do grupo, o profissional mostra sua capacidade para confortar uma pessoa, com uma afeição compreensiva e verdadeira.

5. 2. Influências Sociais

Várias participantes deste estudo manifestaram nas discussões grupais receber influências externas de familiares, amigos e professores no momento da escolha profissional. Neiva, Miranda e Esteves (2005) acreditam que a escolha profissional é multifatorial, uma vez que vários fatores a influenciam: familiares, educacionais, sociais, psicológicos, econômicos e políticos.

Gonçalves (1997) citado por Gonçalves e Coimbra (2007) considera que os pais tendem a transmitir aos filhos as dimensões que eles próprios consideram importantes para o sucesso profissional.

Assim como Neiva (2007), a pesquisadora deste estudo compreende que o adolescente deve se conscientizar do papel que sua família exerce em seu processo de decisão profissional. Para que isso ocorra, faz-se necessário que existam discussões familiares em torno do problema da escolha, e que sejam esclarecidas as percepções e posturas de cada integrante da família.

Este estudo compartilha da idéia de Soares (1993a) ao entender que a escolha é do adolescente e ninguém tem o direito de interferir nela. Porém, a autora deste trabalho pensa que existe uma tendência natural dos pais manterem sua função de 'orientadores', já que transmitem ao longo da vida valores, normas e crenças aos filhos, que de certa forma, são referenciais da escolha. Contudo, a pesquisadora considera ser importante que os adolescentes ouçam seus pais e reflitam sobre o que eles dizem, sem perder sua autonomia de decisão pessoal.

Erthal (1986) compreende que ao se permitir influenciar pelas pressões que sofre, o indivíduo nega sua liberdade e reduz sua possibilidade de escolha. À medida que tais pressões eram manifestadas no grupo, a pesquisadora-

facilitadora tentava ajudar as participantes a refletir sobre essas questões. Alice, Júlia e Laura tiveram a possibilidade de entrar em contato com as influências e pressões familiares que sofrem o que permitiu que começassem a refletir a respeito disso.

5.3. Percepção da liberdade e responsabilidade das escolhas

O grupo foi promotor da autonomia do eu, na medida em que auxiliou os indivíduos a se conscientizarem e a lidarem melhor com as influências que recebem.

As reflexões grupais em torno da escolha, abarcaram questões implícitas como liberdade, senso de responsabilidade e renúncias no ato de escolher. Isso permitiu que as participantes ampliassem sua consciência de que a escolha pode ser uma possibilidade responsável de se exercitar o potencial de liberdade de cada um.

A pesquisadora entende, assim como Sartre (1948) citado por Erthal (1988), que o conceito de liberdade está incorporado ao conceito de responsabilidade. Spaccaquerche (2005) acrescenta que a escolha é um exercício de liberdade e ao fazer uma opção profissional através de um processo de reflexão, o indivíduo está mais consciente de seus atos e das conseqüências dos mesmos.

Desde o início deste trabalho, a pesquisadora-facilitadora acreditou no potencial de auto-atualização das participantes considerando a capacidade de se autodirigirem e de fazerem escolhas autônomas.

Castelo Branco (2008) esclarece que acreditar no pressuposto da tendência à atualização, significa dizer que o terapeuta confia na constante tendência do indivíduo para crescer, desenvolver-se e atualizar-se.

Amatuzzi (2003) acredita que o atendimento fundamentado na perspectiva humanista não se baseia num diagnóstico e sim, na afirmação de uma tendência criativa e inata ao crescimento; é uma relação libertadora dessa tendência no indivíduo. Fonseca (1988) acrescenta que acreditar na tendência atualizante significa crer na produtividade dos processos auto-organizativos dos indivíduos.

O atendimento não-diretivo de orientação profissional desse estudo auxiliou na livre expressão da tendência atualizante das participantes, na medida em que promoveu reflexões grupais que permitiram a conscientização e libertação dos controles externos das orientandas, o que pôde ser visto principalmente na vivência grupal de Polyana. Gradativamente ela foi se conscientizando no grupo que estava minimizando seu potencial de decisão ao permitir que interferências e influências externas adquirissem a responsabilidade por suas escolhas.

Rogers (1995) citado por Cavalcante (2008) acredita que uma sociedade não pode tornar-se livre a menos que ela liberte continuamente seus integrantes, para que eles atualizem seus potenciais. A autora deste estudo acredita em um atendimento que ajude os indivíduos a lidarem melhor com o controle social.

Diante das influências que recebem no momento da escolha profissional, as participantes manifestaram não possuir espaço para compartilhar seus sentimentos e compreendê-los, o que fica evidente na primeira e na quinta

versões de sentido de Laura, na segunda versão de Júlia e na quinta versão de Alice. Na tentativa de suprir essa necessidade, a pesquisadora- facilitadora criou na situação grupal um clima psicológico seguro através de um ambiente de confiança, de suporte e compreensão, o que possibilitou que as adolescentes manifestassem e explorassem a si mesmas, em tempos e ritmos próprios. Além disso, no grupo não havia uma pressão para as pessoas agirem e serem de determinadas maneiras. Isso facultou num processo de ampliação da consciência de si e de suas necessidades pessoais.

5.4. Sensação de pertença

A esse propósito é interessante lembrar que o grupo causou sensação de pertença nas participantes, não somente por elas terem sido acolhidas, não-julgadas e respeitadas naquele espaço, mas também por compartilharem sentimentos comuns, como dúvida, confusão, insegurança em relação ao futuro profissional. O grupo vislumbrou ainda a possibilidade de troca de identificações recíprocas a partir de problemáticas comuns de indecisão profissional, pressões externas, relações familiares e reações emocionais na eminência das provas de vestibulares.

5.5. Autoconhecimento e ampliação da consciência

A pesquisadora acredita que um dos fatores mais importantes no momento da escolha profissional é o autoconhecimento, pois entende que a capacidade de ampliação da autoconsciência aumenta o potencial de escolha.

Nas discussões grupais, as participantes orientaram-se para um crescimento e desenvolvimento, através de um *processo experiencial*³, que culminou numa ampliação do autoconhecimento.

No decorrer dos encontros, elas foram transformando sua consciência através do reconhecimento de suas características, identificações e singularidades, podendo refletir sobre seus projetos e escolhas de vida, o que resulta em melhores condições de fazer sua escolha profissional.

Isso fica bastante evidente no processo vivido por Alice, que através das discussões grupais, começa a repensar e a ressignificar sua escolha profissional desde o primeiro encontro. O processo vivido por Polyana demonstra que a ampliação de sua consciência ocorrida principalmente nos terceiro e quarto encontros, foi primordial para entrar em contato com seus recursos de tomada de decisão frente às escolhas.

Fonseca (1983) acredita que a modalidade grupal configura para o indivíduo uma oportunidade para uma vivência ampla e espontânea de si, de seu processo pessoal e de seu ritmo natural, além de possibilitar ampliação da consciência de seu potencial e dos meios e processos para criar condições para satisfazê-las. Considera que o grupo funciona como um ambiente de desvelamento, conscientização e construção de sua realidade.

Wood (1983) compartilha dessa idéia e acrescenta que na atmosfera grupal, as pessoas começam a conhecer-se e funcionar mais plenamente nas relações com os outros.

³ Espaço de experienciação e experimentação de si, a partir de critérios de necessidades e interesses próprios.

5.6. Descoberta de si pela mediação do outro

Neste trabalho, as participantes conseguiram se conhecer melhor na medida em que se relacionavam consigo e com as outras.

No espaço grupal os integrantes se movimentam no sentido de colocação e afirmação de suas identidades. Existe um esforço da afirmação “quem eu sou” ser ocupada pela outra “ quem você é”. O contato com o outro, com a alteridade e com a diferença determina a descoberta, criação e emergência de nós próprios (Fonseca 1983; 1988).

Wood (1983) acredita ainda que a atmosfera grupal permite que quando uma pessoa fala a respeito de um sentimento ou problema de sua vida, outras talvez respondam, são as respostas facilitadoras. O grupo “reflete” para mim uma imagem de mim mesmo mais clara do que a que tenho. Nesse estudo, um exemplo disso ocorreu no segundo encontro quando Laura manifesta perceber Polyana como uma pessoa bastante indecisa. No terceiro encontro ocorreu outra situação quando Isabel relata perceber Polyana como uma pessoa insegura.

Buber (1979) citado por Fonseca (1988) acredita que o homem se torna *Eu* na relação com o *TU* e assim estará descobrindo e aprendendo a si próprio. Bock e Aguiar (1995) compartilham dessa idéia e acrescentam que o autoconhecimento emerge na reflexão compartilhada com o outro e não se constrói numa reflexão descolada da realidade social. No grupo isso pôde ser explicitamente visto na relação de identificação recíproca entre Laura e Júlia em várias sessões, onde uma pôde se ver nas atitudes e pensamentos da outra.

A pesquisadora acredita que para motivar-se para a escolha, o jovem precisa acreditar em si mesmo, o que começa por uma autopercepção positiva. A maneira como o outro nos vê interfere na nossa autopercepção. Cooley (1902) citado por Magalhães e Souza (2008) esclarece essa idéia ao afirmar que a principal perspectiva sobre o autoconceito é a do *the other self*, o que significa dizer que pensamos como o outro pensa sobre nós. O nosso espelho são as pessoas e se a interação for favorável para nós, desenvolveremos o autoconceito positivo. Caso contrário, se o outro for crítico e agressivo, desenvolveremos o autoconceito negativo.

Rogers (2000) citado por Magalhães e Souza (2008) também considera também o peso das pessoas-referência na formação do autoconceito do indivíduo.

Isso ficou evidente na vivência de Polyana, que sempre demonstrou ser importante para ela ter um olhar positivo de seus pais, buscando que eles a aprovassem. Ela descreveu para o grupo que se sentia desvalorizada por eles e exemplificou uma situação onde seu pai manifestou não acreditar que ela passaria na prova de direção.

No início do processo, Polyana se mostrou bastante indecisa, insegura e com uma autoimagem negativa nos encontros. Ela relatou ao grupo que percebe que seus pais não a apóiam como ela gostaria em seus momentos de incertezas e dificuldades profissionais.

Neste sentido, no terceiro e quarto encontros, o grupo a ajudou a se ver de maneira diferente, ressaltando suas qualidades e seus potenciais. Percebeu-se que ao final do processo, Polyana estava mais segura e acreditando mais em si mesma.

Etapas percorridas pelo grupo na série de reuniões:

Amatuzzi (2001) cita as seguintes etapas ao se referir a um processo terapêutico pessoal:

1. Tomando pé: o cliente entra em contato com a possibilidade de relação existente entre ele e o profissional e decide se aceita ou não iniciar o processo terapêutico;

2. dizendo coisas-difíceis-de-dizer-sendo-compreendido: o cliente caminha compartilhando coisas difíceis de falar, que normalmente não consegue dividir com outras pessoas e ao falar, sente-se compreendido;

3. questionando o presente: o cliente passa a questionar e a refletir sobre sua própria vida e põe em dúvida suas maneiras habituais de agir;

4. aprendendo a ser diferente: o cliente percebe-se diferente e muda modos de ser;

5. desligando-se: o cliente percebe que já não precisa de psicoterapia por ter resolvido o problema e desliga-se do processo.

Transpondo essas etapas para o grupo não-diretivo de orientação profissional, verificou-se que as participantes vivenciaram algumas delas no decorrer do processo. No primeiro encontro, aceitaram a possibilidade de vivenciar um processo não-diretivo de orientação profissional.

Nas duas primeiras sessões as participantes estiveram principalmente focadas na questão da escolha de uma carreira e progressivamente foram ampliando essa questão ao expor seus problemas e dificuldades, como demonstram o terceiro e quarto encontros. Faz-se menção a Polyana que conseguiu partilhar seus problemas familiares na terceira e quarta sessão.

Outro exemplo é o de Isabel que no quarto encontro compartilhou sua dor e as experiências negativas que viveu com a morte da mãe.

O questionamento do presente foi principalmente visto nas vivências de Polyana e de Alice. Através das reflexões grupais, Polyana se conscientizou que tem sacrificado seu direito de liberdade de escolha e o senso de seu próprio valor. Atribuiu sentido negativo em estar vivendo de acordo com as opiniões alheias. Alice também manifestou estar se questionando se realmente está fazendo uma escolha profissional de maneira individual e consciente ou se está sendo escolhida. Começou a assumir que é preciso coragem e disposição para enfrentar suas reais opções de vida. Ao sentir-se encorajada, Alice percebe-se de maneira diferente, vivenciando assim a quarta etapa.

Na última sessão ficou evidente que além de Alice, todas as participantes haviam se modificado. As versões de sentido que construíram nesse encontro denunciam que se perceberam diferentes, com uma consciência ampliada de si mesmas.

O grupo proposto tinha um tempo inicialmente previsto de duração de quatro sessões. As participantes pediram que houvesse mais um encontro. A etapa do desligar-se ocorreu no quinto encontro e notou-se que o término desse processo foi uma semente plantada de aprender a olhar mais para si e a refletir sobre suas vidas.

Em suma, percebeu-se que o grupo permitiu crescimento pessoal às participantes na medida em que: foi promotor de autoconhecimento; ampliação da consciência; permitiu que explorassem e lidassem com seus sentimentos; auxiliou a enxergarem seus problemas e buscarem resolvê-los; ajudou na conscientização das influências diante das escolhas; permitiu que adquirissem

a percepção de liberdade e responsabilidade da escolha e ampliou o conhecimento das profissões.

O grupo desse estudo foi um espaço que abarcou não somente o âmbito profissional, mas a compreensão do todo da vida das participantes, uma vez que estava aberto a todas as experiências que surgiram da vida das mesmas. Dessa maneira, as adolescentes adquiriram maior posicionamento diante de suas vidas após a intervenção grupal.

Amatuzzi (1996) considera o crescimento como sendo um processo de desenvolvimento pessoal que busca um conceito cada vez mais complexo e pessoal da realidade, sendo adquirido através das experiências de vida.

VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1. Conclusões

Embora quatro das cinco participantes fossem colegas antes do grupo, elas relataram que suas conversas dentro do espaço grupal eram diferentes (como pode ser visto nas VS1 de Laura e VS1 de Polyana) das que mantinham fora dele. Ficou evidente que as participantes se conheceram melhor através do grupo.

A respeito disso, Rogers (2002) aponta que no grupo o indivíduo acaba por se conhecer a si próprio e a cada um dos membros mais completamente do que nas relações habituais.

No grupo estavam presentes singularidade e diversidade. Singularidade porque as participantes estavam vivendo problemáticas comuns, como dúvidas, inseguranças, pressões. Diversidade porque cada integrante mostrou lidar com essas questões de maneiras diferentes. Esse compartilhar experiências, opiniões e pensamentos foi extremamente rico e benéfico às participantes, pois gradualmente elas foram se identificando e se diferenciando das demais, o que possibilitou autodescoberta.

Bock (2001) considera o atendimento em grupo privilegiado em relação ao trabalho individual devido à diversidade e à heterogeneidade presentes. Observa que cada membro do grupo enxerga a vida de uma maneira pessoal e o ambiente grupal permite que todos aprendam com todos e percebam que não existe uma verdade única.

No grupo, o ouvir e o respeitar as experiências vividas parece ter ajudado aos membros do grupo a darem sentido à suas próprias vidas. Ao final do processo, as participantes ampliaram o conceito de si próprias; adquiriram uma maior capacidade para administrarem seus sentimentos expressando melhor o que gostam e o que não gostam; estavam mais livres para fazer escolhas e encorajadas para assumir suas opções. Vale dizer que o grupo proposto não esteve focado apenas em discussões profissionais, mas aberto a todas as experiências que surgiram da vida das participantes e por isso, acredita-se que através das reflexões puderam vislumbrar novas direções para suas vidas, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal.

6.2. Sugestões

A pesquisadora verificou no grupo do presente estudo que a educação da escolha autônoma teve maior importância do que informações sobre profissões. As participantes buscaram com mais ênfase o conhecimento pessoal do que informações sobre carreiras ou características de personalidade, o que permitiu que houvesse um trabalho interno das mesmas.

Por isso, acredita-se na grande importância de grupos de encontro para conversar sobre a escolha profissional em escolas e cursos preparatórios para vestibular, para que os vestibulandos tenham um espaço onde possam expressar seus sentimentos espontaneamente sem que sejam censurados ou dominados. Considera-se que esses espaços possam contribuir para a diminuição das inseguranças, expectativas e ansiedades diante do momento em que vivem e potencializar a escolha profissional dos participantes.

Como sugestões há algumas pesquisas que poderiam ser realizadas em continuidade a esta, as quais poderiam fornecer importantes contribuições para a área de orientação profissional.

- Grupo de orientação profissional não-diretivo com participantes mais heterogêneos (de ambos os sexos) e de diversas procedências (sem se conhecerem antes), para verificar quais características se apresentariam no grupo e com duração breve (participantes na eminência de uma escolha para prestar vestibular);
- Grupo de orientação profissional não-diretivo em outros contextos como escolas públicas e particulares e cursos preparatórios para vestibular;
- Grupo psico-educativo voltado para pais de vestibulandos para saber como lidarem melhor com filhos com dúvidas profissionais;
- Plantão de orientação profissional não-diretivo em escolas e cursos pré-vestibulares.

VII- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abade, F. L. (2005). Orientação Profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. 6(1), 15-24.
- Amatuzzi, M.M. (1995). Descrevendo processos pessoais. **Estudos de Psicologia PUC-Campinas**, 12(1), 65-79.
- Amatuzzi, M. M. et. col. (1996). **Psicologia na comunidade: uma experiência**. Campinas: Editora Alínea.
- Amatuzzi, M. M. (2001). **Por uma Psicologia Humana**. São Paulo: Ed Alínea.
- Amatuzzi, M.M. (2003). Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. Em: M.A.T. Bruns & A. F. Holanda (Orgs). **Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas**. (pp. 19-25) São Paulo: Ed Alínea.
- Amatuzzi, M.M. (2006). A subjetividade e sua pesquisa. **Memorandum**. 10, 93-97. Retirado em: 02/12/2008. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/amatuzzi03.pdf>
- Andrade, J.M.; Meira, G. R. J. & Vasconcelos, Z. B. (2002). O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios. **Psicologia, Ciência e Profissão**. 22(3), 46-53.
- Bee, H. & Michell, S. D. (1984). **A pessoa em desenvolvimento**. São Paulo: Harbra.
- Bock, A.M.B. & Aguiar, W. M. J. (1995). Por uma prática promotora de saúde. In: Bock, A.M. B. et al. **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Bock, S. D. (2001). **Orientação Profissional: avaliação de uma proposta de trabalho na abordagem sócio-histórica**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP. 209 pp.
- Bock, S. D. (2002). **Orientação Profissional: A abordagem sócio-histórica**. São Paulo: Cortez.
- Bocklage, V. (1989). A filosofia da liberdade em Carl Rogers. **Psico**. 17(1), 22-30.
- Bohoslavsky, R. (1998). **Orientação Vocacional- a estratégica clínica**. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1971).
- Bowen, M. V. B. (2008). Excesso de uma coisa boa. In: Cavalcante, F. S. Jr. et al. **Humanismo de funcionamento pleno**. Campinas: Ed. Alínea.
- Castelo Branco, P. C. (2008). Tendência Atualizante e Tendência Formativa no fluxo da vida. In: Cavalcante, F. S. Jr. et al. **Humanismo de funcionamento pleno**. Campinas: Ed. Alínea.
- Cavalcante, F. S. Jr. (2008). Psicologia humanista experiencial. In: Cavalcante, F. S. Jr. et al. **Humanismo de funcionamento pleno**. Campinas: Ed. Alínea.
- Carvalho, M. M. (1995). **Orientação Profissional em grupo: Teoria e técnica**. Campinas: Editorial Psy.
- Dias, M.L. (1995). Família e escolha profissional. In: Bock, A.M. B. et al. **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Erikson, E.H. (1976). **Identidade, juventude e crise**. Tradução. A. Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Original de 1968.

- Erthal, T. C. S. (1986). A abordagem Existencial-Humanista na Psicoterapia. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. 35(2), 83-90.
- Erthal, T. C. S. (1988). Psicoterapia Existencial - O conceito de liberdade e suas conseqüências na prática clínica. **Informação Psiquiátrica**. 7 (4), 120-125.
- Fonseca, A. H. L. (1983). Instituição, poder e vida ou da transação fascinada com a vida. In: Rogers, C. et al. **Em busca de vida**. São Paulo: Summus Editorial.
- Fonseca, A. H. L. (1988). **Grupo: fugacidade, ritmo e forma: processo de grupo e facilitação na psicologia humanista**. São Paulo: Ed. Ágora.
- Gonçalves, C. M. & Coimbra, J. (2007). O papel dos pais na construção de trajectórias vocacionais dos seus filhos. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. 8(1), 1-17.
- Lassance, M.C. & Sparta, M. (2003). A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. 4 (1/2), 13-19.
- Magalhães, M. O. (2006). Relação entre personalidades vocacionais e estilos interpessoais. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. 7 (1), 11-22.
- Magalhães, T. C. & Souza, O. C. (2008). **Quem sou eu?: o adolescente e seu olhar sobre si mesmo**. Campinas. Editora Alínea.
- Marques, I. H. (1998). Sartre e o Existencialismo. **Metanóia**. N.1, julho 1998. 75-80.

- Melo-Silva, L.L. & Jacquemin, A. (2001). *Intervenção em Orientação Vocacional/ Profissional: Avaliando resultados e processos.* São Paulo: Vetor Editora.
- Melo-Silva, L.L.; Lassance, M.C.P. & Soares, D.H.P. (2004). A Orientação Profissional no contexto de educação e do trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. 5 (2), 31-52.
- Moreira, V. (2004). O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 17(3), 447-456.
- Müller (1988). **Orientação Vocacional: Contribuições clínicas e educacionais.** Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nascimento, I. & Coimbra, J. (2005). Pedidos, problemas e processos: alguns dilemas da intervenção em consulta psicológica vocacional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. 6(2), 1-14.
- Neiva, K. M. C. (2007). **Processos de escolha e orientação profissional.** São Paulo: Vetor Editora.
- Neiva, K. M. C; Silva, M. B.; Miranda, V.R.; Esteves, C. (2005). Um estudo sobre a Maturidade para a Escolha Profissional de Alunos do Ensino Médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. 6(1), 1-14.
- Noronha, A.P.P. & Ambiel, R.A.M. (2006). Orientação Profissional e Vocacional: análise da produção científica. **Psico-USF**. 11(1), 75-84.
- O'Hara, M. M. (1983). A consciência do terapeuta. In: Rogers, C. et al. **Em busca de vida.** São Paulo: Summus Editorial.

- Oliveira, I. D. (1999). A formação do orientador profissional e as mudanças atuais. **Revista da Associação Brasileira de Orientação Profissional**. 3(1), 77-84.
- Oliveira, M. A. M. T (2001). **Dificuldades de decisão no processo de escolha profissional**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP. 119 pp.
- Pacheco, P. R. A. (2000). Liberdade e Psicologia. **Cadernos de Psicologia**. 10 (1), 47-70.
- Pimenta, S. G. (1981). **Orientação Profissional e decisão: um estudo crítico da situação no Brasil**. São Paulo: Editora Loyola.
- Rogers, C. R. (1971). **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros.
- Rogers, C. R. & Kinget, M. (1975). **Psicoterapia e Relações Humanas**. Belo Horizonte: Interlivros.
- Rogers, C. R. (1976). **De pessoa para pessoa: Os problemas do ser humano**. São Paulo: Novo Umbrais.
- Rogers, C. R. (1995). **Tornar-se pessoa**. (5ª edição). São Paulo: Martins Fontes.
- Rogers, C. R. (2002). **Grupos de Encontro**. (8ª edição). São Paulo: Martins Fontes.
- Silva, C.G. & Carneiro, C.S. (1993). Orientação Profissional: o perfil de uma experiência. In: Lucchiari, D.H.P. (org). **Pensando e Vivendo a Orientação Profissional**. São Paulo: Summus Editorial.

- Soares, D. H. P. (1993a). O que é Orientação Profissional? Uma nova proposta de atuação. In: Lucchiari, D.H.P. (org). **Pensando e Vivendo a Orientação Profissional**. São Paulo: Summus Editorial.
- Soares, D. H. P. (1993b). Orientação Profissional na Escola -Segundo Grau. In: Soares, D. H. P. (org). **Pensando e Vivendo a Orientação Profissional**. São Paulo: Summus Editorial.
- Soares, D. H. P. (1993c). O serviço de orientação profissional na Universidade Federal de Santa Catarina. In: Soares, D.H.P. (org). **Pensando e Vivendo a Orientação Profissional**. São Paulo: Summus Editorial.
- Spaccaquerche, M. E. (2005). Orientação Profissional Online: Uma Experiência em Processo. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. 3 (1), 63-74.
- Sparta, M. (2003 a). **A exploração e a indecisão vocacionais em adolescentes no contexto educacional brasileiro**. Tese de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 107 pp.
- Sparta, M. (2003 b). O desenvolvimento da Orientação Profissional no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. 4 (1/2), 1-11.
- Super, D. E. (1957). The psychology of careers: **An introduction to vocational development**. New York: Harper& Row Publishers.
- Wood, J. K. (1983). Sombras da entrega. In: Rogers. C. R. et al. **Em busca de vida**. São Paulo: Summus Editorial.
- Zimmerman, D. E, Osório, L. C & cols (1997). **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXOS

ANEXO 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu _____ na
cionalidade _____, estado civil _____, portador do
RG _____

Residente à Rua _____
nº _____ na cidade de _____, fui informado que a pesquisa
da qual participarei faz parte de um estudo que a psicóloga Camila da Costa
Olmos Bueno CRP 06/77568 está realizando para a conclusão de seu curso de
Pós- Graduação em Psicologia como Profissão e Ciência da PUC- Campinas.

Estou ciente de que esta pesquisa pode contribuir para um maior
conhecimento na área da Psicologia em Orientação Profissional, e que a
mesma tem como objetivo testar o potencial do grupo fenomenológico em
relação à escolha profissional, além de compreender como se apresenta a
experiência e os sentimentos de adolescentes frente à essa escolha
profissional.

Já fui informado de que o grupo funcionará da seguinte forma:

- Serão 4 encontros.
- A duração de cada um será de uma hora e meia (90 minutos).
- Acontecerão uma vez por semana, no mesmo horário e local.
- Ao final de cada encontro, terei de redigir um pequeno texto sobre meus
sentimentos com relação à reunião, são as chamadas “Versões de
Sentido”.

- Tudo o que eu disser durante os encontros do grupo será utilizado somente para fins de pesquisa.
- Minha participação nesse estudo é voluntária.
- Essa pesquisa não oferece riscos para seus participantes.
- Caso eu tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, poderei sempre que quiser, entrar em contato com a pesquisadora para maiores esclarecimentos, pelo telefone (19) 91697008 ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas pelo telefone (19) 3343-6777, visto que esse órgão foi responsável pela análise do projeto.

Estou ciente de todas as informações descritas acima e aceito participar da pesquisa em questão. Este documento é assinado em duas vias idênticas, sendo uma delas cedida ao participante.

Campinas, _____ de _____ 2008

Pesquisadora

Camila da Costa Olmos Bueno
Aluna do Mestrado em Psicologia como
Ciência e Profissão do Programa de Pós-
Graduação em Psicologia.
Centro de Ciências da Vida- CCV
Pontifícia Universidade Católica de
Campinas
PUC- Campinas.

Participante

ANEXO 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Responsáveis

Eu _____ pai/
mãe de _____
nacionalidade _____, estado civil _____, portador
do RG _____.

Residente à Rua _____
nº _____ na cidade de _____, através do presente
instrumento autorizo a realização de encontros de reflexão sobre orientação
profissional com a Psicóloga Camila da Costa Olmos Bueno CRP 06/77568,
para fins exclusivos de pesquisa.

Estou ciente de que esta pesquisa pode contribuir para um maior
conhecimento na área da Psicologia em Orientação Profissional, e que a
mesma tem como objetivo testar o potencial do grupo fenomenológico e
compreender como se apresenta a experiência e os sentimentos de
adolescentes frente à escolha profissional. Estou ciente também de que o
presente estudo não oferece riscos para seus participantes. Poderei, sempre
que quiser, entrar em contato com a pesquisadora para maiores
esclarecimentos, pelo telefone (19) 91697008 ou com o Comitê de Ética em
Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas pelo telefone (19) 3343-
6777, visto que esse órgão foi responsável pela análise do projeto.

Estou ciente de todas as informações descritas acima. Este documento é
assinado em duas vias idênticas, sendo uma delas cedida ao responsável.

Campinas, _____ de _____ 2008

Pesquisadora

Responsável

Camila da Costa Olmos Bueno
Aluna do Mestrado em Psicologia como
Ciência e Profissão do Programa de Pós-
Graduação em Psicologia.
Centro de Ciências da Vida- CCV
Pontifícia Universidade Católica de
Campinas
PUC- Campinas.

ANEXO 3- Narrativas

Neste item serão relatados os textos expressivos de cada encontro. Foram chamados de narrativas por ter sido adotado um estilo narrativo para preservar o contato com o vivido.

Narrativa 1º Encontro

Enquanto eu e Érica (co-facilitadora do processo) arrumávamos a sala onde aconteceria o grupo, me sentia ansiosa e nervosa. Várias coisas passavam na minha cabeça. Eu tinha medo que as participantes viessem cheias de expectativas de um processo de orientação profissional diretivo, o que não era minha proposta. À medida que organizávamos as pranchetas, os papéis, as canetas e as cadeiras, conversávamos sobre as questões relativas ao encontro. Após a arrumação concluída, fomos para outra sala onde continuamos a conversa. Discutimos as questões relevantes a serem explicadas às participantes.

Eu percebia que Érica também estava ansiosa. Após quinze minutos de conversa, tocou a campainha. Érica foi atender. Quatro participantes chegaram juntas. Eram Isabel, Laura, Alice e Polyana. Elas já se conheciam, pois fazem curso preparatório para vestibular na mesma sala. Fui até a sala de espera e nos cumprimentamos informalmente. Ficamos ali aguardando a chegada de Júlia, a participante que faltava.

Percebi que o sofá da sala de espera estava pequeno para as quatro. Então, convidei-as para nos acomodarmos na sala onde aconteceria o grupo, a fim de podermos ficar mais confortáveis.

Logo em seguida, Júlia chegou. Dessa forma, demos início ao grupo que teve presente as cinco participantes.

Eu comecei falando que estávamos ali reunidas para discutir as experiências, os dilemas, as necessidades e as informações relacionadas à escolha profissional. Disse também que, caso desejassem, teriam espaço no grupo para compartilhar situações e acontecimentos que não se referissem diretamente com a escolha profissional, mas que julgassem importante.

Expliquei para elas que ao final dos encontros, não iriam receber um relatório contendo profissões indicadas para seguirem, mas que a troca de experiências, informações e as reflexões feitas em grupo poderiam permitir que elas se conhecessem melhor e pudessem refletir para nós quem são, o que gostam, o que não gostam e o que querem. Confesso que esse era o momento mais tenso para mim, pois no meu íntimo tinha medo de que ao ouvir isso, elas pudessem se sentir desmotivadas de estar ali. Eu gostaria que primeiro elas se permitissem viver aquele processo, para depois julgá-lo.

Fiquei bastante surpresa ao olhar para elas e não perceber uma reação negativa esboçada em suas faces. Com isso, me senti bastante aliviada e segura em continuar.

Em seguida, expliquei sobre a pesquisa e disse que, ao final do encontro, entregaria os termos de consentimento livre e esclarecido para que assinassem. Comentei sobre os horários e número de encontros previstos e disse que, caso julgassem interessante e necessário, poderíamos combinar mais encontros. Ressaltei que tudo que ouvíssemos ali, deveria ficar ali.

Perguntei se havia elas tinham alguma dúvida e, como ninguém se manifestou, pedi que cada uma se apresentasse.

Elas se olharam e permaneceram em silêncio. Diante disso, tive uma vontade de “quebrar o gelo” e comecei me apresentando. Nesse momento, compartilhei com elas a minha história com relação à escolha profissional, história essa que incluía as pressões familiares que sofri, já que minha família se opunha ao meu desejo de cursar Psicologia.

Logo após, Érica se apresentou e nos contou sobre a sua saga no momento da escolha profissional. Revelou que antes de entrar na faculdade de Psicologia, começou a cursar dois outros cursos (Letras e Arquitetura). Fiquei bastante surpresa ao ouvir isso dela. Eu pensava: “que bacana nós duas termos passado por dificuldades no passado que hoje podem estar nos aproximando da realidade dessas meninas”. Ao mesmo tempo, fiquei preocupada em estarmos nos expondo muito e até que ponto estávamos sendo profissionais. Ser psicóloga é diferente de ser facilitadora e co-facilitadora de um grupo de orientação profissional. Além disso, se tratava de um grupo não-diretivo, o que me assegurou de deixar as coisas acontecerem num fluxo natural e sem preocupações prévias.

Percebi que os olhares das meninas eram de surpresa. Notei também que tiveram uma sensação de conforto ao saber que as facilitadoras embora sejam profissionais atuantes e engajadas na profissão, já passaram por pressões, dúvidas e indecisões no momento da escolha profissional.

O fato de nós termos falado sobre essas experiências pessoais parece ter propiciado uma abertura ao diálogo das participantes e possibilitou também que não houvesse tanta distância entre a nossa realidade e a delas. Alguns trechos retirados de versões de sentido do primeiro encontro demonstram isso:

Isabel: “Achei o fato de estarmos reunidas com dúvidas em comum muito legal.” (VS1).

Alice: “É muito bom saber que não sou só eu, mas também outras pessoas que sofrem pressão dentro de si e de familiares.” (VS2).

Isabel se apresentou e disse que tem 19 anos e que pensava em fazer algo relacionado a Exatas por gostar de Matemática. Ressaltou que não gosta de Física. Em seguida, Júlia se apresentou e disse que tem 17 anos e faz curso técnico em Publicidade e Propaganda e disse com firmeza que não recomenda este curso à ninguém.

Logo após, Laura contou que tem 18 anos, que se considera uma pessoa preocupada com amizades e que se percebe como uma pessoa muito nervosa e sensível. Disse ainda que gostaria de passar numa universidade pública, pois, na sua família, todos os primos haviam cursado faculdades particulares e ela seria a primeira a conseguir ingressar numa pública. Refletiu para Laura que estava percebendo que era importante para ela ser reconhecida e admirada pela família. Laura concordou. Júlia se identificou nesse aspecto com Laura, dizendo que também gostaria de proporcionar esse orgulho para sua família.

Em seguida, Alice disse que tem 19 anos e que se interessa por Exatas, especificamente por profissões que lidem com Construção Civil. Contou também que já pensou em cursar Arquitetura e Engenharia.

Polyana disse que tem 18 anos e que se sente muito indecisa por gostar de várias profissões. Disse que já pensou em Terapia Ocupacional, Odontologia, Publicidade, Química, Fisioterapia, Educação Física e Pedagogia. Relatou ainda que adora crianças e também se interessa por Nutrição por

saber da profissão por meio da irmã, que é formada nessa área. Seu relato mostrou também que ela sente que seus pais a comparam muito com a irmã, o que a faz se sentir muito pressionada por eles. Nesse momento, percebi que Polyana se sente na obrigação de continuar o caminho de sucesso trilhado por sua irmã.

Em seguida, pedi para que cada uma contasse sua história com relação à escolha profissional.

Laura começou falando que se já se interessou por Medicina Veterinária e Biologia. Perguntei se ela poderia nos explicar o que sabia sobre essas profissões. Laura falou sobre Biologia ressaltando os campos da genética, células-tronco, pesquisas na área. Contou que se interessa por essa profissão por ser um campo que oferece várias possibilidades de atuações. Disse que não gosta de Medicina Veterinária por ter que ficar confinada num consultório. Comentei que o relato de Laura era bastante interessante, pois ela estava nos falando sobre as áreas de atuação mais atuais no campo da Biologia.

A essa altura, houve várias manifestações do grupo a respeito de influências causadas pelo fato de admirar outras pessoas, pressões familiares, identificações com disciplinas, rejeições de disciplinas, profissões de interesse e mercado de trabalho.

Falei ao grupo que muitas vezes, a identificação e a admiração por um profissional pode influenciar na escolha de determinada profissão. Perguntei o que elas pensavam à respeito e algumas delas disseram que fazia sentido, dando exemplos da vida delas.

Perguntei qual dos relatos do encontro havia tocado mais cada uma. Polyana disse que o relato de Laura havia lhe tocado mais por não imaginar

que a colega de cursinho já tivesse passado por um momento de depressão na vida. Laura disse que se identificou mais com Júlia por perceber que esta desejava a admiração e aprovação dos familiares assim como ela. Somente essas duas participantes comentaram os relatos que lhes tocaram.

O tema principal do encontro foi que a identificação com pessoas aproxima o vestibulando das profissões que tais indivíduos exercem.

Questionei se alguém gostaria de dizer algo para alguém. Júlia disse para Isabel prestar Engenharia Química, pois envolve Matemática e Química, que são duas matérias que ela gosta. Laura falou para Polyana pensar em Terapia Ocupacional, pois percebe que ela gosta de cuidar de pessoas e imagina que não faltaria trabalho para a colega.

Em seguida, perguntei o que elas achavam de termos um grupo eletrônico para trocarmos avisos, caso fosse necessário. Sugeri isso por acreditar que seria uma alternativa eficaz para nos comunicarmos, já que quatro das cinco participantes moram em outra cidade. Elas demonstraram ser uma boa iniciativa. Logo após, perguntei qual delas gostaria de se prontificar a criar o grupo virtual para nós. Isabel aceitou e em seguida, trocamos nossos e-mails para que Isabel pudesse criar nosso grupo eletrônico.

Encerrei o encontro pedindo que cada participante escrevesse uma versão de sentido e uma palavra sobre o encontro.

O término desse encontro me deixou bastante feliz, pois percebi que a proposta de permitir que o próprio grupo norteie o fluxo que deseja seguir deu certo. Elas se permitiram falar e ouvir. Em outras palavras, deram início a um processo de compartilhar experiências, que me casou uma agradável sensação de segurança e tranquilidade.

Narrativa 2º Encontro

Eu estava apreensiva, pois estava atrasada, afinal tinha combinado de me encontrar com Érica meia hora antes do horário previsto para o grupo começar. Liguei para ela e avisei do meu atraso. Cheguei minutos antes do horário combinado com as participantes. Senti-me aliviada ao perceber que somente Érica e Júlia já me aguardavam.

Começamos a arrumar a sala. Achamos estranho o fato de já ter se passado alguns minutos do horário marcado e quatro participantes ainda não terem chegado. Júlia comentou com ironia que seria interessante se o grupo acontecesse somente com nós três. Percebi em sua fala um tom de preocupação em ficar muito exposta caso as outras participantes não viessem.

Enquanto Érica e Júlia conversavam, fui até outra sala buscar folhas e canetas. Lá chegando, percebi que havia uma chamada não atendida no meu celular. Resolvi então retornar a ligação. Isabel atendeu e disse que ela e as outras participantes estavam paradas no trânsito na estrada (vinham de outra cidade) e que se atrasariam um pouco mais.

Logo em seguida, fui até outra sala e comentei com Érica e Júlia que as outras participantes comunicaram o atraso. Pedi licença para que eu e Érica fôssemos para outra sala. Lá discutimos sobre alguns detalhes do encontro e Érica comentou também ter percebido o incômodo de Júlia.

Isabel, Alice, Laura e Polyana chegaram com trinta minutos de atraso. Agora o grupo estava completo. Algumas delas pediram para beber água e usar o banheiro.

Logo em seguida, demos início ao grupo e perguntei sobre a disponibilidade de excepcionalmente encerrarmos o encontro trinta minutos mais tarde. Todas concordaram.

Perguntei para as participantes o que elas estavam trazendo para o encontro e para que pensassem nos fatos significativos da semana.

Polyana iniciou contando sobre o dilema vivido nessa semana ao ter que decidir qual curso preencher na ficha de inscrição do vestibular da FUVEST. Disse que optou por uma carreira não discutida na semana passada e que os fatores que fizeram com que optasse por Fonoaudiologia foram: ter visto a nota de corte, a relação candidato/vaga, ser uma profissão na área de Biológicas, o fato de poder trabalhar em empresas, a possibilidade de trabalho com crianças e, além disso, tudo, o fato de não ser um curso tão concorrido a deixava esperançosa de passar para a segunda fase.

Acolhi o relato de Polyana e perguntei quem gostaria de comentá-lo. Laura e Isabel contaram que estavam junto com Polyana no momento dessa escolha e que embora tenham se espantado ao perceber que a colega mudou a opção, a apoiaram.

Logo em seguida, Laura comentou que considera Polyana bastante indecisa, ao perceber que a colega pensa em várias profissões ao mesmo tempo e cada hora deseja seguir uma. Perguntei como Polyana estava se sentindo agora que já fez a inscrição. Ela relatou que os pais tinham a aconselhado a fazer somente inscrição na UNICAMP e UNIP, por acharem que seria difícil ela conseguir ser aprovada na FUVEST, uma vez que é um vestibular concorrido. Polyana disse ter ficado magoada ao perceber que os pais não confiam no potencial dela. Relatou que deseja ser aprovada mesmo

que somente para a segunda fase do vestibular, no intuito de provar aos pais a sua capacidade. Neste momento, fui tomada por um pensamento de que Polyana ao invés de responder a pergunta falando de si, a responde colocando as percepções de seus pais e não as suas.

Logo após, perguntei quem já tinha vivido uma situação semelhante à de Polyana. Júlia relatou que também vive algo parecido, pois deseja prestar vestibular na USP-Ribeirão e sua mãe não acredita que ela queira morar fora para estudar e sim para bagunçar.

Nesse momento, Laura relatou que já passou por essa etapa de achar que ser aprovada para a segunda fase é suficiente. Revelou que somente se sentiria realizada se realmente fosse aprovada no vestibular de uma faculdade pública. Com relação à pressão de pais, disse que nunca vivenciou isso em sua casa e contou que seus pais a apóiam muito e que eles não se importariam se ela não passasse numa universidade pública e quisesse cursar uma faculdade particular. A partir disso, percebi que embora Laura não sofra pressão externa, sofre uma pressão interna ao se cobrar aprovação numa faculdade pública.

Isabel complementou dizendo que sua realidade é bastante diferente da de todos os relatos. Disse que não sofre pressões, pois a mãe já é falecida e manifestou que recebe apoio do namorado em suas escolhas e opções. Nesse momento, percebi a riqueza desses relatos compartilhados que demonstram três realidades distintas. Isabel continuou dizendo que pensava em prestar Matemática na FUVEST, depois se interessou por Oceanografia e pensou em mudar para esse curso. Relatou que optou por Matemática após ter conversado e tirado dúvidas com alguns de seus professores.

Júlia disse que este ano não prestará vestibular, mas acredita que, quando for prestar, escolherá Economia, pois sua mãe diz que é uma profissão que tem retorno financeiro. Nesse momento pensei que simplesmente acatando ao que a mãe diz Júlia também está se deixando influenciar pela mãe.

O grupo ficou em silêncio profundo e numa tentativa de “quebrar o gelo”, Laura disse que havia acabado o assunto.

As participantes se olharam e permaneceram em silêncio. Diante disso, pedi que elas pensassem no que seria interessante discutir num grupo de Orientação Profissional. Júlia disse que cada uma poderia contar o que sabe de alguma profissão. Laura complementou que seria importante buscar um profissional da área de interesse para saber mais a respeito disso.

Refleti para o grupo que Laura e Júlia falaram coisas importantes relacionadas à escolha e perguntei sobre qual dos assuntos gostariam de conversar. O grupo escolheu que seria interessante cada um falar o que sabe sobre uma profissão.

Júlia começou nos contando o que conhece sobre Publicidade e Propaganda, já que faz curso técnico nessa área. Ela descreveu a rotina do trabalho de um publicitário e disse que não gosta do curso, pois é uma profissão em que as pessoas sofrem muita pressão e, por isso, acredita que pessoas calmas se adaptam melhor a esta carreira. Contou que no curso que freqüenta, os alunos são divididos em grupos e que o grupo a qual pertence tem apenas três pessoas que efetivamente produzem. Com isso, relatou se sentir sobrecarregada com os prazos dos trabalhos que têm que cumprir.

Júlia contou também que sua mãe a aconselhou a cursar Psicologia, já que vê na filha uma boa conselheira. Perguntei se ela se imagina nessa profissão e Júlia disse que se considera uma pessoa prática, o que a faz dar conselhos para a mãe sobre o que ela deve ou não fazer. No entanto, Júlia disse que não gostaria de fazer esse curso, pois acha que não teria paciência para atender alguém e dar conselhos ou orientações. Relatou ainda que já fez psicoterapia, mas que não foi uma experiência positiva, pois falava muitas coisas e esperava ouvir um retorno da terapeuta, o que não acontecia. Nesse momento, Júlia me perguntou se todo psicólogo costuma ficar quieto em terapia e eu respondi que cada profissional tem um estilo de atuação. Percebi que ela ficou contente ao saber disso.

Em seguida, Júlia perguntou se eu e a Érica poderíamos explicar mais a respeito de nossa profissão. Perguntei ao grupo se todas tinham interesse em saber sobre Psicologia e as participantes se manifestaram bastante interessadas. Fiquei feliz em poder dividir com elas aquilo que sei do meu ofício. Percebi os olhares atentos e curiosos das participantes.

Comecei então explicando sobre as áreas de atuação no campo da Psicologia e à medida que eu falava, Érica contribuía com outras informações. O grupo manifestou gostar de obter dados desconhecidos da área.

Em seguida, Júlia continuou falando sobre Publicidade. Ela desabafou no grupo que tenta fazer as coisas de uma maneira que julga que correta, que tenta ajudar os outros, porém, muitas vezes, é vista como chata. Relatou brevemente um fato ocorrido na semana anterior no curso e que diante deste acontecido, recebeu críticas de seus colegas pela atitude que tomou. Nesse momento, percebi que Júlia estava precisando compartilhar conosco uma

situação que estava a incomodando. Fiquei contente por ter percebido que ela estava usando aquele espaço para isso. Confesso que essa agradável sensação me veio, pois tive a impressão que Júlia não se sente à vontade em se expor.

Logo após, refleti para o grupo que entrar em contato real com determinada profissão, a experimentando na prática, facilita que a pessoa saiba se gosta ou não da mesma. Algumas pessoas disseram que concordam com isso.

Outras participantes comentaram que se Júlia não deve julgar sua experiência como inválida, pois se não tivesse passado por ela (cursar técnico em Publicidade e Propaganda), poderia estar pensando agora em prestar esse curso hoje, pois não saberia que como a profissão funciona na prática. Disseram que poderia ser mais traumático para ela ter que parar um curso universitário do que um técnico. Júlia concordou e acrescentou que ela recomendaria para quem está no Ensino Fundamental que fizesse um curso técnico, para experimentar determinada área e ver se gosta ou não.

A partir disso, começou uma discussão no grupo de quem teria coragem de interromper um curso ao perceber que não se identificava com o mesmo. Polyana, Alice e Júlia disseram imaginam que não teriam coragem para trancar um curso. Já Isabel, Laura, Camila e Érica manifestaram opiniões contrárias. Nesse momento iniciou-se novamente uma discussão a respeito da questão financeira.

Polyana e Júlia manifestaram ser importante considerar os gastos com materiais, mensalidades e possibilidades de ganho financeiro antes de descartá-la. Diante disso, Isabel e Laura demonstraram que não acreditam na

possibilidade de ser um bom profissional pelo que se ganha e que sim pela paixão do que se faz. Novamente me vi diante de um rico momento do grupo, em que opiniões contrárias estavam sendo discutidas, ampliando as percepções delas.

Logo em seguida, iniciou-se uma discussão a respeito de características de personalidade relacionadas às profissões. Perguntei então se alguém gostaria de comentar como enxerga outra pessoa do grupo.

Laura começou dizendo que percebe Polyana como uma pessoa muito sensível, que se magoa facilmente com o que os pais falam. Isabel concordou. Laura disse ainda que se identifica muito com Júlia, especificamente com sua praticidade e revelou que também se enxerga assim. Júlia disse que é recíproco, pois também se enxerga nas atitudes de Laura. Considero que o fato de Júlia ter servido de espelho para Laura e vice-versa foi muito importante para que ambas pudessem ampliar seu autoconhecimento.

Nesse momento, Isabel disse à Júlia que, ao mesmo tempo em que a percebe como uma pessoa decidida e prática, também a vê como uma pessoa muito sensível ao que os outros falam. Nesse momento, Júlia concordou com gestos, mostrando que a reflexão de Isabel fez sentido para ela. Tive uma agradável sensação nesse momento, pois notei que Isabel teve bastante sensibilidade para perceber essa característica de Júlia.

Logo em seguida, perguntei às participantes o que perceberam de significativo dentre os assuntos discutidos no grupo. Laura disse que, para ela, a questão da personalidade havia ficado mais forte e que estava admirada por se identificar tanto com Júlia. Brincou dizendo que talvez, em outra vida, elas

foram irmãs. Disse ainda que estava se sentindo bem em saber que não era só ela que pensava de determinadas formas.

Júlia disse que achava que, de certa maneira, o dinheiro talvez pudesse trazer um pouco de felicidade, mas isso não significava que trabalharia só em função do ganho financeiro. Comentou também que não acreditava na possibilidade de só trabalhar com o que gosta sem pensar no dinheiro, pois achava que isso poderia trazer frustrações depois.

Laura discordou e manifestou acreditar que, quando se faz algo que se gosta, é difícil não ter retorno financeiro. Relatou também que pensa que sua mãe está acomodada, pois mesmo estando insatisfeita com seu trabalho que exige viagens a São Paulo, não envia currículos para outros lugares na tentativa de conseguir um emprego melhor. Laura disse ainda que a mãe sempre reclama de ter que viajar e que não sobra muito tempo para que faça coisas para si mesma. Diante disso, falei para o grupo que estávamos discutindo sobre o tema financeiro ligado ao mercado de trabalho.

A sessão foi chegando ao fim e perguntei como as participantes estavam saindo dali, quais os significados que o encontro teve para elas. Também perguntei se alguém tinha algo a dizer para outra pessoa do grupo.

Alice disse à Laura que seu pai, assim como a mãe de Laura, também viaja para trabalhar e que quando ele falava que não estava agüentando mais, poderia ser devido ao cansaço e que de fato não queira mais trabalhar no mesmo emprego. Disse também que percebia que seu pai queria atenção da família quando estava em casa, assim como a mãe de Laura.

Encerrei o encontro pedindo a versão de sentido e, espontaneamente, cada participante leu a palavra que escreveu sobre o encontro.

O encontro de hoje me causou uma sensação de que dois temas que julgo serem extremamente importantes em discussões de orientação profissional (mercado de trabalho e pressões familiares) foram trazidos espontaneamente por elas, o que me faz crer que um grupo é capaz de se auto-sustentar. Conseguiram expor suas necessidades de discutir sobre certos assuntos que julgavam deficientes de um entendimento.

Narrativa 3º encontro

Todas as participantes chegaram no horário combinado. Esperei que todas se acomodassem para que, em seguida, eu visse qual cadeira sobraria para eu me sentar. Nesse momento, me dei conta que as integrantes não se sentaram exatamente nos mesmos lugares desde o primeiro encontro.

Gostei de ter percebido isso, pois antes do início desse processo, tinha uma preocupação de que o fato de quatro participantes se conhecerem previamente pudesse fazer com que Júlia fosse deixada de lado.

Pedi que as participantes pensassem no que havia acontecido de significativo durante a semana que passou.

Isabel disse que se inscreveu para o curso de Matemática na FUVEST, depois de ter ficado bastante em dúvida entre este curso e Engenharia Química.

Laura contou que também foi entregar sua ficha de inscrição da FUVEST e que se inscreveu em Ciências dos Alimentos.

Polyana fez sua inscrição em Fonoaudiologia e ficou impressionada com a quantidade de pessoas que estavam se inscrevendo. Tive a sensação de que ela ficou preocupada com a quantidade de concorrentes.

Alice relatou que também já se inscreveu na FUVEST e que no último final de semana a UPA (Universidade Portas Abertas – Feira de Profissões da UNICAMP). Contou ainda que nessa feira visitou o curso de Arquitetura e Urbanismo por ser seu maior interesse.

Achei interessante o fato de uma integrante do grupo ter ido à essa feira. Por isso, pedi que Alice compartilhasse conosco como foi essa experiência. Ela disse que ficou surpresa com a quantidade de pessoas que estavam visitando Arquitetura e Urbanismo e também contou que percebeu que os alunos que estavam expondo seus cursos não sabiam sanar as dúvidas dos vestibulandos. Perguntei então, qual foi a impressão que Alice teve desse evento e ela respondeu que, de certa forma, tinha uma expectativa maior.

Logo após, Júlia disse que não tinha novidades para contar a respeito de profissões, pois viajou. Em seguida, perguntei quem já havia passado pela experiência de visitar feiras de profissões. Polyana contou que foi à feira do cursinho que frequenta e pôde perceber que é preciso saber exatamente quais são os cursos que se quer visitar, pois o tempo é muito curto para ver as várias opções.

Laura acrescentou que a impressão que ela tem sobre as feiras de profissões é que existe uma escassez de informações, pois, na maioria das vezes, não são os professores dos cursos que estão representando as profissões e sim alunos que, muitas vezes, não sabem responder questões específicas e técnicas.

Logo após, Polyana comentou que na última feira do cursinho que visitou, além das visitas de profissões, havia palestras e teste vocacional. Contou que havia uma palestra sobre Fisioterapia que gostaria de assistir, mas que era no mesmo horário de um teste vocacional que também se interessava em fazer e optou por fazer o teste. Contou estar bastante decepcionada por já ter passado um mês e meio e não ter recebido nenhum resultado do teste que realizou.

Com isso, perguntei à Polyana se, após a realização desse teste, ela se percebeu mais inclinada para alguma profissão. Ela contou que a última pergunta do teste vocacional questionava qual seria a profissão que escolheria se tivesse que fazer a opção naquele momento e respondeu que optaria por Fisioterapia. Relatou ao grupo que como muda constantemente de opinião, não sabe se responderia o mesmo curso hoje.

Refleti para Polyana que eu percebia que era difícil para ela fazer escolhas não somente relacionadas a profissões, mas escolhas da vida em geral. Polyana concordou e acrescentou que se vê muito influenciada pela opinião dos outros. Eu disse para ela que seria importante que refletisse se não está dando muito poder aos outros, permitindo que as pessoas escolham e opinem por ela. Observei que Polyana ficou com um olhar fixo, enquanto fazia sinal de positivo com a cabeça. Polyana ficou em silêncio. Um silêncio que demonstrava que Polyana estava fazendo uma viagem para dentro de si, na tentativa de entrar em contato consigo mesma. O que ela estaria pensando? Ao certo, não sei, mas tive a impressão de que ela estava buscando suas respostas. Nesse momento, pensei que uma de minhas funções ali era a de

facilitar que cada integrante mergulhasse o mais profundamente possível dentro de si. Que bom que isso estava acontecendo!

Após uns minutos, Isabel contou que percebe Polyana como uma pessoa muito insegura e exemplificou dizendo que a colega pede a opinião das amigas até mesmo para aceitar ou terminar um namoro. Polyana disse com um sorriso no rosto que gostaria de ser diferente, mas não consegue.

Nesse momento, senti que o grupo poderia ajudar Polyana e por isso, perguntei às participantes, o que elas pensavam que poderia estar impedindo Polyana de mudar. Laura disse que acredita que Polyana não respeita sua própria opinião e que acredita mais nos outros do que em si mesma.

Júlia perguntou se Polyana tinha medo de algo e ela respondeu que, muitas vezes, tem a impressão de que não se conhece bem. Perguntei para Polyana, se em outras palavras, estava nos dizendo que é preciso se conhecer bem para fazer escolhas. Polyana disse que sim. Comentei que achava positivo ela reconhecer que está faltando autoconhecimento e disse que esse reconhecimento é o primeiro passo para a mudança.

Em seguida, Polyana relatou ser difícil para ela perceber que não consegue definir o que gosta, pois acha que gosta de tudo. Refleti para o grupo que toda escolha implica numa perda. Exemplifiquei isso dizendo que ao se vestirem para vir para o grupo, cada uma delas escolheu a roupa que estava usando e deixaram de lado todas as outras peças que tinham em seu guarda-roupa. Disse ainda que a vida é feita de contínuas escolhas.

Percebi que minha fala causou reflexões nas integrantes. Algumas concordaram com gestos afirmativos, outras se mantiveram pensando. Tive a sensação que o grupo concordou com o que eu falei.

Continuei falando para Polyana que percebo que não é que ela goste de “tudo” e sim que não está sabendo se perguntar do que não gosta, uma vez que já relatou ao grupo não gostar de Exatas, o que a faz descartar todas as Engenharias.

Em seguida, Polyana respondeu que realmente excluiria profissões da área de Exatas. Pedi então que ela pensasse no que se imagina fazendo na área de Humanas ou Biológicas. Polyana ficou bastante pensativa e disse que se interessa por profissões que lidem com o corpo humano. Disse ainda que não gosta muito de História, porém acredita que conseguiria fazer um curso que tivesse essa matéria.

Questionei se Polyana percebeu que, ao invés de eu ter dado uma resposta sobre qual profissão achava que ela devia seguir, fui auxiliando-a a refletir sobre seus interesses e desinteresses. Polyana disse que foi muito bom e que nunca fez isso antes.

Nesse momento, fui invadida por uma preocupação de não estar dando espaço para que outras pessoas do grupo falassem ao focalizar apenas a vida de Polyana. Senti-me na obrigação de dizer ao grupo que percebi que Polyana estava manifestando uma necessidade de ajuda do grupo e perguntei se as pessoas concordavam ou não em continuarmos falando dela. O grupo foi unânime em concordar. Senti-me aliviada e aos poucos, fui percebendo que a história de Polyana estava mexendo com todos.

Após isso, Isabel comentou que percebe que Polyana muitas vezes age de acordo com a opinião dos outros, a fim de ser aceita por amigos e familiares. Notei que Polyana ficou bastante pensativa e aquilo me pareceu ter feito sentido para ela.

O grupo todo ficou em silêncio.

Após um tempo, perguntei o as participantes pensavam ser necessário para conhecer melhor uma profissão de interesse. Laura respondeu que uma alternativa seria procurar alguém que estivesse cursando a faculdade de interesse para tirar dúvidas. Ela continuou dizendo que já conversou com veterinários a respeito dessa profissão e que foi uma rica experiência, pois a ajudou a esclarecer muitas questões que tinha.

Perguntei às integrantes se achavam que contatar profissionais era uma maneira eficaz ou não de obter informações sobre profissões de interesse. O grupo manifestou que essa era uma saída positiva. Pedi então, que pensássemos em grupo sobre o que seria interessante perguntar para profissionais dos cursos de interesse.

Júlia respondeu que gostaria de saber como era o dia-a-dia do profissional. Laura acrescentou que perguntaria se o trabalho afeta ou não a vida pessoal do profissional. Em seguida, Alice disse que gostaria de saber de um Arquiteto que tipo de informações ele obteria do cliente para realizar um projeto. Em seguida, o grupo ficou em silêncio.

Diante disso, perguntei se elas gostariam de saber informações sobre as possíveis áreas de atuação da profissão e a carga horária do trabalho. Laura concordou que eram dados relevantes e necessários. O grupo todo também manifestou concordar.

Logo após, Laura complementou que gostaria de saber com que tipo de público o profissional envolvido na carreira lida. Polyana complementou que seria importante para ela saber como é o ambiente e o local de trabalho. Isabel disse que perguntaria se o trabalho é supervisionado ou não.

Novamente o grupo ficou em silêncio e alguém disse que não estavam sabendo mais o que perguntar.

Questionei se elas gostariam de saber informações sobre ganho salarial e Laura disse que, com certeza, isso seria a última coisa que perguntaria. Polyana disse para ela já é um dado importante.

Em seguida, elas ficaram em silêncio novamente. Vi alguns olhares dirigidos a mim e percebi que foi como se elas estivessem me perguntando “e o que mais podemos perguntar?”.

Disse então, se perguntariam quais universidades oferecem bons cursos e informações específicas dos mesmos, tais como: se é período integral ou não, se a faculdade oferece opções de estágios ou não. Laura manifestou que foram perguntas bem lembradas. Em seguida, Isabel acrescentou que gostaria de saber o que leva um indivíduo a escolher tal profissão.

Alice complementou que seria interessante saber como a família do profissional reagiu com a escolha dele e se houve influência da família nessa escolha ou não. Nesse momento, passou pela minha cabeça que Alice poderia estar sendo influenciada por sua família.

Logo após, Laura comentou que um dado importante é saber se o profissional está realizado ou não com esse trabalho.

Isabel disse que considera o depoimento de um profissional muito importante. Contou que um professor do seu cursinho disse que, para ele, a prática de dar aulas é algo apaixonante e que, depois que se inicia essa prática, não consegue mais parar. Isabel disse ainda que se imagina no futuro dando aulas. Comentei ter percebido que essa manifestação do professor de Isabel foi um dado que a influenciou na escolha de maneira positiva. Isabel

disse que sim. Continuei dizendo que se um depoimento não é tão positivo, também pode influenciar negativamente na escolha de um vestibulando e o grupo concordou.

Alguém do grupo comentou: “Duro é conseguir essas pessoas para entrevistar”. Questionei então em maneiras de conseguir tais profissionais para entrevistá-los.

Laura disse que ela é tão cara de pau, que é capaz de marcar uma consulta com um profissional somente a fim tirar dúvidas sobre a profissão. Isabel disse que considera importante ter uma rede de relações para que se consiga indicações de profissionais de interesse. O grupo ressaltou isso é muito válido.

Polyana disse que, por ter interesse na área de Fisioterapia, perguntou algumas dúvidas para uma amiga de sua irmã que trabalha na área. Eu disse que existem novas profissões que estão se somando à área de Fisioterapia, como, por exemplo, a Quiropraxia.

Em seguida, perguntei se o grupo já tinha ouvido falar nessa profissão. As participantes responderam que não e me questionaram sobre o que se tratava. Expliquei sobre a carreira. O grupo achou interessante essa nova área e eu comentei que a tendência dos indivíduos é ficar focado nas profissões mais visadas e conhecidas sem buscar conhecer novas carreiras que estão surgindo. Comentei que ter um maior leque de opções pode ser positivo, na medida em que aumenta as possibilidades de escolha. Polyana disse que para uma pessoa indecisa como ela isso não é nada bom.

Júlia manifestou que a escolha exige muita responsabilidade e acha que é negativo ter que optar uma carreira com tão pouca idade. Isabel disse que

acredita que as profissões da área da saúde têm muito mercado. Laura acrescentou que isso ocorre principalmente em outros estados das regiões Norte e Nordeste, devido à escassez de profissionais nesses lugares.

Em seguida, Isabel mencionou que existem várias carreiras que sofrem preconceito. Exemplificou contando que tem uma amiga que estuda Psicologia e sofre preconceito na república em que mora. Laura concordou que isso ocorre e disse que toca violino e muitas pessoas acham que Música é uma profissão de pessoas vagabundas. Ressaltou que quando ouve isso, pede para uma pessoa ir assistir a um ensaio, pois rapidamente mudaria de opinião.

Dei-me conta que nosso tempo estava terminado e perguntei se alguém gostaria de falar algo para alguém. Isabel disse para Polyana que pensa que ela precisa ser mais decidida, correr mais riscos e tomar decisões pessoais. Polyana foi se emocionando com a conversa, pois seus olhos ficaram marejados. Além disso, Isabel se propôs a ajudar Polyana a encontrar profissionais das áreas de interesse da colega a fim de entrevistá-los.

Laura comentou que imagina que Polyana fica bastante indecisa até mesmo ao ter que comprar uma roupa e disse que às vezes tem a impressão que a colega quer tudo ao mesmo tempo. Ressaltou que não é possível desejar todas as opções e que as escolhas são necessárias.

Júlia perguntou para Polyana se ela tinha pressa de entrar na faculdade. Polyana respondeu que os pais não queriam mais pagar cursinho e gostariam que ela entrasse direto na faculdade. Em seguida, perguntei como Polyana se sentia com essa atitude dos pais. Ela respondeu que se sente pressionada. Refleti para Polyana que o tempo dela era diferente do tempo dos pais e que

parecia que eles não estavam entendendo isso. Polyana começou a chorar e disse que seus pais esperam que ela seja aprovada numa faculdade pública.

Júlia disse para Polyana que seria importante que ela se colocasse mais em primeiro plano, além de parar de se preocupar tanto com a opinião alheia. Alice questionou se Polyana se sente comparada com a irmã. Polyana disse que sim. Laura exemplificou para Polyana que, embora esteja fazendo cursinho pelo segundo ano consecutivo, não sente que está sendo tempo perdido.

Logo após, perguntei para Polyana como ela estava se sentindo após ouvir os apontamentos do grupo. Polyana disse que sempre quis ser mais decidida, mas não consegue. Júlia disse perceber que Polyana não consegue realizar suas coisas, pois antes mesmo de tentar algo, antecipa que não irá conseguir. Complementou que cria um pensamento negativo, que funciona como barreira para suas conquistas. Polyana parece ter acatado o comentário de Júlia, pois disse que realmente pensa que precisa mudar e acreditar mais em si.

Perguntei como Polyana estava se sentindo agora que o encontro estava terminando e ela respondeu que se sentia mais aliviada e que concorda que precisa mudar. Disse que foi bom ter conversado. Percebi que o grupo a ajudou.

Tive a impressão que o encontro se hoje plantou uma semente em cada participante: que é preciso se conhecer para fazer escolhas. Os próximos encontros vão me dizer se essas sementes estão brotando...

Ao final, comentei se na semana seguinte faríamos mesmo a última sessão ou se gostariam de mais encontros. Isabel sugeriu que houvesse mais um encontro. Laura, Alice e Polyana concordaram. Percebi que Júlia não se

manifestou. Diante disso, perguntei se ela também estava de acordo e respondeu-me que sim.

Combinamos então que faríamos mais um encontro. Em seguida, pedi que escrevessem as versões de sentido e, em seguida, nos despedimos.

Narrativa 4º Encontro

Enquanto eu e Érica arrumávamos a sala, comentei com ela que a mãe de Jéssica havia me telefonado para avisar que a filha não viria hoje ao grupo, pois estava fazendo um trabalho escolar.

As outras participantes chegaram e nos cumprimentamos na sala de espera. Convide-as para irmos para a sala do grupo. Logo que se acomodaram, avisei-as que Júlia não estaria hoje presente.

Em seguida, pedi que as participantes olhassem para a semana que passou e lembrassem o que aconteceu de significativo para cada uma.

Laura disse que não tinha nada para contar.

Alice contou que largou o cursinho e disse que, a partir de agora, vai se dedicar em ajudar o pai com projetos de elevador. Falou que não é apaixonada por esse trabalho, mas vai querer prestar Engenharia Civil para poder ajudar o pai. Em seguida, perguntei o que a levava a fazer essa opção. Alice respondeu que, se ela não trabalhar para o pai, ele vai ter que pagar para alguém fazer o trabalho e, já que ela tem conhecimento de como trabalhar na área, ela sentiu que deveria ajudá-lo. Nesse momento, pensei que ao invés de escolher, Alice pudesse estar sendo escolhida.

Logo após, Polyana contou que sua mãe se queixou essa semana que ela está usando o telefone por longos períodos do dia. Polyana relatou que, na maioria das vezes, ela recebe ligações e não sabe finalizar as chamadas com os amigos. Disse ter ficado chateada porque a irmã também usa bastante o telefone, mas não é repreendida pelos pais.

Relatou ainda que fez a prova de direção para tirar carta e foi aprovada logo na primeira vez. Polyana ficou sabendo pela irmã que seu pai disse que achava que ela não seria aprovada. Polyana manifestou ter ficado bastante chateada com isso. Segundo ela, a irmã passou pelo exame por várias vezes até ser aprovada. Fiquei com a impressão que o fato de Polyana ter se saído melhor que a irmã nesse aspecto fez bem a ela. Relatou que percebe que os pais não acreditam nela e valorizam muito a irmã. Contou ainda que chora muito sozinha por isso.

Refleti para Polyana que percebo que ela tem pouco espaço para expor suas vontades e opiniões em sua casa e se sente magoada com as comparações que os pais fazem entre ela e a irmã. Polyana começou a chorar. Érica passou uma caixinha de lenço para Polyana.

Após alguns segundos, Polyana disse com uma voz pausada pelo choro, que concorda comigo. Relatou ainda que se sente muito triste as comparações dos pais e que ao invés de falar para os outros aquilo que pensa e lhe incomoda, guarda para si. Percebi que Polyana estava com um ‘ nó na garganta’, um nó que ela não consegue desatar por guardar muitas coisas para si.

Em seguida, perguntei como Polyana estava se sentindo após ter dividido suas questões com o grupo. Ela respondeu que estava se sentindo mais aliviada, mais leve.

Questionei se alguém do grupo gostaria de dizer algo para Polyana. Laura disse que freqüentemente fica preocupada com Polyana e pensa que seria importante que a colega falasse aos pais aquilo que a magoa. A fala de Laura me mostrou que ela se sente impotente por não poder ajudar a colega da maneira que gostaria; pareceu-me que ela gostaria de fazer mais por Polyana.

Logo após, Isabel manifestou que o fato dela ter perdido seus pais cedo, fez com que tivesse durante bastante tempo, dó de si mesma e, conseqüentemente, sentia que os outros tinham dó dela. Isabel começou a chorar. Em seguida, Alice também começou a chorar. Érica ofereceu lenços para as duas. Nesse momento, percebi que Alice se emocionou com os relatos que estava ouvindo. Notei que embora fale pouco, Alice está conectada com o grupo.

Isabel ainda chorando, continuou dizendo que, durante dois anos da sua vida, não conseguiu ir à escola, por conta desses problemas, e acabou sendo reprovada por faltas. Nesse período, disse que começou a olhar mais para si própria; passou a não se cobrar muito e a se conhecer melhor. Relatou também que precisava se conhecer para encarar o mundo e considera que cresceu muito nesse período. Confesso que nesse momento, fiquei muito sensibilizada com a fala de Isabel e senti uma vontade enorme de chorar. Embora eu tenha ficado com os olhos marejados, consegui impedir que as lágrimas caíssem.

Logo após, Isabel olhou para Polyana e falou que esses dois anos difíceis que viveu foram necessários para ela “se refazer” e o fato de ter perdido a mãe aos 14 anos, por mais difícil que tenha sido, fez com que amadurecesse muito. Isabel complementou que tem problemas de relacionamento com a irmã, enquanto Polyana passa por uma relação difícil com os pais. Isabel contou que o marido de sua irmã pensa que ela é doente.

Laura comentou o assunto que o grupo estava tratando, dizendo que enxergava tanto a morte da mãe de Isabel como os dilemas familiares vividos por Polyana como ‘superação’. Contou que viveu algo parecido com a situação de Isabel quando perdeu sua avó e teve que superar a dor da morte dela. Relatou que foi difícil chegar na casa da avó e perceber que ela não estava lá. Laura começou a chorar e continuou dizendo que sempre acha que ela está ao seu lado. Contou que sua mãe é kardecista e que isso fundamenta suas crenças da presença de sua avó em sua vida. Exemplificou que já sentiu sua avó passando a mão na sua cabeça. Disse também que passou por dois anos de luto, desejando que a avó voltasse.

Em seguida, Laura se dirigiu a Polyana e disse com firmeza que ela deveria acreditar que seus problemas, a partir de agora, não iriam mais derrubá-la e que era preciso que ela caísse e levantasse quantas vezes fossem necessárias. Enquanto falava, Laura fazia gestos com as mãos. Falou ainda que pensa que Polyana deveria enfrentar seus pais com superação e força. Tive impressão que a fala de Laura conseguiu expressar exatamente o que ela queria, pois observei que o que ela mais queria passar para Polyana era “força”.

Perguntei quem mais gostaria de dividir situações semelhantes com aquelas que estávamos ouvindo. Isabel disse que sempre quis mostrar para sua irmã que conseguiria passar no vestibular e, com o tempo, começou a entender que não precisa mostrar nada para ninguém e sim para si própria, pois, quando ninguém acreditou nela (Isabel), ela mesma estava acreditando e isso fez a diferença. Disse ainda perceber que Polyana espera a aprovação de seus pais, assim como ela esperava da sua irmã. Isabel disse com firmeza que pensa que Polyana deve acreditar mais em si própria.

Refleti para o grupo que o encontro de hoje havia tocado todas as participantes e que percebi que elas precisavam desse espaço para se esvaziar de coisas que estavam lhe incomodando. Logo após, perguntei como estavam se sentindo agora que compartilharam conosco coisas tão íntimas. Polyana relatou estar se sentindo bem mais aliviada e com a sensação de realmente ter se esvaziado. Isabel disse que foi importante para ela desabafar e falar de coisas tristes de sua vida. Comentou também que não fala sobre a perda de seus pais com qualquer pessoa. Nesse momento, pensei que Isabel confiou muito no grupo por ter dividido conosco suas feridas e me senti muito bem com isso. Alice comentou que o encontro de hoje foi bastante importante para todas e com ironia, disse que as amigas eram culpadas por tê-la feito chorar.

Ao final do encontro, pedi que escrevessem as versões de sentido. Isabel quis ler sua versão. Percebi que ao fazer isso, fez uma declaração de amizade às outras integrantes. Logo após, Alice comentou que hoje vieram para cá para chorar. Algumas concordaram e outras sorriram. Em seguida, nos despedimos.

Num determinado momento, percebi que na tentativa de ajudar Polyana, o grupo estava dando ênfase nas suas questões. Diante disso, fiquei preocupada se Polyana estava se sentindo muito exposta ou invadida, mas com o passar do encontro, outras participantes foram colocando suas questões pessoais, o que me deixou aliviada. Tive a impressão de que o fato de Júlia não ter estado presente, facilitou o diálogo tão íntimo e sincero das outras participantes.

Observei também que o encontro de hoje foi pautado em trocas de confidências e que embora essas meninas sejam amigas fora do grupo, saíram daqui conhecendo ainda mais umas às outras. Senti que não houve necessidade que eu me expressasse tanto hoje, pois o grupo seguiu um fluxo natural de diálogo. A isso denomino empatia, pois umas tentaram se colocar na vida das outras e exemplificavam com exemplos de suas vidas pessoais. Penso que isso gerou uma sensação em todas de que ali dentro estavam sendo entendidas e apoiadas. Foi um encontro muito rico.

Narrativa 5º Encontro

O encontro iniciou-se com as cinco participantes e as duas coordenadoras.

Em seguida, refleti que, hoje faríamos o último encontro e por isso, seria interessante refletir sobre o significado que o grupo teve para cada uma; como cada uma chegou e como estava saindo do grupo.

Júlia começou dizendo que, no início, achava que o processo seria de direcionar profissões e, com o passar dos encontros, percebeu que isso não

iria acontecer. Falou que gostou de ouvir as experiências das outras pessoas e sentiu que pôde ajudar os outros. Comentou que vivemos juntas um processo de trocas de experiências. Manifestou ter ficado chateada por não ter comparecido na semana anterior. Disse que, por ter visto, no grupo eletrônico (temos um grupo virtual, para dividirmos e-mails) as manifestações das outras participantes com relação ao encontro passado, ficou pensando que havia perdido o melhor encontro. Alguém comentou que foi um encontro de muitas emoções e lágrimas. Quanto às profissões, Júlia disse acreditar que vai realmente prestar Economia ou alguma Engenharia.

Em seguida, Polyana disse que está saindo diferente de como entrou no grupo, pois percebe que está buscando ter mais confiança em si mesma. Disse também que nesse grupo aprendeu muitas coisas, entre elas que é preciso confiar em si para que os outros também confiem.

Isabel concordou com Polyana, pois percebe que também está saindo diferente e com maior confiança em si mesma. Disse que o grupo fez com que refletisse sobre assumir suas próprias responsabilidades e possibilitou que ela se conhecesse melhor e pensasse mais em si. Quanto às profissões, disse que realmente optou por Matemática. Falou que, durante a semana, ficava na expectativa de que chegasse logo o dia do grupo e que vai sentir falta dos encontros.

Laura disse que no grupo teve grande identificação com Júlia e isso facilitou que ela enxergasse a si mesma. Frisou estar contente em perceber que Polyana melhorou bastante. Comentou que, embora conhecesse algumas participantes antes do início do grupo, as conversas que surgiram aqui foram diferentes das que costumam ter no dia-a-dia. Além disso, achou que, o fato de

trocarem experiências foi bastante importante. Comentou que, toda vez que saía do grupo, se sentia mais leve e com uma consciência mais ampliada. Falou que ficava calma, sossegada e na expectativa para o próximo encontro. Disse também que assumiu o grupo como um compromisso e que irá sentir saudades das pessoas e das conversas.

Alice disse que gostou bastante do grupo e que o vê como um aprendizado. Notou que teve a possibilidade de se conhecer melhor nesse espaço. Disse que pôde se perceber no grupo muito mais como ouvinte. Quanto às profissões, relatou que ora se vê decidida em seguir os rumos profissionais do pai e, ora não. Disse que, muitas vezes, se sente sobrecarregada pelos seus pais. Durante os encontros, percebi que Alice é bastante observadora, porém bastante conectada com o grupo. Observei também que o fato de Alice estar sempre ouvindo atentamente as questões, permitiu que as pessoas se sentissem apoiadas e entendidas naquele espaço.

Pedi então que as participantes refletissem sobre o trabalho das coordenadoras.

Polyana disse que gostou bastante, pois em momento nenhum se sentiu direcionada. Relatou ter percebido que minha atuação e a da Érica eram feitas no sentido de ampliar a consciência que cada uma tem de si. Gostei muito de ter ouvido isso dela, pois realmente tive a intenção de ajudá-las nesse aspecto.

Isabel disse que minhas intervenções facilitaram que ela se conhecesse melhor e pensasse mais em si própria.

Laura disse que, no início, imaginava que ia ter que responder a vários questionários devido a uma experiência anterior que teve em Orientação

Profissional. Percebeu que se enriqueceu mais nesta experiência não-diretiva, pois pôde compartilhar vivências e buscar se conhecer.

As participantes manifestaram interesse em continuarmos nos encontrando uma vez por mês.

Falei sobre o significado que o grupo teve para si e para a pesquisa. Érica manifestou ter gostado muito de participar desse processo e disse que foi uma experiência gratificante e enriquecedora para sua vida.

Relatei estar percebendo que o grupo foi um processo bastante enriquecedor e construtivo para todas nós.

A reunião foi encerrada com as versões de sentido e com um abraço de grupo. Em seguida, dei um doce para cada uma delas.

Após ouvir os relatos, tive a nítida sensação que esse grupo possibilitou que cada participante se percebesse e se conhecesse mais, além de terem tido a oportunidade de se perceber na relação com outras pessoas.

Fiquei muito satisfeita em ter visto também que esse processo permitiu que as integrantes do grupo comesçassem a construir um referencial interno, capaz de ajudá-las a direcionar suas vidas.

ANEXO 4- Versões de sentido de cada encontro

1º. Encontro

Isabel

“Achei o fato de estarmos com dúvidas em comum muito legal. A troca de emoções e sentimentos é muito importante diante desse momento de escolha pelo qual passo agora. Sinto-me bem ao falar sobre essas experiências que vivi e ao ouvir as experiências de outras pessoas também. Estamos meio perdidas ainda, mas acho que temos muito o que aprender umas com as outras, para formar certas opiniões. A alegria de todos é muito contagiante também! Isso é muito bom! CONFIDÊNCIAS”.

Laura

“Após esse encontro percebi que todas nós temos algo em comum, e mesmo as minhas amigas com as quais converso todos os dias disseram coisas que ainda não sabia, e aumento o meu conhecimento sobre elas. A Júlia, nossa nova colega, me ajudou a perceber que não sou a única que precisa mostrar as coisas para que os outros sintam orgulho de mim, me dando alívio de que não sou um ‘passarinho fora do ninho’, e que talvez nós duas possamos construir algo que nos ajude a superar esse sentimento. Adorei o encontro e me senti feliz por poder compartilhar sentimentos, que nem todos compreendem e acabam interpretando mal, e que a Camila pôde esclarecer alguns deles, ajudando assim a me melhorar como ser humano. COMPARTILHAMENTO”.

Alice

“É muito bom saber que não sou só eu, mas que também outras pessoas sofrem pressão dentro de si e de familiares. É impressionante ver o quanto um gesto, uma conversa de cinco minutos, pode mudar completamente uma opinião que considerávamos já formada. De certa forma, ‘tira’ o medo que temos em nos expressar e contar fatos de nossas vidas. Todos deveriam formar grupos para desabafarem, e se desprenderem de algo julgam ser um bicho de sete cabeças. Ótima experiência. EXPERIÊNCIAS”.

Polyana

“Gostei bastante em estar participando deste grupo, pois, como foi comentado, temos praticamente o mesmo problema. Já estou me sentindo um pouco ansiosa para o próximo encontro. Às vezes, pensamos que conhecemos bastante uma pessoa, mas cada vez mais percebemos que estamos juntos descobrimos mais afinidades, tanto para pessoas que já convivemos o dia-a-dia, quanto para as que conhecemos hoje. Estou bem confiante de que participar deste projeto (grupo) vai me ajudar bastante futuramente, como pessoa ou na escolha de uma profissão. UNIÃO”.

Júlia

“Cheguei aqui um pouco chateada devido a alguns problemas pessoais, e vou sair daqui mais animada, com mais expectativas em relação à vida, às pessoas, a tudo! Nesse primeiro encontro, senti que rolou uma certa afinidade entre todas e que juntas vamos nos ajudar de alguma maneira. EXPECTATIVA”.

Camila

“Quantas questões! Quanta energia! Quanta participação! Quanto trabalho pela frente. Que gostoso que será dessa forma. Me sinto feliz ao término desse encontro e com uma expectativa de que será muito prazeroso e produtivo. JUVENTUDE”

Érica

“Puxa, quanta coisa que surgiu aqui hoje! Acho que, de início, estava meio apreensiva quanto ao que ia ser e acontecer aqui. Agora vejo que todas trouxeram muitos assuntos e pareceram estar a fim de compartilhar umas com as outras. Estou animada. Senti que elas foram ficando à vontade ao longo da conversa e eu também me sinto mais à vontade. COMPARTILHAR”.

2º Encontro

Isabel

“Decisões, emoções, influências, interferências, enfim, quantas abordagens, quantos pensamentos, quanta alegria, quanta necessidade de aprovação. São tantos os assuntos, tanta coisa a ser dita, que me fazem ir além, procurar uma resposta, algo que explique o porquê da dificuldade da escolha. São momentos como esses que me mostram o quanto ter amigos, ser amigo é importante. Estou crescendo com as observações feitas nesse grupo, e a sensação de poder contar o que passa e ser ouvida é muito boa, faz com que eu me sinta mais leve. Às vezes, me sinto muito só, acho que isso pode ser pelo fato de não ter minha mãe aqui para conversar a respeito dos mais

diversos assuntos. Por isso, gosto de falar e de ouvir o que todas têm a dizer. Visões diferentes podem mudar muito todos. SINCERIDADE”.

Laura

“Mais uma vez percebi que a Júlia é muitíssimo parecida comigo, e assim me sinto bem em saber que há pessoas parecidas comigo, e que também posso mudar algo que realmente sei que não é benéfico para ninguém. Hoje pude perceber que quando cada um conta sua experiência, faz com que você veja se algum dia você poderá trabalhar com aquilo e trazendo também conhecimento sobre áreas que apenas conhecemos por nome, e que não sabemos sobre sua rotina na realidade. Os sentimentos hoje estavam bem aflorados, principalmente na questão familiar, onde os pais, por mais amorosos e cuidadosos, acabam dizendo coisas que nos magoam muito. Espero que elas superem essa desconfiança que eles têm sobre elas, e que elas passem no vestibular e que, de uma maneira ou de outra, mostrem o potencial que elas possuem, pois tenho certeza que são capazes. PERSEVERANÇA”.

Alice

“Questões como a cobrança dos pais sempre surgindo nos mostra um certo dever para com a escolha profissional. Talvez o cansaço, o desgaste durante o trabalho, acabam fazendo com que uma pequena conversa familiar transmita certa pressão de que o melhor a fazer é garantir uma renda e não a própria felicidade. Nos sentimos abatidos, meio perdidos com essa questão diversas vezes. PLANOS”.

Polyana

“O encontro de hoje me fez pensar que a proximidade dos pais, dos amigos interfere muito em nossas vidas, na questão de eles poderem dizer como você é, seu jeito de ser. Às vezes, nem mesmo a própria pessoa se conhece tão bem quanto as que estão à sua volta. COMPREENSÃO”.

Júlia

“O encontro de hoje me fez pensar em várias coisas, como a identificação com o próximo nos ajuda a nos sentir bem. O fato de poder trocar informações com outras pessoas que não convivem comigo também é um fator muito interessante. Além da possibilidade da troca de informações, os encontros têm sido para mim a possibilidade de um refúgio, onde eu posso desabafar e expor meus sentimentos sem nenhuma cobrança. Aqui é um lugar onde eu me sinto à vontade para expor meus pensamentos. IDENTIFICAÇÃO”.

Camila

“Percebo que as participantes estão conseguindo se ver umas nas outras, como uma imagem no espelho e isso está permitindo que cada uma se conheça melhor. Me sinto bem ao saber que a proposta do trabalho em grupo está ajudando num maior autoconhecimento. Questões importantes surgiram aqui hoje: pressões dos pais, mercado de trabalho, gostar do que faz... Me parece que as opiniões compartilhadas em relação a esses assuntos puderam trazer várias reflexões. REFLEXÃO”.

Érica

“Na hora de fazer escolhas, quantas coisas estão presentes! Pressão de pais, recompensas, retornos, o que gostamos ou não. Afinal, o que pesa mais na hora de decidir? Tem alguma coisa a pesar mais? São coisas que me deixaram a pensar... PENSATIVA”.

3º Encontro

Isabel

“O que ser? O que fazer? Qual caminho seguir? Quem ouvir? Quantas dúvidas propostas aqui! Sinto-me com a vontade de querer dar sentido a tudo. Como tudo isso se torna difícil, ainda mais por saber que não se pode fazer tudo por todas as pessoas. Vejo muita confusão diante das escolhas e aceitações; acho que tudo isso vem do fato de ter pouco conhecimento de si mesma. Ao longo dessas três quartas-feiras, pude parar e olhar mais para o meu eu, observar coisas que eu não conseguia. Ao longo da vida, precisei ouvir coisas para perceber que aprendi e cresci muito depois que minha mãe morreu talvez hoje eu pudesse estar passando por situações semelhantes à das meninas. Fico feliz de estar me conhecendo e espero que elas consigam se conhecer também. ACEITAÇÃO”.

Laura

“Hoje nós tentamos ajudar a Polyana a possuir mais confiança nela mesma, mas é difícil quando os pais recriminam suas atitudes dando a ela mais nervosismo que esse momento de pré-vestibular já causa, podendo até

levar a experiências não muito legais. Eu gostaria que ela se conhecesse e os pais passassem por uma análise psicológica para entenderem esse momento, mas acho que infelizmente isso não será possível e ela terá que enfrentá-los e traçar seu caminho. Além da Polyana, discutimos sobre como se organizar no mercado de trabalho, entre outros... Pude perceber que consegui contribuir com algumas idéias, me sentindo útil para o conhecimento de todos e para mim também. Gostei do encontro de hoje, me senti capaz de notar as coisas mais rapidamente e com o foco necessário. AUTOCONHECIMENTO”.

Alice

“O que precisamos saber e até onde temos que conhecer uma área para, de certa forma, nos encantarmos por ela? Levo hoje desse encontro mais clareza em como nos expressar e o que é importante perguntar a um profissional de uma área de interesse e também como ele se realiza em sua profissão.” ESCLARECIMENTO

Polyana

“Às vezes, não conseguimos enxergar nós mesmos, mas devemos batalhar e persistir no nosso defeito, no nosso maior obstáculo. Hoje percebi que, para conseguir o que mais quero, devo correr atrás até alcançar e não me importar tanto com as opiniões alheias. APRENDIZAGEM”.

Júlia

“No encontro de hoje, a troca de experiência foi muito importante, pois tentamos ajudar uma pessoa que está ‘perdida’ em relação à escolha de uma profissão. Tudo que é falado aqui é aproveitado de alguma forma e, sempre

que termina um encontro, eu continuo pensando em tudo o que aconteceu e isso tem me ajudado muito. As nossas conversas tem feito eu parar para pensar em coisas que eu jamais pensei antes e isso está sendo muito bom para mim.” AJUDA

Camila

“Ficou forte hoje para mim que, para escolher, é preciso primeiro um autoconhecimento e depois o conhecimento das profissões. Sinto uma vontade imensa em ajudar a Polyana. É como se eu ouvisse um chamado interno me pedindo isso. Percebo nela muita indecisão, vulnerabilidade e sensibilidade. A maneira como ela lida com a própria vida me toca. O fato de valorizar mais os outros do que a si mesma me preocupa. Percebo que falta autoconhecimento e valorização pessoal, fatores que poderiam auxiliá-la. VALORIZAÇÃO”.

Érica

Tomar uma decisão, escolher uma entre tantas opções pode ser um tanto quanto difícil e trabalhoso. Assumir uma coisa frente a tantas outras e abrir mão do resto. Como poderemos nos conhecer melhor para saber o que queremos? REFLEXÃO”.

4º Encontro

Isabel

“Como a vida dá voltas! Olhando para o passado e agora para o presente, vejo o quanto amadureci e o quanto posso amadurecer mais. Diante da relação da Polyana com os pais, pude ver que a troca de experiências pode ser muito mágica. Outra coisa que me fica é a importância da amizade, amizade essa que quero levar para a vida toda, afinal elas se tornaram minha família. A confiança vem crescendo entre todas e isso me fortalece! Quantas coisas mais vamos viver? Essa é a pergunta que me fica! O engraçado é que não ligo para a resposta! Espero só que possamos estar presentes ao longo dos anos para passar momentos como os de hoje! Amo essas meninas demais! AMIZADE.”

Laura

“Aprendi hoje que, mesmo conhecendo as pessoas, nós não fazemos idéia de como é o relacionamento que elas possuem com os seus familiares. Não sabemos se as pessoas estão bem ou precisam de ajuda, como aconteceu com a Polyana nesse encontro, onde pudemos ouvi-la e entender a turbulência [familiar] que ela está passando. Além disso, as experiências não muito boas que a Isabel teve com a morte de seus pais nos mostrou que ela ultrapassou barreiras para ser vitoriosa com si mesma. Espero que a Polyana tenha a mesma força dentro de si e construa com dedicação a confiança que ela tanto necessita. SUPERAÇÃO”.

Alice

“O encontro de hoje foi muito tocante, com muito sentimento nas palavras, e que de certa forma nos anima para vencer na vida, mesmo que ela nos faça chorar. Levo que o amor, acima de tudo e de qualquer fato, está presente. Que o levemos sempre nas nossas escolhas, nossos atos, nossas vidas.” AMOR

Polyana

“Hoje eu e as outras meninas estamos saindo bem aliviadas e mais soltas em poder colocar um pouco da nossa vida pessoal aqui. Realmente, eu precisava muito disso, pois me sentia um pouco ‘sufocada’ com meus problemas. As histórias que pudemos ouvir hoje, com certeza vão nos ajudar a crescer. Há pessoas que passam por dificuldades maiores, mas que conseguem curá-las e resolvê-las, basta começar por si mesma! Só tenho a agradecer tudo o que vocês têm feito por mim... ACOLHIMENTO”.

Camila

“Quantas experiências e sentimentos compartilhados. Quanta troca! Sinto que hoje as pessoas trouxeram questões íntimas e confiaram na capacidade do grupo de ajudá-las de alguma maneira. Vejo que a troca de experiências e o fato de poder olhar para o outro auxilia a olhar para si mesmo. COMPARTILHAR”.

Érica

“Quanta coisa pode ser compartilhada aqui hoje! Sinto que as pessoas estavam muito conectadas umas com as outras, ouvindo, contando suas histórias, se abrindo e dividindo experiências, querendo ajudar as outras. Tudo fluiu muito naturalmente. Acredito que todas saem daqui agora muito tocadas. FORÇA”.

5º Encontro

Isabel

“Quanto conhecimento! Que forma gostosa de aprender a conhecer cada um, a olhar para si. Aprendi muito com todas e sinto que vai fazer falta não estar aqui todas as quartas-feiras. Vou sair daqui com outra visão das pessoas e de mim, com a consciência de que é preciso saber quem você é para tomar uma decisão. Aprendi também que a responsabilidade das minhas escolhas é só minha. Espero que todas possam ter aprendido, em primeiro lugar, consigo e, depois, com as experiências dos outros. Adorei estar aqui e poder compartilhar o que sei e o que vivi até hoje. CONHECIMENTO”.

Laura

“Fiquei muito contente em participar do grupo. Hoje, que é o último dia, percebi alguns dons em mim que antes não tinha reparado, como ajudar as pessoas ou até ser palestrante, como a Alice me disse. Talvez eu siga essa ‘carreira’ e, com certeza, convidarei todas para a minha palestra. Aprendi com a Júlia que algumas atitudes que ela tem eu também tenho e que, às vezes, as

peessoas comentam e recriminam. Vendo uma pessoa que tem atitudes parecidas com as minhas, pude perceber que, às vezes, as pessoas têm razão. Assim, tento, a cada dia, melhorar com esses defeitos que todas temos, tentando assim ser uma pessoa melhor. Toda vez que saio do grupo, me sinto leve e com a sensação de que nada de ruim pode me acontecer. O grupo me fez sentir bem e parecendo que todos podiam me ouvir sem me recriminar e por isso fico muito contente por tudo. AUTOCONHECIMENTO”.

Alice

“Como é bom podermos ter a liberdade para indagar certas questões e podemos levá-las no rumo e no tempo que precisamos naquele momento. Percebo que, o que por muito tempo achávamos que seria certo, talvez, não seja nosso propósito maior. Vejo que não temos a obrigação de continuar algo por simplesmente ter começado em nosso lar. Saio daqui com mais coragem. CORAGEM”.

Polyana

“Estou muito satisfeita por ter me conhecido um pouco mais, por entender o significado da frase que muitos dizem: ‘é preciso se conhecer antes de mais nada’. Achei que iríamos sair destinados, orientados para uma profissão, mas foi muito melhor que isso, pois ninguém pode decidir por você além de você mesma, simplesmente pudemos trocar conhecimentos para ajudarmos uns aos outros. SABEDORIA”.

Júlia

“Último encontro... tantas conversas, risadas e trocas de experiências, me marcaram muito, são coisas que levarei para a vida toda! Volto a dizer que cheguei com muito medo e desconfiança, mas com o passar dos encontros isso foi embora. Levo os nossos encontros como uma experiência de vida ótima. Saio muito satisfeita com um gostinho de quero mais! Foi uma oportunidade única! Agradeço a todos por me ouvirem e por tentarem de alguma maneira me ajudar. SAUDADE”.

Camila

“Sinto que esse grupo foi um espaço de troca. Aqui compartilhamos experiências, emoções, conflitos e indecisões. Foi um espelho em que as pessoas puderam se ver umas nas outras. Foi uma lupa que permitiu que cada uma se conhecesse melhor, se olhasse interiormente e confiasse mais em si. Vejo que foi um espaço de diálogo externo e interno. BUSCA DE SI”.

Érica

“Acho que elas saem daqui diferentes de como chegaram. Bom saber que elas ganharam e se enriqueceram com esses encontros. Bom saber que, para elas, esses momentos propiciaram coisas importantes e que fizeram algum sentido para elas. SATISFAÇÃO”.

ANEXO 5- Versões de Sentido reescritas para análise

Neste item, as versões de sentido foram reescritas pela pesquisadora e agrupadas por participante.

Isabel

1º Encontro: demonstra uma expectativa positiva quanto ao que aconteceria no grupo. Descobriu o potencial de troca que o espaço grupal tem. Inicia um processo de autoconhecimento. Sentiu-se bem ao falar sobre suas experiências e ao ouvir as dos outros.

2º Encontro: reconhece que ela e o grupo manifestam necessidade de aprovação dos outros. A experiência compartilhada faz com que se sinta mais leve e abre possibilidade para mudanças.

3º Encontro: percebe que diante das dúvidas que surgem no grupo, sente-se com vontade de dar sentido à elas na medida em que se manifestam em sua vida. Percebe que a falta de autoconhecimento dificulta a escolha e reconhece estar se conhecendo melhor.

4º Encontro: reconhece que amadureceu ao longo do tempo. Ressalta o potencial positivo da troca de experiências. Sentimento de amizade por colegas do grupo.

5º Encontro: constatou que aprendeu a olhar mais para si e para o outro. Manifesta antecipadamente que sentirá falta do grupo. Percebeu que com a experiência vivenciada no grupo aprendeu que é preciso se conhecer para fazer escolhas e que a responsabilidade dessas opções de vida é de cada um. Percepção do quanto foi bom para ela compartilhar.

Laura

1º Encontro: percebeu que todos têm problemas comuns. Identificou-se com Júlia, o que permitiu que se enxergasse nas atitudes dela, se sentindo aliviada. Constatou que os sentimentos compartilhados foram aceitos no grupo de uma maneira que não acontece em outros espaços. Sensação de estar sabendo mais sobre seus sentimentos após as reflexões. Sentimento positivo em relação à psicóloga.

2º Encontro: sente-se bem novamente com a identificação com Júlia. A experiência compartilhada aumenta o conhecimento sobre as profissões. Sentimento de compaixão por colegas do grupo.

3º Encontro: sentiu-se sensibilizada com o problema de Polyana e manifestou tentativa de ajudá-la. Percebeu que a troca de idéias foi útil para ampliação do conhecimento sobre profissões. Sentimento positivo em relação ao encontro.

4º Encontro: sente necessidade de ajudar os outros. Aprendeu com a vivência dolorosa de Isabel. Deseja que Polyana se espelhe na força de Isabel para resolver seus problemas.

5º Encontro: sentiu satisfação em participar do grupo. A identificação com Júlia permitiu que se conhecesse melhor. Avalia o grupo como um espaço que fazia com que se sentisse mais leve e com a sensação de ser ouvida e compreendida.

Alice

1º Encontro: sentiu-se aliviada em perceber que os outros também vivenciam problemas comuns. A sensação de pertença no grupo aumentou o diálogo.

2º Encontro: manifestou a influência dos pais como algo negativo. Percebe que talvez a escolha profissional esteja sendo feita a fim de garantir renda familiar e não como meio de satisfação pessoal.

3º Encontro: questionou-se do que é necessário saber sobre uma profissão para fazer uma escolha que a realize. Aprendeu o que se faz importante conhecer sobre as profissões.

4º Encontro: as experiências dolorosas compartilhadas motivaram-na pensar em crescer como pessoa. Reconheceu a importância de lidar com as escolhas, atos e com a vida com sentimento de amor.

5º Encontro: sentiu-se bem na possibilidade de falar sobre o que quisesse em seu tempo. Manifestou questionar se está fazendo uma opção profissional correta. Percebeu que a escolha é pessoal e que está mais encorajada.

Polyana

1º Encontro: foi positivo reconhecer problemas comuns. Mostrou expectativas em relação ao próximo encontro e que o processo irá ajudá-la a definir sua opção profissional.

2º Encontro: constatou que a influência dos pais e amigos interfere na escolha profissional de maneira negativa.

3º Encontro: percebeu a necessidade de perseverar diante dos obstáculos e objetivos da vida. Reconheceu ser importante não se importar com as opiniões alheias.

4º Encontro: sensação de alívio ao dividir problemas. Reconheceu que as experiências compartilhadas ajudarão todas a crescer. Ampliou a compreensão dos seus problemas a partir da escuta dos problemas das outras participantes, reconhecendo que a solução para eles se encontra dentro de cada um. Sentimento de gratidão pelo apoio do grupo.

5º Encontro: ampliou a consciência de si própria. Reconheceu que a escolha é pessoal e que ninguém pode escolher pelo outro. Manifestou que a troca de informações auxilia na ampliação do conhecimento das profissões.

Júlia

1º Encontro: sentiu-se com mais expectativas em relação à vida. Expectativa de que as pessoas possam se ajudar mutuamente.

2º Encontro: sente-se bem novamente com a identificação com Laura. Percebeu a troca de informações como algo positivo. Reconheceu no grupo um espaço de aceitação onde pode exprimir seus sentimentos sem julgamentos.

3º Encontro: reconheceu o potencial de troca do grupo. Sensibilizou-se em ajudar Polyana. Constatou que as discussões grupais têm permitido que reflita mais sobre si.

4º Encontro: *Faltou*

5º Encontro: reconheceu aprendizado com a troca de experiências. Os encontros fizeram-na adquirir experiência de vida. Sentimento de gratidão a todas por ouvirem-na e por ajudá-la.

ANEXO 6- Mensagens do grupo eletrônico

Neste item, seguem as mensagens do grupo eletrônico. Cada mensagem foi reproduzida descrevendo quem enviou e a data de envio.

05/09/08

De: Camila

Olá meninas, como estão?

Isabel, agradeço a criação do grupo. Informo que o e-mail da Érica para que você possa adicioná-la é...

Abraço a todas e até quarta.

Camila.

06/09/08

De: Alice

Boa Tarde! Abri uma conta aqui no mesmo provedor do nosso grupo eletrônico para facilitar. Não sei mexer direito ainda, mas vamos em frente.

Abraço a todas. Beijão! Um belíssimo final de semana.

07/09/08

De: Isabel

Oi meninas! Tudo bem? Imagina Camila, não precisa agradecer!

Alice pode ficar tranqüila, não precisava fazer um e-mail do 'yahoo', o do 'gmail' já está ótimo! Mandei o convite para a Érica também, agora só falta a Júlia!

Bom fim de domingo e começo de semana para todas!

07/09/08

De: Isabel

Camila, coloquei você como moderadora do grupo. Pode fazer as mudanças que quiser. E se você tiver o e-mail da Júlia pode adicioná-la também. Beijijos, Isabel.

0709/08

De: Camila

Isabel, agradeço [por oferecer que eu seja a moderadora do grupo], mas prefiro que você fique como a nossa moderadora. Faz parte da minha proposta que eu não fique sendo uma pessoa que direciona tarefas. Pode ser assim?

Logo que eu tiver o e-mail da Júlia te envio.

Beijos a todas e bom final de semana.

11/09/08

De: Isabel

Oi Pessoal!

Tudo bem com todas?

Adorei o encontro de ontem! Acho que as coisas estão se encaminhando para um conhecimento interior de cada um de nós e isso para mim é muito bom e importante!

Tudo certinho sim Camila, sem problemas, eu fico como moderadora!

Bom é isso ai, vou adicionar a Júlia e a Érica mais uma vez!!!

E quem está recebendo os e-mails do grupo poderia pelo menos dar um oizinho, para eu saber certo?!

Beijos!

Isabel

11/09/08

De: Polyana

Oisinho Isabel!Estou recebendo os e-mails sim, Obrigada!Beijos a todas.

11/09/09

De: Isabel

Ae [que bom] pelo menos três pessoas estão recebendo os e-mails. Agora só falta saber das outras. Beijos, Isabel.

11/09/08

De: Érica

Olá, meninas!

Como vão? Isabel, obrigada pelo convite [de me adicionar no nosso grupo eletrônico]. Bom final de semana pra vocês! Beijos, Érica.

11/09/08

De: Isabel

Oi Érica!

Comigo está tudo bem e com você?

Não precisa agradecer.

É bom saber que os e-mails estão chegando!

Boa sexta a todas!

Beijos!

Isabel.

12/09/08

De: Érica

Tudo bem comigo também! A semana foi muito boa! Estamos todas "plugadas" no grupo eletrônico já?

Bom final de semana para vocês!

Beijos,

Érica.

15/09/08

De: Alice

Opa, opa!

Eu também estou recebendo todos os e-mails. Como passaram o fim de semana?

Sábado fui à feira de profissões da Unicamp, um frio! Mas visitei vários institutos. Muitas fotos tiradas no de Biologia, coração, estômago, sistema urinário... impressionante! Colocarei em anexo para verem.

Domingo fui para Santo André, num evento que aconteceu na Feira do Estudante, muito bom! Havia várias faculdades, tirando dúvidas. Não sabia que havia essa feira lá, foi a terceira "edição" esse ano.

Enfim, só queria mandar notícias, afinal não sou muito de falar no grupo, por enquanto. Haha!

Grande abraço a todos.

Até quarta. Fiquem com Deus.

Beijos. Alice

15/09/08

De: Polyana

Nossa Alice, que legal!

Adoreiii as fotos, são muito interessantes!

Se eu soubesse teria ido também!

Na feira da Unicamp não dava mesmo para eu ir... mas se vocês souberem de alguma outra feira...nos avisem!

Beijão a todas! Polyana

24/09/08

De: Isabel

Oi pessoal!

Tudo bem com vocês?

Quanta coisa dita hoje hein, galera?

Adorei o encontro de hoje mesmo, vou sentir muita falta depois que acabar, acho que a gente poderia marcar de se encontrar uma vez por mês pelo menos pra se ver e matar a saudade das nossas conversas!

Obrigada por me escutarem hoje, acho que eu estava precisando me abrir!

Isabel

24/09/08

De: Polyana

Oi. Bem melhor agora. Eu também iria amar encontrar todas pelo menos um vez ao mês, ou mesmo de dois em dois meses, para não nos afastarmos.

Agradeço muito por vocês me escutarem e me compreenderem. Esse encontro me fez muito bem!

Ah Isabel, você sabe que eu sempre estarei aqui para o que você precisar... sempre!

Isso vale pra todas!

Um grande beijo a todas!

Polyana

24/09/08

De: Isabel

Polyana fico feliz de saber que você está melhor!

Espero que a gente possa te ajudar sempre!

E obrigada! Você também pode contar comigo sempre!

beijos

Isabel

24/09/08

De: Júlia

Olá meninas. Tudo bem com vocês?

Infelizmente não deu pra eu ir hoje...vi que perdi muita coisa...tava cheia de trabalhos e provas pra estudar...essa semana é a semana de provas...desculpa mesmo pela ausência...

Adorei conhecer todas vocês... Também vou sentir muita falta... concordo em nos encontrar mais vezes...

Beijos,

Júlia.

25/09/08

De: Camila

Olá meninas, tudo bem?

Fico muito feliz em saber que o encontro passado foi importante para todas nós.

Pelo menos ainda teremos o da semana que vem e aí poderemos combinar uma maneira de não perdermos o fluxo que o grupo vem seguindo.

Boa semana e até quarta.

Um beijo a todas,

Camila.

25/09/08

De: Alice

Um encontro muito bonito.

Poderíamos repetir a dose uma vez por mês mesmo, seria ótimo!

Espero que todas tenham se sentindo mais aliviadas, menos angustiadas depois de tantas lágrimas... que coisa linda!

Isabel: saiba que terá sempre grandes amigos ao seu lado, mesmo que "aquele" amigo não esteja presente em um momento que muito precisaria. Tantas pessoas com o coração cheio dos mais belos sentimentos, estarão sempre ao seu lado! Você as atrai. Estarei sempre disposta a atendê-la! Tem o meu número, certo?! rss.

Polyana: quanto conhecimento adquirido, hein? Olha que as histórias ali descobertas nos passam um grande ensinamento! Espero que tire muitos bons exemplos dali, vida afora. E ouvi-la, é um imenso prazer. Convenhamos que sou aquela que mais ouço. Sempre que precisar, me chame.

Júlia: poxa! Se estava precisando chorar, perdeu um belo encontro! Mas, se os estudos pesam... não tem como escapar, realmente! Teremos outra, esperamos que outras não é mesmo?!

Um grande prazer conhecê-la! Tamanha determinação e firmeza nos chama a atenção... com certeza não passará batido desse encontro, receberá muitos convites de "passeios" em na sua cidade e na nossa.

Laura: Cadê você aqui no nosso e-mail? Futura palestrante [Alice está se referindo á Laura dessa maneira por perceber que a Laura tem o dom de se expressar aos outros]! Vou assistir muitas palestras sua ainda, tenho certeza disso! Mande um ALÔ aqui de vez em sempre, haha!

No encontro passado você me fez chorar.

Camila: creio que tenha um "probleminha" a resolver, hahaha! Uma vez por mês. Serpa que tem um espacinho na sua agenda?

Grande amiga, que delícia poder ter a oportunidade de nos consultar contigo!
Que Deus abençoe e "encha", "entupa", "lote" sempre seu calendário anual! rs.
Indicações não faltarão!

Érica: que carinho mais aconchegante! Só nos "assusta" quando não pára de escrever,

Apareça mais aqui você também!

Um beijo estralado na bochecha direita de cada uma!

Uma semana abençoada a vocês.

Até quarta!

Alice

25/09/08

De: Polyana

Que lindo Alice! Estou sem palavras! Achei muito interessante você escrever um recadinho para cada uma... isso mostrou sua atenção, dedicação e preocupação com cada pessoa. Você pode ter a certeza de que sempre estarei com você! Sabe por quê? Porque você já mora em meu coração. Estou muito grata por tudo! Pelas palavras, pelos conselhos, pela ajuda e pela amizade sincera de todas! Enfim... Estou muito feliz por ter e ainda estar participando deste grupo. Um grande beijo a todas!

26/09/08

De: Érica

Olá, meninas! Puxa, como é gostoso saber de vocês que o grupo tem sido assim! Estou gostando muito de estar com vocês.

Alice, fico contente com sua manifestação no grupo, bom saber que tem se manifestado de forma mais observadora. Realmente, como comentou a Polyana, quanta atenção sua em escrever um recadinho para cada uma! Quanto ao "se assustar" quando eu escrevo, por favor, não se assustem! Tem alguns dados e algumas informações sobre os cursos que vocês querem fazer que são interessantes que eu anote para lembrar.

Bom final de semana para todas! Beijijos, Érica

28/09/08

De: Laura

Oi Alice! Não apareço sempre, porque quase não estou acessando a internet, mas prometo ser mais assídua nas visitas ao grupo online. Obrigada pelo recadinho e com certeza ter chamarei para uma futura palestra. Beijos. Te adoro.